

HUBERTO ROHDEN

Profanos
e
Iniciados

HUBERTO ROHDEN

PROFANOS E

INICIADOS

LAMPEJOS ESPIRITUAIS SOBRE A JORNADA DO HOMEM A DEUS

UNIVERSALISMO

ADVERTÊNCIA

A substituição da tradicional palavra latina *crear* pelo neologismo moderno *criar* é aceitável em nível de cultura primária, porque favorece a alfabetização e dispensa esforço mental – mas não é aceitável em nível de cultura superior, porque deturpa o pensamento.

Crear é a manifestação da Essência em forma de existência – *criar* é a transição de uma existência para outra existência.

O Poder Infinito é o *creador* do Universo – um fazendeiro é *criador* de gado.

Há entre os homens gênios *creadores*, embora não sejam talvez *criadores*.

A conhecida lei de Lavoisier diz que “na natureza nada se *crea* e nada se aniquila, tudo se transforma”, se grafarmos “nada se *crea*”, esta lei está certa mas se escrevermos “nada se *cria*”, ela resulta totalmente falsa.

Por isto, preferimos a verdade e clareza do pensamento a quaisquer convenções acadêmicas.

SINTONIZANDO...

A divisão da humanidade em profanos e iniciados é antiquíssima, e, talvez, a única realmente adequada, do ponto de vista da íntima essência do homem.

Que é um “profano”?

Que é um “iniciado”?

Digamos, em primeiro lugar, o que não se deve entender por “iniciado” ou “iniciação”. De quando em quando, recebo cartas da parte de adeptos de certas “escolas iniciáticas”, que me propõem misteriosas fórmulas cabalísticas; caso lhes saiba dar solução, sou considerado um “iniciado”; em caso contrário, passo por um “profano”.

Não me tenho em conta de Édipo para solver os enigmas dessas Esfinges.

Até o velho e sisudo doutor da lei, Rabi Nicodemos, julgava que a iniciação ou entrada no reino de Deus dependesse de algo que a gente “fizesse”, tanto assim que, a horas mortas da noite, foi ter com o maior dos iniciados que a humanidade conhece, a fim de saber o que teria de “fazer” para ingressar nesse universo espiritual. A essa pergunta, fartamente horizontalista, sobre o que o homem iniciado deva “fazer” para se tornar um iniciado, dá Jesus uma resposta, profundamente verticalista, sobre o que o homem deve “ser” para

“ver” o reino de Deus. É necessário, diz ele, “nascer de novo pelo espírito”.

Nicodemos, embora fisicamente vivo, estava espiritualmente morto.

Poderíamos até definir o estado do profano como sendo um homem “ainda morto”, ou “ainda não-vivo”, espécie de feto ou embrião nascituro, em estado de gestação mais ou menos adiantado ou atrasado; é possível que venha a nascer um dia, se a sua evolução correr normalmente; mas é

possível que também o fim dessa gestação espiritual venha a ser um aborto teratológico e a morte.

Ninguém pode vir a ser um iniciado pelo simples fato de “fazer” isto ou aquilo, porquanto é absurdo e intrinsecamente contraditório “fazer” algo sem primeiro ser algo ou alguém. “Agere sequitur esse”, diziam os antigos filósofos, o agir segue ao ser; não se pode agir ou fazer algo sem que primeiro se seja alguém, porquanto o ser é a causa do fazer, e a causa é logicamente anterior ao efeito.

Se eu pudesse tornar-me um iniciado pelo fato de fazer certas coisas, ou pelo fato de algum terceiro fazer algo por mim; se eu, por exemplo, pudesse ser iniciado no reino dos céus por alguma fórmula secreta, algum processo ritual

ou sacramental, algum mágico e misterioso conjunto de palavras que me jogassem automaticamente, ex opere operato, para dentro do mundo espiritual, sem a competente mudança interna do meu ser – se isto fosse possível, haveria contrabando até no reino de Deus, e o mundo de Deus deixaria de ser um cosmos para se transformar num caos. Entretanto, o reino de Deus é o único reino do universo onde não há contrabando ou entrada ilegal, por alguma portinhola secreta do fundo, seja a força de dinheiro ou sagacidade, seja por obra e mercê de bons amigos e protetores. No reino de Deus só se entra pela porta reta, honesta e pública da frente, isto é, pelo fato de ser alguém, de ser precisamente aquilo que se deve ser no plano eterno, para entrar nesse reino; e esse direito de entrada no reino de Deus consiste precisamente no fato de ser o homem um “renascido pelo espírito”, uma “nova creatura em Cristo”.

Não nos entendamos mal! Se é certo que nenhum homem pode entrar no reino de Deus por fazer alguma coisa que não seja ele mesmo, seu verdadeiro Eu espiritual, a sua “auto-realização” – por outro lado também é certo que o homem que é alguém pelo renascimento espiritual não deixará de fazer algo, e até muito, muitíssimo; ou melhor, esse homem é o único homem que pode fazer algo de real e positivo pelo verdadeiro progresso da humanidade.

A iniciação é um processo místico pelo qual o homem começa a ser alguém no plano da realidade eterna; e esse novo ser, essa nova criatura em Cristo não tardará a revelar-se como o único fator positivo e dinâmico no vasto drama da evolução ascensional do gênero humano, que, sem esse fator positivo, não passaria de uma série ou aglomeração de fatores negativos, de pequenos e grandes zeros, vacuidades de tamanhos vários e em grande quantidade, mas, enfim, zeros e fatores negativos, que nunca darão um valor positivo, por mais que se adicionem e multipliquem: $000 + 000 \times 000 = 000$. Mas, no momento em que antepusermos a essa longa série de zeros repletos de desoladora vacuidade, um fator positivo, todas as pequenas e grandes vacuidades são repletas da positiva realidade: 1.000.000.000, e cada zero, embora continue a parecer um nada, passa a ser algo, representando um valor real, graças à presença do “1”. Esse “1” é que redime todos os zeros da tara ou do “pecado original” da sua natural vacuidade, tornando-os plenos de realidade.

É exatamente o que acontece quando um homem renasce pelo espírito, quando um profano passa a ser um iniciado, de negativo se torna positivo, de morto que era nasce para a vida. E, daí por diante, sendo vivo, pode fazer o que morto algum vale realizar. O que um ainda-não-vivo poderia fazer (se algo pudesse fazer) seriam, quando muito, atos não-vitais; antes de poder fazer qualquer ato vital, tem de ser vitalizado, vivificado pelo espírito sempre-vivo e sempre-vitalizador.

Ser um iniciado quer, pois, dizer estar identificado com Deus pelo espírito divino, ou, nas palavras do grande vidente de Nazaré: “A vida eterna é esta:

que os homens te conheçam a ti, ó Pai, como sendo o único Deus verdadeiro”; ou ainda, nesta frase lapidar, em que Jesus nos diz que o céu, a vida eterna, consiste em “amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de toda mente e com todas as forças” – isto é o novo ser do homem místico, do qual brotará espontaneamente o novo fazer do homem ético – “amar o próximo como a si mesmo”.

A verdadeira iniciação nada tem que ver com fórmulas misteriosas. Consiste tão-somente nesta coisa tão singela e tão imensa, que é o encontro pessoal com Deus, essa estupenda revolução cósmica dentro da alma

humana e a subsequente sintonização da vida cotidiana, interna e externa, com essa grande e decisiva experiência.

Há pessoas que nunca tiveram esse encontro pessoal com Deus – são os ainda cegos, os ainda mortos, os analfabetos da espiritualidade. Entretanto, há dois grupos nesta classe: os que nem deram ainda o primeiro passo nessa grande jornada – e os que já deram o primeiro passo, e quiçá muitos outros, achando-se em qualquer ponto do caminho, mas ainda não atingiram a meta final. Os do primeiro grupo são os descrentes, os agnósticos, os chamados ateus, os da meia noite que, além de não terem experiência da luz, nem sequer crêem na existência dessa luz. Os do segundo grupo são os crentes, os viajores de boa vontade, os peregrinos do crepúsculo matutino, os que firmemente admitem a realidade da luz meridiana, embora não tenham ainda aberto os olhos para essa luz integral da Realidade. Se continuarem a andar em linha reta, rumo à luz, esses crentes de hoje virão a ser os sábios de amanhã, porque o crer é o caminho para o saber . O Cristo não era um crente,

mas sim um sábio; não cria apenas em Deus, como os viajores da fé penumbral, mas conhecia a Deus, como todos os que atingiram o termo final da jornada e possuem a visão direta e imediata da eterna Realidade, e podem dizer em verdade: “Eu e o Pai somos um.” No céu não há crentes – e muito menos descrentes – só há sábios, sábios de Deus. Mas, não haveria sábios no céu se na terra não houvesse crentes. De resto, essa ciência-de-Deus, essa teo-sabedoria ou teognosis, é que é o céu. O homem está no céu quando esse céu do conhecimento intuitivo de Deus está no homem. O homem espiritual leva consigo o seu céu, aonde quer que vá. E, como esse homem, consciente ou inconscientemente, irradia em derredor de si o seu céu interior, todas as almas receptivas podem, na presença de um verdadeiro iniciado, adivinhar o que seja o céu e ter dele um antegozo de inexplicável fascínio e suavidade.

O único meio de fazer bem aos outros, e de os fazer bons, é ser bom. Qualquer tentativa que o homem que não é bom faça para fazer os homens bons, é um flagrante contra-senso, uma vez que é matemática e metafisicamente impossível que um homem que não possua bondade

intrínseca possa contribuir para que outros venham a ser bons. Só o homem intrinsecamente

bom é que é um canal franco por onde fluem livremente as águas redentoras da eterna Divindade; o homem intrinsecamente mau, embora extrinsecamente

“bom”, é um canal obstruído, por onde não derivam as águas divinas e purificadoras. Posso passar procuração bastante a outrem para todos os efeitos, menos para o efeito de um terceiro fazer minhas vezes no terreno de ser bom; ninguém pode ser bom por mim, como eu não posso ser bom por outros – porque no reino de Deus não há contrabando e desordem.

Ora, o iniciado é um homem intrinsecamente bom, o homem bom por excelência.

Estamos realizando viagens para a estratosfera, e dentro em breve iremos à lua e aos planetas. São relativamente fáceis essas viagens em sentido centrífugo, rumo à periferia. Imensamente mais difícil é a jornada em sentido centrípeto, rumo ao centro, a grande viagem do homem para dentro de si mesmo – e são bem poucos os que conseguem realizar satisfatoriamente essa estupenda aventura. E, como o “reino de Deus está dentro do homem”, muitos homens vivem e morrem sem terem descoberto esse reino, última razão-de-ser da nossa existência terrestre. Sobre a lousa sepulcral desses infelizes devia-se gravar esse tristíssimo epitáfio: “Aqui jazem os restos mortais de fulano de tal, que viveu 30, 50, 80 anos – sem saber por quê.”

Para que o homem, do estado periférico da sua humana profanidade, atinja o centro divino da sua iniciação espiritual, é necessário que estabeleça dentro de si uma atmosfera favorável em que essa plantinha delicada possa germinar e medrar.

A condição essencial para essa experiência divina está numa permanente atitude de fé, revelada na vida cotidiana.

Antes de saber, deve o homem crer que Deus é. A fé é o maior heroísmo das almas forte – a descrença é uma asilo de inválidos para espíritos aleijados.

É

imensamente difícil crer em Deus antes de ter experiência pessoal da sua existência. Entretanto, antes que venha a dulcíssima certeza garantida pelo encontro imediato e pessoal com Deus, é necessário que o homem passe pelo mar amargoso da fé; antes de ver a Deus “face a face”, no dizer do apóstolo Paulo, deve o homem aceitar “os espelhos e enigmas” da certeza indireta e penumbral.

A fé, anterior à experiência pessoal com Deus, é um salto mortal para dentro das trevas de um vácuo – salto mortal que acabará por se revelar um salto vital para as luminosas alturas da divina plenitude. Mas o homem, antes de dar esse salto arrojado, não o sabe; deve crê-lo; deve admitir que assim seja, porque outros, antes dele, deram esse salto, e todos eles entraram no reino de inefável beatitude.

Conhecer a Deus pela experiência imediata é o último passo da longa jornada

– mas crer em Deus é o primeiro e também o penúltimo; mas ninguém pode dar o último passo antes de dar o primeiro e o penúltimo.

Ninguém pode saber sem primeiro crer.

Entretanto, crer não é um ato meramente intelectual, mas sim uma atitude vital.

Deus não é encontrado no fim de um silogismo corretamente construído – mas sim no fim de uma vida retamente vivida.

O que alguém crê não se pode saber pela aceitação de um credo verbal – mas sim pela atitude permanente da sua vida total.

A mística da fé deve revelar-se na ética da vida.

O homem que encontrou a Deus encontra dentro de si um “lugar seguro”, uma espécie de baluarte inexpugnável; sabe que ninguém o pode fazer infeliz, a não ser ele mesmo. Mas sabe também que esse “lugar seguro”

desaparece no dia e na hora em que ele abandona o código absoluto da moralidade, substituindo-o por algum código relativo e oportunista – lá se foi o sentimento de firmeza, segurança e tranquilidade interior! Verifica então que está obstruído o caminho para esse baluarte da alma. O alicerce de rocha viva cedeu à incerteza de movediço areal. Pode esse homem, certamente, assumir ares de corajoso e intrépido, como soem fazer os bandidos e sicários; na realidade, porém, é um covarde, e nenhuma ostentação de valentia e audácia exterior é capaz de o libertar da torturante convicção da sua fraqueza. Não há contrabando no reino de Deus: quem não entra pela porta da frente de uma ética absoluta e incondicional, não entra de forma alguma.

O único meio para que o homem encontre profunda e imperturbável paz e felicidade, no meio de todos os reveses externos, é ser realmente bom – e ser definitivamente bom quer dizer ter experiência pessoal de Deus e viver em harmonia com essa experiência.

E, para ter esse encontro com Deus, deve o homem abismar-se, periodicamente, a exemplo de Jesus e de todos os grandes gênios religiosos, numa profunda e intensa consciência da presença de Deus. Deus, é claro, está sempre presente ao homem, porque é onipresente, mas o homem está muitas vezes ausente de Deus, pelo fato de não estar nitidamente consciente dessa onipresença de Deus, o reino de Deus dentro de sua alma. Pelo descobrimento de Deus dentro de si, passa o homem da sua ausência para a presença de Deus. Jesus passava longas horas, por vezes noites inteiras, na altura dos montes ou na solidão dos ermos, em íntima comunhão com Deus; e daí lhe vinha toda essa imperturbável paz e essa indestrutível serenidade em todas as adversidades.

Todo verdadeiro discípulo de Cristo, todo homem que não só defende uma religião ou brinca de religião, mas é profundamente religioso, sabe por experiência pessoal que necessita pelo menos meia hora por dia para se abismar em Deus mais intensamente, a fim de salvar do naufrágio a sua vida espiritual. Quem não sente esta necessidade, provavelmente já sofreu naufrágio, ou nunca deixou as praias da profanidade, nunca levantou âncora rumo ao mundo espiritual.

Dessa meia hora de diatermia divina volta o homem com nova luz e forças renovadas, para os trabalhos e as lutas de cada dia.

A princípio, ao sair da meditação, verificará com pesar que a luz se lhe apaga e as forças espirituais se desvanecem na razão direta que se vai afastando daquela hora matutina de diálogo ou solilóquio com o Eterno. Aos poucos, porém, se for persistente nos seus exercícios espirituais, verificará que os efeitos benéficos da comunhão com Deus perduram pelo resto do dia; que todas as horas e obras do dia aparecem como que iluminadas de um halo de luz divina. Os trabalhos outrora difíceis se lhe tornam fáceis; as ocupações prosaicas se revestem de um quê de sorridente poesia. Os labores resultam melhores e mais eficientes. Esse homem perde o gosto de criticar os outros; desaparece-lhe o prurido doentio de achar falta em tudo e em todos. Quanto mais severo é o homem consigo, tanto mais indulgente é, em geral, com seus semelhantes, e vice-versa. Quase sempre, a mania de censurarmos os outros provém da falta de censura própria e controle dos nossos pequenos e grandes caprichos; estamos intimamente insatisfeitos com nós mesmos; precisamos de um pará-raios para descarregar a alta voltagem da nossa irritação interior, o descontentamento com nós mesmos; mas, como o nosso inveterado e impenitente egoísmo não nos permite confessarmos a verdade e sermos sinceros a nós mesmos, procuramos uma vítima, um bode expiatório, que sofra as consequências da nossa falta de controle e disciplina espiritual. A meditação, porém, neutraliza a tenção dos nossos nervos e nos educa aos poucos a sermos integralmente verdadeiros, honestos e sinceros com nós mesmos. Desegofica-nos, cristifica-nos, eliminando assim os motivos do nosso descontentamento com o próximo, e enchendo-nos de profunda paz e tranquilidade de espírito.

Para o homem capaz de suportar a si mesmo, todo o mundo é suportável –

mas o homem que não tolera a sua própria consciência não tolera pessoa ou coisa alguma. Ah! como todo mundo é leve – quando minha consciência é leve !

No meu livro Em Comunhão com Deus explico mais amplamente os requisitos e a técnica da meditação diária. O presente livro é apenas uma

coletânea de pensamentos tendentes a mostrar o que é o homem quando conhece a Deus por experiência imediata.

Realizar esta viagem, da periferia das profanidades superficiais para o centro do reino de Deus dentro de nós, é a tarefa mais importante, a única necessária, de todo homem, seja qual for a sua posição ou profissão.

“Fizeste-nos para vós, Senhor, e inquieto está o nosso coração até que ache quietação em vós” ...

VERDADES FUNDAMENTAIS

A quintessência, o Alfa e o Ômega de toda a filosofia e religião resume-se no seguinte:

- que existe uma Realidade absoluta, infinita, eterna, consciente,
- que todas as coisas do universo, percebidas como várias e distintas, não são senão manifestações múltiplas dessa única Realidade...

A pluralidade dos fenômenos é meramente aparente – a unidade do Noúmeno e real.

A Realidade não teve princípio, nem terá fim – ao passo que seus fenômenos começam e acabam, nascem e morrem. Os fenômenos transitórios são causados – a eterna Realidade é incausada, mas causadora de todos os efeitos.

A perfeição do homem consiste na faculdade de perceber a unidade da Causa absoluta através da pluralidade dos efeitos relativos. Os seres irracionais, dotados de sentidos mas destituídos de razão, não percebem senão a pluralidade dos fenômenos, ignorando a unidade do Noúmeno. Quanto mais próximo está um homem da animalidade do irracional, tanto mais percebe a pluralidade dos fenômenos e tanto menos conhece a unidade do Noúmeno – e vice-versa.

Perceber a pluralidade sem a unidade, é analfabetismo filosófico; perceber a unidade sem a pluralidade, é unilateralismo de principiante; perceber a unidade na pluralidade, é que é o mais alto grau de perfeição. O primeiro estado é caos, o segundo é monotonia, o terceiro é harmonia.

MATURIDADE

Ninguém pode despertar para a percepção da Realidade Absoluta, da harmonia do cosmos, antes que seu tempo tenha chegado. É, por isto, supérfluo, e, por vezes, prejudicial, quereremos impor certas idéias a certas pessoas ainda não suficientemente evolvidas; não as podem receber, assim como uma fêmea imatura não pode conceber um filho. Não podemos fazer desabrochar um botão de rosa antes do tempo marcado pela natureza da planta; podemos sacudir o botão, comprimi-lo, abri-lo a força, e, possivelmente, estragá-lo – mas não o podemos fazer florescer. Um raio solar, porém, fará a seu tempo, suavemente, com um beijo cálido, o que nenhuma violência inoportuna consegue realizar.

Podemos, todavia, preparar os caminhos a nossos semelhantes para que, a seu tempo, recebam e assimilem certas idéias – embora não lhes possamos dar essas idéias. Todo enriquecimento interior vem, por assim dizer, em sentido *vertical*, ao passo que todo nosso trabalho preliminar, de mestres, guias e educadores, é meramente *horizontal*. Entretanto, no ponto de intersecção entre o vertical e a horizontal está a grande experiência e o segredo último de todo progresso. Da combinação da vertical e da horizontal resulta uma *cruz*, símbolo da redenção; este mesmo símbolo é chamado na matemática *mais*, na física *positivo*, e nas religiões esotéricas o mesmo sinal significa *infinito* ou *universal*.

DEUS EM NÓS

Ninguém pode achar a Deus no *macrocosmo* do universo exterior sem que primeiro o encontre no *microcosmo* do seu próprio Eu interior. Uma vez, porém, que o homem encontrou a Deus dentro de si mesmo, encontra-o espontaneamente por toda a parte, até num inseto ou numa flor, mesmo lá onde Deus não parecia existir. É que Deus está sempre presente ao homem, mas o homem muitas vezes está ausente de Deus. O reino de Deus está dentro de cada homem, mas nem todo homem está no reino de Deus. Para ver o reino de Deus dentro de si deve o homem renascer pelo espírito, abrir

os olhos do seu verdadeiro Eu divino, passar da incipiência para a sapiência, da cegueira para a vidência, das trevas para a luz, da morte para a vida, da profanidade material para a iniciação espiritual.

COMO ACHAR A DEUS?

Muitos me perguntam: Como posso achar a Deus? Respondo a todos eles: Meu amigo, tu não podes achar a Deus, mas Deus te pode achar a ti –

contanto que sejas *achável*. Faze-te, pois, *achável* – e Deus te achará. Se dentro de ti creares a atmosfera favorável, uma atitude de permanente receptividade espiritual, um clima propício de “pureza de espírito” e “pureza de coração”, é certo que serás achado por Deus – e é então que achaste a Deus.

Prepara dentro de ti os caminhos por onde Deus possa vir a ti – e a ti virá Deus e em ti fará sua habitação.

Essa atmosfera teotrópica dentro de ti consiste essencialmente numa progressiva abolição do *egoísmo*, em todas as suas formas – egoísmo individual, nacional e eclesiástico – e numa crescente proclamação do *amor* universal – “Se o grão de trigo não morrer, ficará estéril – mas, se morrer, produzirá muito fruto.” Se não romperes a estreita casquinha do teu ego individual, nunca prestarás coisa grande para a humanidade, nem para ti mesmo; mas, se deres esse salto mortal, do teu estreito egoísmo individual, para o vastíssimo cosmos do altruísmo universal, verificarás com jubilosa surpresa que era um salto vital, um salto para dentro de um mundo cheio de vida, alegria, beleza e felicidade.

Desde que o mundo existe, não há exemplo de um homem que tenha achado a felicidade em dar caça direta a essa borboleta fugaz – mas todos os que foram realmente felizes alcançaram a felicidade unicamente por fazerem felizes os outros. É esta a eterna lei cósmica: quem quer ser feliz individualmente, sem os outros, ou até contra os outros, será sempre infeliz, porque o mundo de Deus é um cosmos, um sistema de ordem, harmonia e retidão, e não um caos.

“Procurai primeiro o reino de Deus e sua retidão – e todas as outras coisas vos serão dadas de acréscimo.”

Não há, para além das estrelas, nenhum Deus que te possa libertar dos males que te afligem – só o Deus dentro de ti é que te pode libertar do mal – se é que tu lho permitas. Os chamados males físicos não são males, uma vez que nenhum deles pode frustrar o teu verdadeiro destino. Os males morais, porém, são criação tua, e não de Deus.

PERCEBER O INVISÍVEL NO VISÍVEL

A mais candente necessidade para o mundo de hoje são homens que, no meio deste mundo visível, saibam andar com certeza e segurança na Realidade invisível, homens que vivam no mundo, mas cujo reino não seja do mundo. O

profano ignora a Realidade, e por isto não pode ajudar os homens. O *asceta* deserta do mundo para viver a sós com seu Deus, e, assim, não tem contato com a humanidade desorientada. Só o homem *espiritual*, o realista integral, é que pode redimir a humanidade, porque só ele possui a necessária *verticalidade mística* e a indispensável *horizontalidade ética*, para reconduzir ao Deus do mundo os homens que vivem no mundo de Deus ignorando a Deus.

O *profano* é um *cego* que corre vigorosamente, mas sem saber para onde –

magni passus extra viam, grandes passos... fora do caminho (Sto. Agostinho).

O *asceta* é um *vidente* que, paralisado de medo, prefere recolher-se a uma caverna, longe das maldades do mundo.

O *homem espiritual* é um *vidente* que anda seguro e firme nos caminhos do mundo profano, sem se profanar, mas irradiando para seus semelhantes a luz da sua vidência e a força da sua santidade.

SÓ O CONDUZIDO PODE CONDUZIR

Quem pode conduzir outros a Deus?

Só aquele que é por Deus conduzido. Só quem é guiado por Deus pode guiar os homens para Deus – qualquer outro “guia” é um “guia cego”, um sedutor, mas não um condutor.

PATERNIDADE DE DEUS E

FRATERNIDADE DOS HOMENS

Quanto mais alguém se aproxima do grande Centro Cósmico (Deus), tanto mais se aproxima ao mesmo tempo de seus companheiros de jornada que seguem o mesmo rumo. É este o glorioso mistério da “comunhão dos santos”, do credo apostólico, ou a “irmandade branca”, dos profetas hodiernos. O

homem espiritual parece trilhar caminhos solitários, veredas secretas à margem da vida, longe da turbamulta dos profanos e dos barulhentos; na verdade, porém, ninguém vive mais em sociedade, e em melhor companhia, do que o iniciado, o santo, o místico, o vidente do reino de Deus.

Vigora entre todos os viajores de Deus uma simpatia cósmica, uma telepatia espiritual,

uma

misteriosa

simbiose

divina,

que,

consciente

ou

inconscientemente, os irmana todos numa fraternidade universal.

A paternidade de Deus tem como resultado imediato a fraternidade dos homens.

Não há verdadeira sociedade entre os profanos e os maus, porque todo egoísmo é dissociante, desintegrante, centrífugo, caótico. Todo egoísta quer

ser um sol por si, e não tolera ser um planeta em companhia de outros planetas. O altruísta, porém, o cultor do amor, conhece e reconhece a centralidade do grande Sol divino, e sente-se feliz em poder gravitar em torno do Astro central em companhia de outros planetas.

A lei do egoísta é caos, desordem.

A lei do altruísta é cosmos, ordem, harmonia.

CREDO-GAIOLA OU CREDO-BANDEIRA?

Que é um credo?

Para muitos é uma *caixinha* em que tentam comprimir a sua vida espiritual, e da qual não pode ela exceder sem perigo de heresia; ou então uma *gaiola* dentro da qual o canário deve cantar, e fora da qual o seu canto seria considerado herético e ilegal. Para outros, porém, para os homens realmente espirituais, o credo é uma *bandeira* a flutuar galhardamente ao sopro das auras libérrimas de Deus. E nesse glorioso pendão inscreveram os bandeirantes da divindade o que sabem desse universo invisível. E, se amanhã chegarem a saber mais do que hoje sabem, inscreverão na bandeira do seu credo mais essa revelação do reino de Deus.

Em caso algum pode o nosso credo ser algo estático e inerte, como uma peça de museu, um fóssil ou uma múmia. O verdadeiro credo é essencialmente vivo e dinâmico, como uma planta em progressiva evolução. Deus, é certo, não evolve, porque é a infinita e imutável Realidade, mas o conhecimento que nós temos de Deus não pode ser imutável, porém sujeito a contínua evolução.

Adotar um credo estático e imutável é cometer suicídio espiritual.

FÉ CARIMBADA

Que é uma igreja, uma congregação, uma seita?

Em muitos casos, é um cortejo fúnebre que leva ao cemitério uma fé morta. A fé só pode viver e prosperar num ambiente de espontânea liberdade e desimpedida expansão. Espírito rubricado deixou de ser espírito. Fé carimbada por qualquer instituição burocrática é, quando muito, um cadáver de fé, mas não uma fé viva e dinâmica. O império da letra é a morte do espírito. A compulsão da lei exclui o impulso do amor, mas o amor inclui a lei.

O homem tem a fé que *pode* ter, segundo o estado da sua evolução interior; mas não tem a fé que *deve* ter, conforme os artigos e parágrafos da sua igreja ou seita. Ninguém me pode persuadir a ter esta ou aquela convicção interior, e esta convicção é o resultado da minha experiência pessoal com Deus, do meu encontro direto e íntimo com o Infinito, o Absoluto, o Eterno.

As igrejas ou seitas que impõem a seus adeptos uma fé obrigatória ou um credo padronizado são fábricas de múmias e, não raro, viveiros de hipócritas.

É possível que, por algum tempo, a fé tolere a enfermidade burocrática de uma igreja ou seita; mas, se esse estado continuar por muito tempo e se tornar crônico, a própria fé acabará por cair enferma e morrerá, porque se identificou com os interesses dogmáticos, políticos, sociais e financeiros da sua sociedade eclesiástica.

Não deve, então, haver igreja visível?

Nunca deixará de haver igreja visível, numa humanidade em evolução, onde quer que exista um grupo de homens genuinamente espirituais – assim como não deixará de existir verdejante organismo de planta onde exista um poderoso princípio vital. Entretanto, não é o corpo que cria a alma, mas é a alma que arquiteta o corpo.

Onde quer que existam dois ou três homens espirituais, cedo ou tarde se revelará entre eles a afinidade de espírito, a identidade das idéias, a sinfonia dos ideais – e surgirá no meio deles a “comunhão dos santos”, a “irmandade branca”, crescendo espontaneamente de dentro para fora. É da íntima natureza da espiritualidade que seja social, comunicativa, uma vez que espírito é amor, e o amor não é isolante, mas associativo.

O homem espiritual nunca será, por muito tempo, um homem solitário, anti-social, centrífugo, contrário à *ecclesia*, isto é, à assembléia ou congregação.

Evita, porém, o erro comum de querer derivar dos efeitos a causa, em vez de derivar da causa os efeitos. Toda a vez que a *letra morta* – neste caso, a simples burocracia eclesiástica – tenta criar o *espírito vivificante*, esta acabará fatalmente por sucumbir asfixiado por aquela – mas, se o espírito vivo e vivificante informar a letra morta, até esta deixará de ser morta e mortífera, porque participará da vida divina do espírito.

A verdadeira igreja não é como árvore de natal, sem vida interna, embora com muitos enfeites externos – a verdadeira igreja é como planta viva que, da própria vitalidade intrínseca produz os seus efeitos. Melhor a mais modesta das plantas vivas com vida própria do que a mais deslumbrante árvore enfeitada com lantejoulas fictícias, sem vida verdadeira.

ANÁLISE – OU SÍNTESE?

Passei longos anos a analisar os textos bíblicos tão minuciosamente como um erudito cientista analisa células, moléculas, átomos, prótons, nêutrons – e, de súbito, senti o impacto do universo espiritual sobre a minha alma – e sob a veemência dessa tempestade divina ruíram por terra todas as minhas eruditas teses, teorias e hipóteses bíblicas... Corri os olhos por esse campo de ruínas e escombros, meneei a cabeça, sorri-me de mim mesmo e disse para minha ignorante e arrogante inteligência: Que ridículos brinquedos de criança são todas as tuas “conquistas científicas”!...

Também, que idéia podia um cego ter dos deslumbramentos de luzes e cores, por melhor que conheça as teorias sobre as vibrações luminosas?

Que sabe um surdo das maravilhas duma ópera ou sinfonia, depois de aprender que sons e música são movimentos aéreos?

Que pode o homem saber de Deus, antes de o ter vivido e saboreado pessoalmente nas íntimas profundezas do seu ser?

A análise intelectual pode satisfazer a um cientista profano – mas não a um vidente iniciado nas grandezas do mundo divino. Só o satisfaz uma síntese intuitiva e panorâmica da Realidade total. Só temos verdadeira e inabalável certeza daquilo que experimentamos interiormente, e não daquilo que os nossos sentidos percebem nem que a nossa inteligência concebe analiticamente.

QUEM É GRANDE?

Nenhum homem pode *fazer* grandes coisas – mas grandes coisas podem *ser feitas* por meio do homem, se ele se entregar sem reservas às mãos de Deus.

Esta entrega consiste essencialmente na definitiva abolição do egoísmo em todas as suas formas, e na proclamação de uma vida de amor universal. Ao profano parece semelhante vida um inferno – para o iniciado, porém, é um céu aberto.

POLARIDADE

Devo *trabalhar* como se tudo dependesse de mim – e devo *orar* como se tudo dependesse de Deus. Esse estranho paradoxo faz de minha vida uma aparente tragédia, quando na verdade é uma deslumbrante epopéia.

O que o pequeno Eu humano faz é *horizontal* – o que o grande Tu divino faz é *vertical*; mas, se unirmos numa só figura essa duas linhas, temos o símbolo das maiores coisas do universo: uma *cruz*, que redime; um *mais*, que não conhece luz vermelha na estrada, mas sempre tem luz verde diante de si; um *positivo*, que suplantou todos os estados negativos da vida; o *infinito*, cujos quatro braços apontam para a universalidade.

DE FORA – DE DENTRO

A fim de compreender coisas espirituais, deve o homem antes *desaprender* que *aprender*. Pesados atavismos da nossa pré-história animal obstruem o caminho da nossa ascensão superior. Percebemos apenas a superfície da realidade, e não a realidade em si mesma, e facilmente concluímos que os fenômenos externos sejam a realidade total. E, quando semelhante analfabetismo adquire foros de ciência, torna-se difícil ao materialista converter-se para a Realidade.

Enquanto não penetrarmos as camadas opacas dos fenômenos sensórios não somos homens realistas, ou espirituais. O iniciado é um homem que “foi para dentro”, como seu nome diz: “in-ir” (ir para dentro) – ao passo que profano é um homem que “está de fora”: “profano” (diante do templo). Este enxerga apenas os efeitos – aquele vê a causa de todos eles.

A Realidade é infinitamente simples; enquanto não nos simplificarmos das mil e uma complexidades da vida não chegaremos a conhecer a Realidade, que é Deus mesmo.

SERENIDADE ESPIRITUAL

Qual é o critério certo de estar eu no reto caminho rumo a Deus?

O critério é este: se com cada novo conhecimento e com cada nova experiência eu me sentir mais calmo, sereno e feliz, na consciência íntima de um crescente amor para com todas as criaturas de Deus – então, é certo, não estou longe do reino de Deus.

SABER É SABOREAR A DEUS

Nunca existiu um verdadeiro gênio espiritual que tão pouca confiança tivesse na onipotência do espírito que chegasse ao ponto de fundar uma sociedade eclesiástica a fim de garantir a perpetuidade das verdades por ele proclamadas; é que todo gênio sabe, com infalível certeza e nitidez, que a Verdade é imortal e sempre vitoriosa. A Verdade absoluta não é organizável, nem necessita de escoras ou muletas burocráticas para afirmar o seu triunfo entre os homens. “As portas do inferno não prevalecerão contra ela.”

Entretanto, as sociedades eclesiásticas são relativamente necessárias para os viajores espirituais, os crentes, para que um dia cheguem ao termo da jornada, cientes e videntes da Verdade eterna.

Quem tenta provar cientificamente a existência de Deus ou a vida eterna, dá prova de que não é um iniciado, porque o verdadeiro iniciado nunca desce a tamanha profanidade. Quem está de olhos abertos em plena luz solar não desce às sombras de um escritório subterrâneo a fim de elaborar alguma erudita teoria que lhe prove a realidade do sol. Perdoa aos cegos essas manobras analítico-intelectuais, mas ele, o vidente, sabe por meio de uma imediata e panorâmica síntese espiritual o que jamais se pode saber de outra forma. Para o iniciado clarividente, Deus não *existe* propriamente, assim como os fenômenos do mundo periférico existem (*ex-sistere* quer dizer *estar de fora*, como os efeitos produzidos pela causa) – Deus *É*, assim como

a eterna, infinita, absoluta Realidade é, increada, improduta, incausada, auto-existente.

Um Deus silogisticamente demonstrado não é Deus, é uma caricatura da divindade, um pseudo-deus, um ídolo criado pela inteligência analítica de um idólatra. Paulo de Tarso considerava os atenienses profundamente religiosas porque adoravam um *agnostós Theós*, um Deus ignoto, quer dizer, desconhecido dos sentidos e do intelecto, porém conhecido do espírito. Neste sentido disse Jesus: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” A verdade não é objeto dos sentidos e do intelecto. Tinha razão o céptico integral David Hume, no seu *Essay on Human Understanding*, negando ao homem a possibilidade de atingir a verdade, e o semi-céptico Immanuel Kant, provando no seu livro *Kritik der reinen Vernunft* que a inteligência meramente analítica não pode jamais conhecer *das Ding an sich*, isto é, a essência das coisas, que é a verdade, a realidade absoluta, que está por detrás, ou melhor, dentro, de todas as aparências relativas. Neste sentido também escreveu Blaise Pascal, nos seus *Pensées*, a frase imortal: “*Le coeur a ses raisons que la raison no*

connait point.” Para o grande vidente Paulo de Tarso, o que os sentidos e o intelecto atingem das coisas divinas é a *letra mortífera*, mas o que o espírito vê intuitivamente é o *espírito vivificante*; ou, no cântico de Tomás de Aquino: *Praestet fides supplementum sensuum defectui*, supra a fé as falhas dos sentidos!

O iniciado não sabe alguma coisa de *Deus*, ele sabe *a Deus* – e ele o sabe como se sabe do sabor duma comida que se saboreia. Não posso saber do sabor dum manjar simplesmente por descrições de terceiros ou pela leitura de um erudito tratado sobre este ou aquele gosto; só sei do sabor real dum alimento pela experiência direta e imediata de saboreá-lo. É assim que o homem espiritual conhece a Deus, sabendo-o, saboreando-lhe a inefável suavidade. Para o iniciado, os termos *verdade, amor, alegria, felicidade* significam essencialmente uma e a mesma coisa; Deus é tudo isto ao mesmo tempo. Para ele, a eterna verdade é transbordante amor e exultante felicidade. Uma espiritualidade triste ou descaridosa seria para ele tão absurda como uma vida morta ou uma luz escura...

ILUMINAÇÃO INTERNA

Ensinaamentos espirituais não têm o fim de convencer outros de certas verdades; são antes uma iluminação de dentro, que esclarece coisas que até esse momento, embora presentes, se achavam ainda envoltas em trevas. O

ensinamento espiritual é o despertar da alma dormente para a grande alvorada da verdade sobre si mesma, “imagem e semelhança de Deus”. E, como toda a alma, segundo Tertuliano, é “cristã por natureza”, é tarefa do guia espiritual atualizar o cristianismo potencial dentro da alma humana. O guia espiritual é um jardineiro solícito que dá à sementinha um ambiente favorável e propício ao seu despertar, à evolução da sua vida latente. Neste sentido, comparava-se o grande e humilde vidente Sócrates a uma parteira, que não dá vida à criança mas ajuda-a a passar da vida na escuridão do seio materno para a vida à claridade solar.

INTELECTIVO – INTUITIVO

Se alguém me pergunta, o que é Deus? disse Santo Agostinho, confesso que não sei; mas, se ninguém me pergunta, eu sei.

Com esta frase enuncia o grande gênio africano um fato que todo homem espiritual conhece de sobejo e que, não raro, o faz sofrer acerbamente. O

nosso verdadeiro saber não é *intelectivo*, mas *intuitivo*, e por isto não é definível, como as coisas do intelecto. O que é definível é incerto, mas o que é certo é indefinível – não há dúvida de que o homem meramente intelectual e não espiritual tachará de absurda esta afirmação, que, no entanto, é uma grande verdade. Posso ter duma realidade espiritual uma experiência interna meridianamente clara e soberanamente certa, e ao mesmo tempo se totalmente incapaz de a explicar ou definir analiticamente a outros, nem mesmo ao meu próprio Eu intelectual. Paulo de Tarso tentou, durante três decênios, analisar a grande experiência espiritual que tivera, quiçá na fração de um segundo, às portas de Damasco; disse que fora arrebatado ao “terceiro céu”, onde ouvira *árreta rémata* (ditos indizíveis) – mas acaba por confessar, como mais tarde seu grande discípulo Santo

Agostinho, que saber da realidade do mundo espiritual é uma coisa, mas defini-la é impossível. *Analisar* quer dizer

“dissolver” – mas como se poderia dissolver o que é indissolúvel, por ser um Todo simples, e não composto? *Definir* quer dizer pôr *finis*, fins, circunscrever de certos limites – mas como se poderia limitar o que é por natureza ilimitado?

Definir o infinito é fazê-lo finito, isto é, negá-lo, destruí-lo.

Inteligir (*) é um ato do meu pequeno Eu humano que tenta abranger na sua estreiteza individual a largueza do grande Tu universal.

(*) Temos as palavras “inteligência, intelecto, inteligente”, mas abandonamos o verbo básico

“inteligir” (do latim *intelligere*, ou melhor *intellegere*, derivado de *inter-legere*, ler por entre, ou talvez *intus-legere*, ler por dentro). Julgamos necessário restituir ao vernáculo o verbo *inteligir*, como também *intuir*, do latim *intueri*, ver por dentro, ou propriamente “ser protegido de dentro”, palavra essa que compreende uma verdadeira síntese de experiência mística.

Intuir não é um ato do Eu individual, mas sim um ato do Tu universal, de Deus, ato esse do qual o meu Eu é o objeto passivo, e não o sujeito ativo, como no caso do *inteligir*.

No *inteligir*, o *menos* pretende abranger o *mais*, o *individual* tenta capturar em si o *universal* – tentame esse logicamente absurdo e matematicamente impossível. No *intuir* acontece o contrário, e por isto é possível e razoável. Em

última análise, toda a experiência mística é a mais alta racionalidade a mais perfeita lógica.

CUIDADO COM A ANÁLISE!

“Sê quieto e sabe que eu sou Deus!”

Para conhecer a Deus, é necessário uma grande e profunda quietude interior; é só assim que o grande silêncio da divindade é percebido como revelação espiritual. E esta quietude é, principalmente, a quietação da inteligência discursiva.

Não queiras esmiuçar analiticamente experiências intuitivas! Toda anatomia intelectual torna obscura e insípida qualquer experiência espiritual. Não queiras apanhar e espetar no museu dos teus silogismos as lindas borboletas de Deus!

Deixa-as voar em plena liberdade, para que sejam integralmente o que são, e não apenas cadáveres e esqueletos.

A última e suprema certeza sobre Deus e a vida eterna nos vem na meditação, e não no estudo. Pelo estudo podemos saber muito *sobre* Deus – mas pela oração meditativa chegamos a saber *a* Deus.

PAZ! PAZ! PAZ!

Uma vez que o homem adquiriu plena certeza pela intuição espiritual, nunca mais pode cair vítima de incerteza, embora ligeiras nuvens possam, por vezes, empanar o brilho dessa consciência divina. Pode o crente perder a sua crença em Deus – mas não pode o ciente perder a sua ciência de Deus. Há um caminho da insciência para a ciência – mas não há regresso desta para aquela.

Posso saber hoje o que ontem ignorava – mas não posso ignorar amanhã o que hoje sei de Deus por intuição experimental. O que sei por experiência íntima é patrimônio meu inalienável, no presente e no futuro e para todo o sempre, porque essa experiência é identificada com o meu próprio ser – e como podia eu perder o meu ser?

Depois duma experiência assim, desertará de mim o derradeiro vestígio de dúvida, o mais tênue resquício de incerteza. Sei que tenho os pés

solidamente firmados na rocha do Eterno, do Absoluto, do Infinito; sei que atingi a última fronteira da Realidade.

E com o desvanecimento da dúvida sobre Deus, desvanece também a dúvida sobre mim mesmo. Sei o que sou. Sei aonde vou...

E então vem sobre mim essa grande paz, essa imensa serenidade, essa inefável, dinâmica e dulcíssima beatitude que ultrapassa toda a compreensão e da qual nada sabem os profanos gozadores... Se o soubessem, não tolerariam, por um só instante, a horripilante miséria dos seus “prazeres”...

E a tal ponto me penetra e me permeia essa divina felicidade que minha alma se transforma num clamor ingente, no veemente anseio de ver felizes todos os seres que povoam o universo de Deus. Também, como podia eu tolerar a meu lado um único ser infeliz, se Deus e eu somos tão imensamente felizes?

Sei agora o que Jesus quis dizer com as misteriosas palavras: “O reino de Deus está dentro de vós”...

Sei o que é o “renascimento pelo espírito”...

Sei o que é a “vida eterna”...

NÃO LHE DÊS CRÉDITO

Meu amigo, se vem alguém dizer-te com ares de sabido que a tua experiência divina não passa de mera auto-sugestão, e pretende com mirabolantes “teorias científicas” provar que toda mística são miragens no deserto e alucinações do coração insatisfeito – não lhe dê crédito. Deixa ao inexperiente a sua querida inexperiência, “deixa os mortos enterrar os seus mortos”! Tu, porém, continua, tranquilo e imperturbável, o teu caminho rumo às alturas. As leis de Deus operam com inexorável precisão, quer saibamos, quer não saibamos explicá-

las...

HERÓIS ANÔNIMOS

É grande, divinamente grande, esta obra de libertação espiritual em que estamos empenhados. Necessitamos da cooperação de todas as almas devidamente preparadas para tão alta tarefa.

Devidamente preparadas – que quer isto dizer?

Quer dizer, almas absolutamente desegoficadas, definitivamente libertas de toda e qualquer espécie de egoísmo, almas que vivem à luz serena de um amor espontâneo e universal.

Quem dessa cooperação espera qualquer vantagem individual – dinheiro, prestígio, glória, elogios, menção honrosa nos jornais, placas comemorativas à entrada de templos, monumentos em praça pública, ou outro atestado qualquer de egolatria – esse não é idôneo para o reino de Deus. Só pode redimir outros quem é redimido de si mesmo, da irredenção do seu egoísmo.

Não queremos tampouco saber os nomes dos nossos cooperadores. Eles têm de ser uns grandes anônimos. Têm de ocultar o seu pequeno Eu por detrás da grande obra de redenção. Nenhum jornal lhes deve estampar o nome. Do alto de nenhum púlpito deve soar o elogio dos nossos heróis anônimos. Nenhum monumento ou mausoléu deve perpetuar-lhes os feitos...

Somente nas regiões do mundo invisível, no meio dos espírito silentes, nas páginas alvas do livro da Vida Eterna, é que os nomes e os feitos dos nossos irmãos e colaboradores deverão ser conhecidos...

Ignoto amigo que lê estas linhas, queres pertencer à nossa “irmandade anônima”? à “comunhão dos santos”? à vasta legião dos invisíveis redentores da humanidade?...

Sim? Então ajuda-nos como achares melhor. Ajuda-nos com as tuas orações, com os teus pensamentos de amor, com a tua silenciosa e dinâmica simpatia, que convergirão para a nossa obra e a farão prosperar...

Se, além disto, resolveres ajudar-nos também com auxílios materiais, uma coisa te pedimos: não nos mandes jamais um só centavo que não saia das tuas mãos com verdadeira alegria e espontânea generosidade. Qualquer contribuição dada a contragosto, ou com possível arrependimento, seria veneno para a nossa obra. Os teus óbulos devem vir envoltos na luminosa aura

duma grande e espontânea alegria, porque “o Senhor ama os doadores alegres”, e só assim é que produzirão efeitos salutares...

ABUSAR, RECUSAR, USAR

O profano goza o mundo sem Deus.

O asceta goza a Deus sem o mundo.

O iniciado goza a Deus no mundo e o mundo em Deus.

Esta terceira atitude genuinamente cristã é privilégio dos verdadeiros videntes, dos místicos reais, que ultrapassaram todos os dualismos e pluralidades do mundo temporal e atingiram a grande unidade e centralidade do mundo eterno.

Entretanto, como a vasta maioria da presente humanidade consta ainda de profanos, é praticamente aconselhável que o analfabeto se matricule na escola primária do ascetismo, a fim de aprender ao menos o abc do mundo espiritual.

O maior dos males não é a disciplina férrea do asceta, mas a indisciplina e soltura moral do profano materialista. Disto sabia o grande Mestre de Nazaré, quando aconselhava aos seus discípulos a renúncia ao mundo, a fim de poderem encontrar o reino de Deus. Também, como podia alguém vir a

ser um luminar na universidade do cristianismo sem primeiro aprender o abc na escola elementar do ascetismo?

É tão suave e tão blandicioso alguém se ter em conta de iniciado, e falar mal dos ascetas, quando de fato está marcando passo no plano ínfimo de profano...

Cuidado com a astúcia da vaidade e auto-ilusão!...

Entretanto, persiste a grande verdade: a perfeição está, não em desertar do mundo para encontrar a Deus, mas em ver a Deus no mundo e o mundo em Deus.

O profano *abusa* do mundo, porque o considera um fim em si mesmo, e não um meio para fins superiores.

O asceta *recusa* o mundo, não o considerando nem como fim nem como meio.

O verdadeiro iniciado *usa* o mundo, não como um fim, mas como um meio para alcançar o fim supremo. E, sendo que o mundo e todos os seres que há no mundo são criaturas do mesmo Creador, efeitos da mesma causa, reflexos do mesmo sol divino, é claro que pelo reto uso dos artefatos pode o homem conhecer o Artífice. E, uma vez que Deus não existe *para além*, mas *dentro* de cada uma das suas obras, pode o vidente espiritual ver o Deus do mundo no mundo de Deus. O seu santuário é o universo, e o seu altar acha-se erguido

onde quer que exista uma criatura de Deus – um grão de areia, uma gota d'água, um raio solar, uma flor, um inseto, uma ave, um animal, uma alma humana... Adora a Deus por toda a parte, “em espírito e em verdade”...

CREDO QUIA ABSURDUM!

No mundo da Realidade Absoluta não há *tempo* nem *espaço* nem *causalidade*, categorias essas que pertencem ao mundo dos sentidos e do

intelecto. E, quanto mais o homem se abisma nessa Absoluta e Eterna Realidade, tanto mais se distancia dessas noções inerentes ao universo fenomenal. Por isto, o conhecer do iniciado não é um processo silogístico, passo a passo, sucessivo como o andar parcelado de um viajor, que vence o caminho trecho após trecho, e, quando chega à beira duma torrente, procura alcançar a margem oposta lançando pedras no leito do rio e saltando de pedra em pedra. O movimento do iniciado não é, a bem dizer, um *andar*, mas um *voar*; de um jato, de um ímpeto súbito, chega ele às mais longínquas praias, aos mais distantes litorais, sem saber como, fora de tempo, espaço e causalidade. Não sabe *como* chegou à outra margem do grande abismo, só sabe *que* chegou e lá está com toda a certeza. Por esta mesma razão, também não está em condições de retrazar o caminho percorrido, ou melhor, transvoado; não o pode analisar, passo a passo, porquanto a transição do não-saber para o saber foi instantânea.

Quando um iniciado no reino de Deus tenta expor intelectualmente as suas experiências intuitivas, os seus lampejos divinos, não será difícil ao homem comum provar-lhe muitos ilogismos e contradições, e isto por uma razão muito óbvia: é que a experiência espiritual é um acontecimento inteiriço, total, simultâneo, panorâmico – ao passo que qualquer exposição intelectual do mesmo é sucessiva, parcelada, desenrolando-se dentro do âmbito do tempo tri-duracional e do espaço tridimensional, coisas essas inteiramente alheias à experiência intuitiva. Qualquer síntese espiritual posta em face duma análise intelectual aparece ilógica, absurda, falsa, ainda que na realidade seja incomparavelmente mais lógica, razoável e verdadeira do que todos os processos analíticos do homem meramente intelectual.

É este o sentido profundo daquela célebre e tão mal-entendida frase do grande Tertuliano: “*Credo quia absurdum*”, eu creio (no mundo espiritual) porque é absurdo. “Absurdo” não quer dizer “contraditório”, mas “para além das raias da lógica intelectualista”, coincidindo com o sentido da palavra grega “paradoxo”.

Se o mundo espiritual não fosse absurdo, paradoxal, não seria o que é. Se fosse apenas a soma total dos fenômenos individuais e parcelados, não seria o Todo, o Universal, o Absoluto, o Infinito, e, neste caso, seria a Realidade Espiritual analisável pela inteligência e silogisticamente demonstrável.

Qualquer tentame de demonstrar intelectualmente a existência de Deus é um

atentado de deicídio, porque um Deus cientificamente provado é um não-deus, e o autor desse tentame é um sem-deus, um ateu.

Quem anatomiza uma planta, mata-a.

Quem anatomiza a Deus, nega-o.

Qualquer processo de análise intelectual equivale a um trabalho de anatomia desintegrante e mortífera.

O Sermão da Montanha, sendo a Carta Magna do Cristianismo, é o documento clássico desse ilogismo intelectual e dessa lógica espiritual – razão por que é escândalo para os profanos e sabedoria divina para os iniciados.

O NOVO INÍCIO

Sabedoria verdadeira não é a soma total dos conhecimentos parcelados, *quantitativamente* adicionado uns aos outros – mas é o contato com o Todo Absoluto, *qualitativamente* percebido pelo Eu espiritual. Pode alguém ser um sábio sem ser um erudito, e vice-versa. A erudição intelectual é como que uma linha horizontal, ao passo que a sabedoria espiritual é comparável a uma vertical. Assim como a vertical não é a soma total das horizontais, por mais numerosas que estas sejam, assim também não é a sabedoria a resultante da erudição. Para ser sábio deve o homem tomar um novo rumo, totalmente diferente do rumo antigo da simples erudição humana; deve “renascer pelo espírito”, deve “despojar-se do homem velho” e “revestir-se do homem novo”, deve tornar-se um “nova creatura em Cristo”.

A vida espiritual, como se vê, não é alguma *continuação*, mas antes um *novo início*, é a alvorada de um novo cosmos, é a gênese de um universo inédito, filho de um *fiat* onipotente...

Haja luz!...

Haja vida!...

Haja espírito!...

DE GRAÇA

O homem espiritual partilhará contigo até o último centavo antes que te exija meio centavo por seus dons espirituais. Nunca e em hipótese alguma pedirá ele prêmio material por seus benefícios espirituais, ainda que aceite com humildade e gratidão o sustento necessário que seus beneficiados lhe ofereçam espontaneamente, para que possa prosseguir na sua luminosa jornada.

Neste particular têm as igrejas cristãs organizadas cometido tristíssima apostasia do espírito de seu divino fundador. Nem há esperança alguma de melhores dias para a humanidade enquanto o sacerdócio ou ministério cristão continuar a ser uma profissão, e não se tornar um jubiloso ideal.

SAÚDE CONTAGIOSA

A verdade divina é simples como a luz incolor – os sistemas humanos são complexos como as luzes coloridas do prisma. Quanto mais o homem se aproxima de Deus tanto mais se simplifica de todas as complexidades e complicações, e se retifica de todas as tortuosidades da vida.

Verdade é que também o homem extremamente ignorante é simples, mas a sua simplicidade é negativa, como a simplicidade de um vácuo – ao passo que a simplicidade do iniciado espiritual é positiva, como a da plenitude. A simplicidade estática da vacuidade é monótona e mortífera – a simplicidade dinâmica da plenitude é harmônica e vivificante.

Não há nada mais “infeccioso” do que uma perfeita saúde e sanidade espiritual

– a tal ponto que chega a ser profilática e imunizadora contra as infecções mórbidas do ambiente negativo, como acontecia com a pessoa do homem dotado da mais perfeita sanidade espiritual que o mundo conheceu.

Acontece então que as almas receptivas são curadas das suas enfermidades
–

ao passo que as almas irreceptivas, que resistem à influência salutífera do homem espiritualmente são, se tornam ainda mais enfermas, acabando por sucumbir à sua moléstia moral, porque “pecaram contra o espírito santo”, o espírito da sanidade moral...

UNIDADE – MULTIPLICIDADE

Qual é a diferença típica entre o homem profano e o iniciado?

É possível que ambos possuam grandes forças, mas no profano não existe polaridade, convergência, direção uniforme, centralidade focalizada – ao passo que no iniciado espiritual todas as forças, intensamente polarizadas pela experiência de Deus, e, como os átomos de um ferro magnetizado, convergem todos para o mesmo pólo. A experiência espiritual cria unidade no meio da multiplicidade da vida humana.

É na luz intensa desse foco, e só nela, que o homem encontra verdadeira solução para os cruciantes problemas da vida.

NÃO BUSQUES O MUNDO – E O

MUNDO TE BUSCARÁ!

Homem! afirma o mundo espiritual, e o mundo espiritual te afirmará, e, como o espiritual é a causa do material, também o mundo material acabará por afirmar-te. De maneira que, se fores um afirmador do espiritual, serás um homem total, um realista no verdadeiro sentido da palavra.

É esta a grande lei do universo, lei tão pouco compreendida dos homens: quem possui a *causa* (o Creador) necessariamente também possui os *efeitos* (as criaturas) – mas quem possui estas não possui necessariamente aquele; pois o *mais* contém o *menos*, mas o *menos* não contém o *mais*.

Verdade é que os profanos, ou analfabetos da Realidade, julgam possuir as criaturas sem possuírem o Creador, mas é ilusão deles. Não é possuidor quem é possuído das coisas do mundo – falta-lhe o *R* redentor. Só o não-possuído, ou não-possesso, é o que pode ser possuidor.

Quando o homem se afasta de Deus a fim de possuir o mundo, até as coisas do mundo fogem do homem, porque um misterioso teotropismo inerente a todos os seres lhes diz que esse homem não está certo, e assim as criaturas não têm confiança num homem que vá rumo ao Creador.

Mas, quando o homem se desprende das criaturas a fim de buscar o Creador

– eis que todos os seres do mundo, racional e irracional, lhe correm no encalço, porque, sabendo que esse homem está certo, com ele querem ir a Deus, princípio e fim de todas as coisas.

Se assim não fosse, o mundo não seria um cosmos – um sistema de ordem e harmonia – mas um caos – uma desordem e desarmonia.

O mundo, porém, prima por uma admirável e imperturbável ordem, harmonia e retidão. Ele é o “reino de Deus e sua retidão”.

De maneira que o Alfa e o Ômega de toda a sabedoria é este: Vai em busca do Deus do mundo – e o mundo de Deus irá em busca de ti! Mas, se correres atrás do mundo de Deus à custa do Deus do mundo, verás, cedo ou tarde, que não podes possuir o mundo de Deus sem primeiro possuíres o Deus do mundo; porquanto, com a causa eterna também possuirás os efeitos temporais, mas, possuindo estes, não possuirás necessariamente aquela.

É esta a inexorável matemática do universo!

É esta a eterna lógica do reino de Deus!

Sê sábio, ó homem – e serás santo!

GUARDA O QUE TENS – E PASSA ALÉM!

É esta a grande lei da evolução em todas as províncias do cosmos.

Também no plano do gênero humano.

Guarda o que de positivo, certo e bom a humanidade conquistou, no drama milenar da sua evolução ascensional. Sê conformista!

Mas, depois de firmares os pés solidamente no plano real de *hoje*, espraia os olhos pelos vastos horizontes de *amanhã*, procurando ultrapassar a estática do que possues pela dinâmica do que poderás possuir.

Depois de seres conformista, passa a ser não-conformista, ou melhor, transformista. Não creias numa eterna luz-vermelha na estrada percorrida – crê também na luz-verde na estrada a percorrer.

O homem da rotina conservadora guarda o que tem – e recusa-se a passar além. É um crente fanático na luz-vermelha – e um descrente céptico na luz-verde. De tão *passadista* e *presentista*, é incapaz de ser *futurista*.

O revolucionário demolidor, por outro lado, sacrifica o que possui por algo que procura possuir, ignorando que as paredes do edifício de amanhã não podem deixar de assentar sobre os alicerces de hoje.

Nem a rotina estática do conformista passivo, nem a revolução dinâmica do não-conformista ativo são garantia de melhores dias para a humanidade, quando trabalham separadamente no cenário da vida. O verdadeiro progresso não é nem rotina nem revolução unilaterais.

Mas, quando o homem tem o suficiente critério para saber o que convém ser guardado e o que convém ser abandonado das coisas de ontem; e ao mesmo tempo possui a necessária iniciativa para ultrapassar a etapa já alcançada –

então despontará para a humanidade a alvorada de uma evolução realmente positiva, dinâmica e construtiva.

A história das igrejas cristãs, nesses quase vinte séculos de cristianismo, é, de preferência, a história da rotina conformista, por um lado, ou da revolução não-conformista, por outro.

Quando veremos no seio da igreja uma síntese feliz das conquistas reais do passado e dos gloriosos ideais do futuro? Quando deixará a igreja de professar

rotina fossilizada ou proclamar revolução demolidora – a fim de entrar numa fase dinâmica de evolução construtiva?...

NO PRINCÍPIO ERA O NADA – OU O TUDO?

Que é evolução?

É ela possível?

É um fato?

É compatível com a Bíblia? com o Cristianismo?

E o homem? é ele o resultado de uma paulatina evolução, através de séculos e milênios – ou é ele um ser à parte, direta criação de Deus?

Um mundo de problemas de candente atualidade...

Problemas não haveria se houvesse plena clareza daquilo que entendemos por

“evolução”, e do modo como realmente decorreu.

O conceito popular e tradicional da evolução orgânica, desde os tempos de Darwin, é, mais ou menos, o seguinte: no princípio existiam sobre a face da terra apenas seres unicelulares (vamos começar com o mundo dos

chamados seres vivos). Desses unicelulares provieram, no decurso de longuíssimos períodos, os pluricelulares, passando depois pelos vertebrados e vindo a culminar, por fim, nos animais mamíferos, nos símios antropóides – e no *homo sapiens*.

Nesta concepção, como é intuitivo, os seres inferiores teriam sido a causa dos seres superiores; o *menos* teria produzido o *mais*; o *pequeno* teria causado o *grande* – ideologia essa absolutamente insustentável à luz da lógica e da matemática. Pois, como qualquer estudante da “arte do reto pensar” sabe, em caso algum pode o efeito ser maior que sua causa, uma vez que isto envolveria contradição. E neste ponto está a lógica de perfeito acordo com a matemática (que não é senão outra palavra para lógica), não admitindo que o *mais* possa provir do *menos*, no sentido de que este seja a resultante daquele.

Para concretizar, vamos dar aos seres primitivos, unicelulares, a perfeição grau 1, aos organismos subsequentes a perfeição 5, aos vertebrados o grau 10, aos macacos antropóides 50, e ao homem a perfeição 100. É evidente que 5 não podia vir de 1, nem 10 de 5, nem 50 de 10, nem 100 de 50, e isso pela simples razão que o maior não está contido no menor.

Objeta-se que o maior está *potencialmente* contido no menor, e dele saiu, através de milhares e milhões de anos, mediante paulatina atualização das potencialidades latentes no ser inferior. É o que se encontra, em letra de forma, em quase todos os compêndios e tratados “científicos” que são de uso e abuso nas instituições de ensino. A palavrinha mágica “potência”, “potencialidade”, tem sido invocada como uma espécie de lâmpada de Aladim para iluminar as trevas da nossa ignorância, ou como uma chave misteriosa para descerrar as portas de palácios encantados e descobrir tesouros ocultos.

Na realidade, porém, essa tentativa de explicação pelo recurso a

“potencialidades latentes” não passa dum jogo de palavras sem nenhuma base real. Ou melhor, essa tentativa de explicação é positivamente ilógica e anti-matemática, devendo, por isto, ser abandonada quanto antes como totalmente anti-científica e absurda.

Em caso algum, enquanto estiverem em vigor as leis da lógica e da matemática, está o maior contido no menor, nem atual nem potencialmente. A potencialidade significa uma presença real, e não meramente fictícia, daquilo que, mais tarde, aparece como atualizado. Quer dizer que, na suposição acima, estava o maior ou superior realmente contido no menor ou inferior; ou seja, o 5 estava realmente contido no 1, e assim por diante, até chegarmos a esse absurdo clamoroso, que o 100 estava contido, não somente no 50, mas, indiretamente, também no 1 inicial da ameoba, ou outro ser unicelular.

É tempo para enterrarmos os nossos ídolos, mesmo os mais “científicos”! Nada pode ser “científico” que não é objetivamente real, e nada pode ser objetivamente real que não é intrinsecamente possível. É, porém, intrinsecamente impossível, e flagrantemente contraditório, que o maior esteja de qualquer forma contido no menor.

Adeus, portanto, lindas hipóteses de “potencialidade latente”!... A lógica e a matemática, inexoráveis no seus vereditos, te desmascararam como miragem falaz!...

Mas... não provou a ciência, com fatos inegáveis, que houve uma evolução de formas vivas inferiores para formas superiores?...

Não, a ciência não provou isto, nem jamais o provará; porque não pode ser provado o que é intrinsecamente impossível e irreal. O que a ciência provou, e o que é real, é que as formas superiores vieram *através* de formas inferiores; mas não provou que o superior veio *do* inferior.

Simple jogo de palavras?

Não. Vai entre o *através* e o *do* uma diferença infinita, a mesma diferença que vai entre *causa* e *condição*, entre *real* e *irreal*, entre *sim* e *não*.

Pode, certamente, o maior vir *através* do menor, o superior *através* do inferior, mas não podem vir *do* menor ou *do* inferior.

Do indica a causa, ao passo que *através* diz a *condição*, o veículo, o canal, através do qual fluiu o efeito, mas do qual não nasceu. A água que sai da

torneira não veio *do* encanamento, mas, sim, da nascente, fluindo *através* do encanamento para chegar à torneira. Não sairia, certamente, da torneira se não houvesse encanamento, mas existiria na nascente mesmo sem torneira nem encanamento. Pode-se considerar a condição como um fator externo que canaliza em certa direção a atividade interna da causa; mas em caso algum o efeito é filho da condição, é filho da causa somente. A condição é estéril, não produz, apenas dirige, canaliza, veicula o efeito em certa direção.

A luz solar no interior de uma sala não vem da janela aberta, mas vem do sol, sua causa produtora; vem através da janela, como sua condição veiculante.

Também haveria sol de janelas fechadas, embora não fosse canalizado para o interior da sala.

Semelhantemente, os seres superiores da cadeia evolutiva não nasceram dos inferiores, como efeitos produzidos por sua causa; fluíram apenas através desses seres inferiores, como por outros tantos canais adutores e dirigentes.

Donde vieram esses seres superiores, já que não vieram dos inferiores?

Vieram do *Ser Supremo*. Vieram de uma causa cuja perfeição é ao menos igual à desses superiores. E, como esses seres evoluem de perfeição em perfeição, temos de admitir logicamente que aquilo que lhes serve de causa produtora seja pelo menos da mesma perfeição que o mais perfeito dos seres em evolução. Para simplificar, vamos chamar essa causa geral a *Causa Suprema*, ou a *Causa Máxima*. Não há ilogismo ou contradição em admitir que o Supremo produza o superior e o inferior, ou que o Máximo seja causa do maior e do menor. Derivar os inferiores e os superiores do Supremo, ou os menores e os maiores do Máximo, não é anti-científico; é, pelo contrário, genuinamente científico – porque não há ciência contra a lógica e a matemática. Anti-científico, porém, seria querer derivar os superiores dos inferiores, os maiores dos menores, os seres mais perfeitos dos menos perfeitos. Querer derivar 100

de 50, 50 de 10, 10 de 5, 5 de 1, e assim por diante, isto, sim, é flagrantemente anti-científico, porque intrinsecamente contraditório.

No princípio de toda essa longa cadeia evolutiva não está, pois, o 1, ou até o 0

(zero) – mas está o, quer dizer, o Infinito, o Absoluto, o Supremo, o Máximo. No início da evolução não está o *pouco*, de que teria vindo o *muito* – mas está o TUDO. Do *algo* menor não podiam vir os *algos* maiores – mas todos os *algos*, menores e maiores, podiam vir do *Algo Máximo*, isto é, do Tudo, da ilimitada plenitude do Algo.

A infinita Energia do Universo, o oceano imenso da Vida Cósmica, a Consciência Universal – aquilo que as religiões chamam Deus – é que é a Causa Suprema e Única de todos os efeitos, menores e maiores, ao passo que as chamadas causas individuais da natureza não são verdadeiras causas, senão apenas condições, canais, veículos, de que se serve a Causa Única para realizar os seus efeitos.

A semente não é a causa da planta.

O ovo não é a causa da ave.

O infinito oceano de Energia Cósmica, de Vida, de Inteligência, de Consciência, de Espírito – ou que outro nome queiramos dar à eterna Realidade, essencialmente anônima – é esta a Causa única de todos os efeitos individuais. O Noúmeno é a causa única dos fenômenos.

Unicelulares, pluricelulares, organismos, vertebrados, mamíferos, antropóides, o homem – tudo isto proveio da Causa Suprema e Única.

Se alguém me pergunta se admito que o homem veio do macaco, não tenho de responder a essa pergunta; tenho de fazer ao meu interlocutor outra pergunta, a saber: se ele admite as leis da lógica e da matemática. Se não as admite, é inútil entrar em discussão com ele, por razões muito óbvias. Se as admite – ele mesmo já deu resposta implícita à sua pergunta, negando que o homem tenha provindo do símio – a não ser que recuse admitir a superioridade do homem ao macaco – e, neste caso, é inútil discutir com ele, como não discutirei com o peludo inquilino de certa jaula do Jardim Zoológico...

PROFANO, ÉTICO, ESPIRITUAL

Não cumpro a vontade de Deus porque não gosto.

Cumpro a vontade de Deus, embora não goste.

Cumpro a vontade de Deus porque gosto.

Estas três classes de homens compreendem a humanidade em peso.

1 – Os da primeira classe, os agnósticos, os materialistas, os profanos, os cultores do Eu e os analfabetos de Deus – nenhum deles cumpre a vontade de Deus, porque essa vontade lhes parece extremamente amarga, ao passo que a vontade própria é algo agradável e deleitosa. Nem suspeitam que a vontade do grande Tu Divino – de que, aliás, não têm experiência própria – não é realmente contrária à vontade do pequeno Eu humano. E, como vivem em completa cegueira da realidade sobre Deus e sobre o Eu, só podem afirmar a vontade do EU e negar ou ignorar a vontade de Deus. Negar a vontade própria para afirmar a vontade de Deus, seria para o profano extremamente absurdo, e até impossível, uma vez que Deus não é para ele uma realidade objetiva, mas apenas uma palavra sagrada ou uma bela idéia. Ora, é lógico que ninguém queira negar a realíssima realidade do próprio Eu por alguma vaga e incerta miragem chamada Deus. Por isto, o profano, para ser lógico no seu analfabetismo espiritual, tem de ser necessariamente ego-afirmante e teo-negante, tem de ser um egocêntrico afirmador da sua vontade individual e um constante negador da vontade universal de Deus.

Não cumpre a vontade de Deus, mas cumpre sempre a vontade do Eu.

2 – O homem ético, porém, sabe da existência de Deus e duma vontade divina que governa o mundo e a humanidade. Sabe disto, não por experiência pessoal, mas crê nesta verdade, tem fé na existência de Deus e do mundo invisível. E por isto, esforça-se lealmente por cumprir a vontade de Deus, que ele experimenta, porém, como invariavelmente contrária à vontade do próprio Eu. Por isto, para ele, o cumprimento da vontade divina

é inseparavelmente unida a negação da vontade própria, implicando em uma vida de perene sacrifício e renúncia. O homem desta classe é o homem tipicamente moral e heroicamente virtuoso. A maior parte dos “homens bons” do presente século pertencem a esta categoria.

O homem ético-ascético, não raro, alimenta um secreto e inconsciente menosprezo pelo resto da humanidade, que não tem a coragem heróica de cumprir a lei de Deus como ele. Com muitos desses homens ascéticos ocorre funesta tragédia, que eles próprios ignoram, geralmente: a tal ponto o seu heróico ascetismo os enche de orgulho e vaidade que criam nas incôncias profundezas da alma um permanente e venenosíssimo complexo de superioridade moral, que gera um sutil desprezo da humanidade não-ascética.

E acontece-lhes então esse espantoso paradoxo: entra-lhes pelos fundos da casa do egoísmo que pela porta da frente expulsaram! E, para cúmulo de desgraça, esse egoísmo que entra pelos fundos é incomparavelmente mais funesto que aquele outro, expulso pela porta da frente, porque, aureolado da sacralidade da renúncia, é dificilmente reconhecível pelo que é. Há ascetas extremamente descaridosos para com os não-ascetas, ou os que não o parecem ser. Entre parênteses, é este um dos maiores desastres de grande parte do clero celibatário de Roma, desde que, no século 11, foi decretada a abstenção sexual obrigatória: muitos dos seus membros sentem tão intensamente o heroísmo ético da grande renúncia que se vingam ferozmente desse sacrifício desdenhado, consciente ou inconscientemente, a todos os seres humanos não celibatários. Desta mesma mentalidade nasceu também a concepção ética, tipicamente clerical, de que a virgindade seja a maior das virtudes, quando, à luz do cristianismo genuíno, o amor é a perfeição máxima do homem. O clero celibatário deslocou o centro de gravitação do Cristianismo, da caridade para a castidade, do amor para a renúncia, falsificação essa que, naturalmente, redundou em notável prestígio do clero, fazendo-o aparecer, aos olhos dos devotos e ignorantes, como super-homens, como o apogeu da perfeição espiritual.

Não há maior desastre para o verdadeiro cristianismo do que a ética praticada à custa da espiritualidade.

Sendo que, no presente estado evolutivo da humanidade, a mística é ainda rara exceção, e a maior parte dos homens virtuosos e bons são apenas heróis da ética, formou-se a filosofia proverbial de que todas as coisas moralmente boas são difíceis, como todas as coisas más são fáceis. Esta filosofia ética é relativamente verdadeira, no plano atual da nossa evolução, embora seja absolutamente falsa, quando considerada de uma perspectiva mais elevada.

Para o homem perfeito, para o homem realmente cristificado, as coisas eticamente boas são, ao mesmo tempo, sumamente deleitosas. No céu, certamente, ninguém cumpre a vontade de Deus com sacrifício e cruciante heroísmo – e “céu” não quer dizer um lugar, mas, sim, um estado da alma, uma perfeita consciência de Deus.

É lógico que, para o homem sacrificialmente ético e cruciantemente virtuoso, Deus seja uma espécie de tirano, que se deve temer, ou um juiz inexorável em face do qual deve o homem tremer. Deus, no plano meramente ético, é a

personificação de tudo que é difícil e desagradável – assim como, por outro lado, o Eu é a síntese de todas as coisas fáceis deleitosas. Deus e o Eu vivem em campos opostos, em pé de guerra um com o outro, nem é possível um tratado de paz. Ou Deus – ou o Eu! é este o tremendo dilema do homem, no plano da devoção ética, ainda não espiritualizada.

Consequentemente, o céu, a vida eterna, deve ser a abolição do Eu, a extinção da personalidade, como no Nirvana budista. De fato, todo o verdadeiro asceta é um budista, um extintor da personalidade, um negador do Eu, um egocida, porque isto é necessário para ser um afirmador de Deus.

O asceta, pois, cumpre a vontade de Deus, a contragosto, heroicamente.

3 – No terceiro plano da evolução humana desponta a alvorada do espírito, a visão da Realidade total e panorâmica, onde o homem realiza a mais gloriosa síntese das duas antíteses: ama a lei, cumpre a lei de Deus com gosto e delícia, encontra supremo prazer no cumprimento de seu dever, que é a vontade de Deus.

Excusado é dizer que nisto é que nisto é que está a solução suprema e definitiva de todos os problemas da vida: em estabelecer a concentricidade da vontade humana com a vontade de Deus.

Mas como é isto possível?

É possível unicamente à luz da Verdade integral. Com efeito, o homem espiritual descobriu a grande verdade de que o seu Eu não é, propriamente, contrário a Deus, como o asceta pensa. Descobriu, com Tertuliano, que a alma é cristã (isto é, divina) por natureza. Descobriu com os grandes metafísicos, que o verdadeiro Eu humano, na sua mais profunda essência, é idêntico a Deus. Descobriu, com Jesus, que o reino de Deus está dentro do homem.

Descobriu, com o autor do Gênesis, que a alma humana é imagem e semelhança de Deus. Descobriu com Paulo de Tarso que somos de estirpe divina. Descobriu com Simão Pedro que o verdadeiro Eu humano é uma participação da natureza divina.

O homem espiritual não tem a louca pretensão de querer divinizar-se ou deificar-se, como os ignorantes pensam; não, ele apenas faz a grande descoberta da sua identidade com Deus. Sabe, com todos os grandes gênios metafísicos e místicos, sobretudo com o maior deles, Jesus de Nazaré, que existe só uma Realidade eterna, infinita, absoluta, Deus, e que todas as demais

“realidades” não são novas realidades, senão apenas novas modalidades, novos modos-de-ser dessa única Realidade. Sabe também que ele mesmo é uma forma individualizada de Deus, consciente e livre como Deus, embora em grau inferior de consciência e liberdade.

E, com a descoberta da sua essencial identidade com Deus, desvanece da vida do homem genuinamente espiritual a concepção ascético-ético-budista da santidade como consistindo na despersonalização do Eu humano, a concepção de que a afirmação de Deus implique a negação do Eu.

Por que é que o asceta ignora isto? por que é que, para ele, afirmar a Deus equivale a negar o Eu?

Pela simples razão de que o homem ético, e ainda não devidamente espiritualizado, é incapaz de distinguir entre o seu verdadeiro Eu e o seu pseudo-Eu. Por mais que o negue talvez, continua a identificar o seu Eu com o seu indivíduo físico e psíquico. Matriculou-se na escola sofística do empirista Protágoras, definindo o homem como este ou aquele ser individual – e não ingressou ainda na escola metafísica do grande místico Sócrates, que sabia intuitivamente que o homem é um ser universal, embora se manifeste em formas individuais.

Quando Sócrates, aos 70 anos, foi condenado à morte como “desprezador dos deuses e corruptor da juventude”, na noite que precedeu a sua execução, seu grande amigo Kriton subornou os guardas e abriu as portas do cárcere, convidando o velho filósofo a fugir.

– Por que? – perguntou Sócrates.

– Porque amanhã te vão matar – respondeu Kriton.

– Matar? a mim? – tornou tranquilamente o sábio – Ninguém pode matar Sócrates.

E, puxando a pele da mão e batendo no osso do crânio, acrescentou: – Kriton, você pensa que isto aqui é Sócrates? Isto é um involucrio ao redor de mim, mas isto não sou eu. Eu não sou o meu corpo, eu sou a minha alma. Sócrates é imortal.

Na manhã seguinte, conforme ordem do governo de Atenas, bebeu ele a taça de cicuta, que pôs termo à vida física desse grande cristão antes de Cristo.

Ora, todo homem realmente espiritual é socrático, e sabe com absoluta certeza que o seu verdadeiro Eu é divino, eterno, imortal, e não pode jamais estar em contradição com Deus, porque a alma humana é Deus mesmo em forma individual.

Por isto, a santidade do homem espiritual consiste na vigorosa afirmação de seu verdadeiro Eu, e na negação de seu pseudo-Eu, ou antes na completa subordinação do segundo ao primeiro. O céu não é, como ele sabe, a

extinção nirvânica do Eu, mas, sim, a retificação cristã do conceito da personalidade, a definitiva e vitoriosa compreensão da natureza divina de sua alma e a perfeita

harmonização da sua vontade individual humana com a vontade universal de Deus.

À luz dessa grande verdade, a vida espiritual deixa de ser sacrificial e cruciante, acabando por tornar-se profundamente deleitável e jubilosa.

O homem espiritual cumpre a vontade de Deus com o mesmo júbilo com que cumpriria a sua própria vontade, porque sabe que a perfeita realização da vontade de Deus é a única realização do seu verdadeiro Eu.

O DRAMA DE EROS

O verdadeiro e mais profundo sentido de Eros não é a *satisfação individual* do homem e da mulher, nem tampouco a procriação da *prole*. Eros tem um *background*, um fundo ou substrato de natureza metafísica, cósmica, universal, que não é conscientemente percebido pelos sexos. Por detrás da conhecida profanidade da libido canta a ignota sacralidade de Eros...

Esse substrato cósmico de Eros é o anseio pelo retorno à fonte universal de todas as coisas individuais. Os indivíduos orgânicos, resultantes da união dos sexos, representam um processo centrífugo, dispersivo, rumo à periferia. Por que é que Eros tem o poder de individualizar novas ondas de vida?

Unicamente porque, no ato sexual, retorna ao oceano imenso da vida cósmica experimentado, geralmente, na estranha embriaguez do orgasmo voluptuoso.

A eterna Realidade não tem sexo. O Absoluto é essencialmente assexual. O

homem – isto é, o ser humano como tal, o *homo*, o *ánthropos*, o *Mensch*; não o *vir*, o *anér*, o *Mann* – desconhece sexo. A ramificação em dois sexos é o primeiro passo para a individualização do homem universal.

Entretanto, o homem assim individualizado em macho e fêmea conserva nas incôncias profundezas da sua natureza humana a reminiscência do que foi na sua fase pré-sexual e o que continua a ser, mesmo agora, na íntima essência do seu ser humano. Essa silenciosa nostalgia do seu estado puramente humana, pré-masculino e pré-feminino, ecoa perenemente em cada uma das células do varão e da mulher. A união sexual é uma tentativa de retorno dos dois ramos da árvore humana, macho-fêmea, ao tronco único da natureza humana como tal; o *vir* e a *fêmeina* anseiam pelo *homo*; o *anér* e a *gyné* suspiram pelo *ánthropos*; o *Mann* e a *Weib* tentam reconstruir o *Mensch*.

A locução popular “minha cara metade” oculta, por detrás da sua corriqueira banalidade, uma verdade profunda: o sentimento obscuro do “incompleto” de cada sexo e do “completo” daquilo que precedeu a bifurcação dos sexos.

Certos ascetas entendem que o retorno ao estado de “completo” se encontra na abstenção sexual, uma vez que o uso do sexo representa o estado de

“incompleto”. Mas essa lógica consciente do asceta não coincide com a lógica inconsciente da humanidade, que, em virtude duma lógica de razões ignoradas, continua a usar o sexo como um fator de integração humana, ainda que esse mesmo sexo pareça ter sido o resultado duma desintegração. A humanidade professa a lógica obscura e inconsciente de que o sexo, embora

pareça representar a decadência ou deterioração de um primitivo estado de inteireza e integridade, é, não obstante, o meio ou veículo para um estado de mais completa inteireza do que o da integridade inicial, pré-sexual.

Se as palavras “integralista” e “totalitário” não tivessem, nos últimos decênios, adquirido determinado sentido de cor política, usá-las-íamos neste contexto para significar a eterna tendência de todo o ser, e do homem em particular, para vir a ser explícita e totalmente o que já é implícita e parcialmente. O

homem quer ser atualmente o que já é potencialmente. E este processo milenar de auto-realização (*Self-realization, Selbstverwirklichung*) vai através de Eros. O Eros da mitologia é uma divindade creadora, não no sentido primário de procriar novos indivíduos, mas no sentido profundo de criar, através de muitas individualizações parciais, o homem universal, total. Eros é, de fato, o Amor que cria o *homo*, o *ânthropos*, o *Mensch*, na sua completa, última e absoluta inteireza e perfeição.

Só assim se explica a elementar veemência com que os sexos se atraem um ao outro, sem que eles mesmos conheçam nitidamente a verdadeira razão dessa potência abismal; no zênite da intensidade sexual descem os dois atores praticamente ao nadir da inconsciência, deixando de ser *atores* do drama para se tornarem *sofredores*, ou vítimas passivas de uma potência

cósmica que os empolga com irresistível veemência. “Paixão” (*passio*) é passiva, algo que se padece, algo de que se é objeto sofredor, e não sujeito ator.

Em última análise, Eros é o brado cósmico pela plenitude.

É sumamente notável que os grandes místicos e gênios espirituais da humanidade se sirvam de uma linguagem visceralmente sexual ou erótica quando se referem ao retorno do homem à suprema Realidade, Deus. Os profetas de Israel representam relações entre Javé e o povo eleito sob a forma de matrimônio, razão por que a idolatria é constantemente equiparada ao adultério. Jesus Cristo descreve o consórcio do divino Logos com a natureza humana como uma festa nupcial. Paulo de Tarso traça o genial paralelo entre Cristo e a igreja sobre a base das relações entre homem e mulher.

Verdade é que o homem animal não compreende o sentido profundo de Eros, limitando-o à esfera da libido, das satisfações meramente carnis. Na realidade, porém, o verdadeiro casamento não se consuma na união física dos corpos, como acontece no acasalamento dos brutos, mas na integração dos espíritos, ou seja, na fusão metafísico-mística do verdadeiro Eu humano como outro Eu. “O que Deus uniu não o desuna o homem” – esta frase mística de Jesus tem um sentido profundo, uma vez que só a união dos espíritos é que é uma união real e, por isto, indissolúvel.

Os verdadeiros “casados” encontraram sua “casa”.

Eros integra os espíritos, reunificados em um só tronco os dois galhos diversificados pelos sexos. O veemente brado pela unidade cósmica – é este o mistério último que vibra por detrás da atração dos sexos. Eros a serviço do Cosmos.

É atestado de incompreensão fazer consistir o fim principal do matrimônio na procriação de novos indivíduos humanos, como certos autores e sociedades eclesiásticas proclamam em nossos dias. Quando Deus resolver criar Eva foi com o propósito explícito, como diz o Gênesis, de dar ao homem uma “auxiliar semelhante a ele”; só mais tarde aparece, qual corolário, a função de Eva como mãe.

As palavras “uma auxiliar semelhante a ele” revelam o dedo do gigante, mostram a presença do gênio na redação do texto sacro. A mulher é, antes de tudo, uma “auxiliar”, colocada no mesmo plano com o homem, não acima dele, como rainha, nem abaixo dele, como escrava, idéia essa também simbolizada na frase de que Eva foi tirada do lado de Adão (*), quer dizer que ela se acha no mesmo nível da humanidade com ele – mas nem por isto é “igual ao homem”, e, sim, “semelhante a ele”. A identidade da natureza vem expressa pela palavra “auxiliar”, e a diversidade do sexo pelo termo “semelhante”.

Unidade sem diversidade seria monotonia, estagnação, inércia, morte.

Diversidade sem unidade seria caos, desintegração, desordem. Mas, unidade na diversidade, ou diversidade na unidade é harmonia, dinâmica, beleza, perfeição. Deus não é o gênio da monotonia nem do caos, mas da harmonia, e, sendo o ser humano “imagem e semelhança de Deus”, não pode deixar de ser a personificação da harmonia. Homem e mulher são idênticos pela unidade da natureza, e não-idênticos pela diversidade dos sexos. Idênticos no plano da humanidade como *homo* e *homo*, são Adão e Eva dissemelhantes como sexos, como *vir* e *fêmima*, a fim de se poderem completar no plano duma humanidade superior, apenas vislumbrada pela humanidade do presente século.

(*) A conhecida expressão “costela de Adão” é simples errata do tradutor ignorante. O texto original não diz “costela”, mas “lado”.

Tese, antítese e síntese...

No princípio, temos a *tese*, isto é, o estado neutro, não diferenciado, pré-sexual, a humanidade amorfa, incolor, embrionária.

Depois vem a *antítese* dos sexos, a bifurcação Adão-Eva, a polaridade nitidamente diferenciada entre macho e fêmea, externamente diferentes, internamente idênticos.

Por, fim, aparecerá a *síntese* dos sexos processada pelo Eros superior, a reunião dos dois pólos adversos numa só natureza humana,

incomparavelmente superior e mais gloriosa que a da tese primitiva.

Os que condenam incondicionalmente o Eros não lhe compreendem a função metafísica. Devido aos inegáveis abusos que o homem animal tem cometido e comete sem cessar nesse plano, rejeitam esses doutrinadores ascéticos o próprio substrato eterno dos sexos.

Compreende-se assim porque o Cristo não era inimigo de Eros. Se o fora, não teria sido o maior gênio cósmico da humanidade. A sublimação de Eros pela compreensão da sua verdadeira função, no drama multimilenar da humanidade em marcha – é esta a tarefa gloriosa dos verdadeiros luminares do Cristianismo e guias espirituais do gênero humano.

HÁ UM INFERNO? O INFERNO É ETERNO?

Veze sem conta nem medida tenho ouvido estas perguntas, reveladoras, ao mesmo tempo, de uma grande angústia e duma imensa confusão.

Aduzem os infernistas textos bíblicos a seu favor, como estas palavras de Jesus: “E irão estes para o suplício eterno”.

Argumentam os não-infernistas com outros tópicos proferidos pelo mesmo Nazareno, como sejam: “Faze as pazes com teu adversário enquanto estiveres com ele a caminho, para que ele não te entregue à justiça e sejas lançados ao cárcere; pois eu te digo que daí não sairás até que tenhas pago o último vintém (ou ceutil)”. O “cárcere” é evidentemente o inferno, como se depreende do contexto da passagem. O “último vintém” é o derradeiro resquício da culpa, pago o qual o condenado sairá do cárcere infernal – o que é inegavelmente contrário à eternidade absoluta das penas.

Muitos outros textos, aparentemente contraditórios, poderiam ser respigados na Bíblia, razão por que se vão degladiando, há séculos, os defensores e os negadores do inferno, sem nenhuma esperança de chegar a um acordo final.

À guisa de parênteses ou observação preliminar, chamamos a atenção do leitor sensato para o fato que a simples palavra “eterno”, em que certos exegetas fazem finca-pé, nada prova, uma vez que este vocábulo é tomado, nas páginas bíblicas, ora em sentido absoluto, ora em sentido relativo, quer se aplique ao

“céu”, quer ao “inferno”. Por via de regra, indica simplesmente uma “longa duração”. O termo grego é *aionios*, derivado do substantivo *aion*, que quer dizer “idade”, “era”, “época”, “longa duração”. Também a correspondente palavra latina *aeternus* é derivado de *aetas* (idade), de maneira que “eterno”

quer dizer literalmente “de longa idade” ou duração. Diversas vezes encontramos na Bíblia expressões como “eternamente e ainda além” (*in aeternum et ultra*). Quase todas as orações litúrgicas da missa católica terminam com as conhecidas palavras *per omnia saecula saeculorum*, ou, no texto original grego, “por todas as eternidades das eternidades”, onde a palavra *aion* ou “eternidade” (*saeculum*) aparece com sentido relativo, e não absoluto.

Também Jesus diz aos saduceus que o tentavam com o caso da mulher dos sete maridos sucessivos que na “presente eternidade” (*aion*, no original, grego) casa-se e dá-se em casamento, mas que na “futura eternidade” (*aion*) não será assim. A Vulgata latina traduz *saeculum*, mas poderia com o mesmo direito ter traduzido “eternidade”, como faz em outros casos idênticos.

Não pretendemos, pois, tirar argumento, a favor ou contra a interminável duração do céu ou do inferno, da simples palavra “eterno”, que nada prova. É

necessário dirimir a questão sobre outra base, menos incerta. Passaremos a argumentar, não com a *letra* mas com o *espírito* da revelação divina.

Vamos por etapas.

1 – Antes de tudo, é necessário não esquecer que *Deus é o Logos*, como diz o quarto Evangelho, quer dizer a Razão absoluta, o Espírito eterno, que desde o princípio estava com Deus e que é Deus mesmo. Evidentemente, o

Logos não é contra a Lógica, a Razão eterna não é irracional, o Espírito divino não é contra Deus.

2 – *Quem foi que criou o inferno, a pena do pecado? Deus? Não! o pecador, seja humano ou angélico. Ora, se o pecador fez o inferno, compete ao pecador desfazer o que fez. Enquanto ele não o desfizer o que fez, o inferno existirá –*

existirá mantido pelo pecado do pecador, mas não por Deus. Deus não acendeu o inferno, e não compete a Deus extingui-lo. Se Deus desfizesse o que os seres conscientes e livres fizeram, atentaria contra o primordial e inalienável direito das criaturas racionais. O Creador, porém, respeita os direitos das suas criaturas livres. Compete, pois, unicamente ao ser consciente e livre extinguir o inferno que acendeu.

3 – Mas, perguntam os teólogos, *pode o homem (limitemo-nos ao homem) desfazer o que fez? pode ele extinguir o seu inferno?*

Acham esses teólogos que, durante a vida terrestre, pode o pecador desfazer o que fez, pode “converter-se” e assim extinguir o inferno provisório que criara; durante estes 20, 50, 80 anos, pode o homem passar do mal para o bem, e vice-versa, mas depois da morte física, dizem, está a atitude do homem definitiva e irrevogavelmente estabilizada e imobilizada: os bons serão bons para sempre, e os maus serão maus por toda a eternidade; os do céu não podem mais passar para o inferno, nem os do inferno podem passar para o céu. E, para corroborar a sua teologia, citam passagens bíblicas e, especialmente, palavras do divino Mestre de Nazaré. Em vez de fazermos a exegese deste ou daquele texto, vamos ver qual seria a razão dessa imobilização do mal.

A razão poderia ser uma só, a saber: a *falta de livre-arbítrio*. Pois, onde existe livre-arbítrio existe a possibilidade do bem e do mal. Mas, segundo esses teólogos, os maus (vamos, por ora, limitar-nos a esta classe) já não podem converter-se para o bem, porque deixaram de ser livres, ou, caso sejam ainda livres, a sua liberdade está inibida de funcionar.

E por que deixaram de ser livres?

Unicamente porque perderam o corpo, porque passaram pela morte física.

Fulano, pecador, tem 20 anos de idade. Ao atravessar uma rua, é atropelado por um automóvel e tem morte instantânea. Consequência imediata: impossibilidade de conversão. Se o carro não lhe quebrara os ossos e esmagara o crânio, podia fulano ter vivido ainda uns 50 anos, com abundantes possibilidades de conversão, de transição do inferno para o céu. Mas, como casualmente um pesado veículo lhe quebrou o corpo, fechou-se-lhe para sempre a porta do céu, que, do contrário, continuaria aberta por decênios. Meu Deus, como uma pequena máquina movida a gasolina mudou o eterno destino desse homem! decidiu sobre a sorte eterna da vítima! No mesmo instante em que o corpo caiu esmagado sob as rodas de um Ford, Chevrolet ou Cadillac, perdeu a alma desse jovem pecador a sua liberdade de escolha e qualquer possibilidade de conversão e felicidade... Como são poderosas essas máquinas fabricadas em Chicago ou Detroit! ...

Infelizmente, não nos explicam esses teólogos a razão por que a alma teria, subitamente, perdido a liberdade de escolha. Nem eles admitem que o livre-arbítrio seja atributo do corpo e resida nos ossos, na carne, no sangue ou nos nervos do nosso invólucro físico, que podem ser destruídos por acidentes fortuitos. Todos eles ensinam que a liberdade está na alma, essa alma que escapou ilesa do acidente. Logicamente, deviam admitir a sobrevivência da liberdade espiritual à morte física do homem. Mas, não se compreende em virtude de que estranho ilogismo, admitem que a liberdade, embora não resida no corpo, deixou de existir no momento em que o corpo foi destruído...

Outros dizem que a liberdade continua a existir, mas a sua função está paralisada, devido à ausência da graça divina. Quer dizer, que a graça divina teria continuado a funcionar nesse homem ainda por diversos decênios se aquele carro americano ou europeu não a tivesse compelido a suspender a sua atividade?... Será que se deve chamar Deus a um ser cuja atividade fica paralisada por um agente físico de fabricação humana?...

4 – Há, todavia, uma classe de teólogos que não admite a destruição da liberdade com o aniquilamento do corpo material, nem tampouco negam a ação da graça divina na alma desencarnada. Admitem que o homem,

mesmo sem corpo, continua livre e, portanto, com a possibilidade de conversão, salvando assim a lógica e o bom-senso.

Mas, por que é, então, que o pecador, privado do seu corpo físico, não se converte, como eles ensinam?

A resposta que esses mestres dão é espantosamente simples – ou simplesmente espantosa... É que o pecador não *quer* converter-se, embora possa.

E por que não quer?

É um mistério, dizem eles.

Não cremos que seja um mistério – mas antes uma mistificação.

É absolutamente certo, e metafisicamente inegável, que o mais profundo anseio de todo ser é o de ser feliz, de possuir um bem-estar compatível com o grau de sua natureza específica. Nenhum ser racional pode ter o desejo de ser infeliz, infeliz para sempre. Pode, sim, permitir certas “infelicidades” temporais, passar por determinados sofrimentos, com o fim de alcançar uma felicidade maior, mas não pode em definitivo renunciar ao desejo de felicidade. E, sendo Deus a infinita Felicidade, quanto mais divino é um ser pelo grau de sua consciência, tanto mais veemente é nele o anseio da felicidade. O maravilhoso estribilho do Sermão da Montanha “Bem-aventurados... bem-aventurados...

bem-aventurados...” não é senão o eco do mais profundo e veemente desejo de todo ser consciente.

Ora, segundo uma lei eterna e imutável, a infelicidade está inseparavelmente ligada ao pecado, assim como a felicidade é inseparável companheira do bem e da santidade. Se assim não fora, o mundo de Deus não seria um cosmos, mas um caos – mas o mundo de Deus é um cosmos, um sistema de ordem e harmonia. É absolutamente impossível que um ser mau seja feliz, ou que um ser bom seja infeliz.

Em face disto, perguntamos: pode algum ser consciente querer sofrer eternamente? ser para sempre infeliz?...

Absolutamente impossível. Ninguém pode amar a infelicidade, ninguém pode querer sofrer para sempre, embora possa permitir sofrimentos temporais, enquanto estes sejam meios para uma felicidade maior e definitiva. No caso do inferno, porém, o sofrimento deixaria de ser um meio, para se converter num fim em si mesmo. O condenado teria vontade de sofrer para sempre, de ser infeliz para toda a eternidade.

Uma coisa é certa: uma vez que o pecador *pode* abolir o pecado, pode também *querer* aboli-lo, isto é, pode querer extinguir o seu inferno.

Se o não quer ainda hoje, qual a razão desse não-querer-ainda?

A única razão é esta: é porque o pecador ainda não se convenceu definitivamente da absoluta e total impossibilidade de ser feliz no pecado.

Continua ainda a pecar, porque ainda “não sabe o que faz”, ainda está cego para a verdade última e suprema; continua ainda a tentar invadir o reino de Deus de contrabando, pela “porta dos fundos”, ilegalmente, porque ainda não compreendeu

com

meridiana

clareza

que

semelhante

tentativa

é

metafisicamente impossível e supinamente absurda.

Ser *santo*, como se vê, é, em última análise, idêntico a ser *sábio*.

“Conhecereis a verdade – e a verdade vos libertará”...

À luz da verdade suprema, possuiremos perfeita liberdade – a definitiva libertação de toda a ignorância e erro, no que tange a Deus e a nossa relação com ele...

Mas... chegará o homem a atingir essa suprema sabedoria? conhecerá ele, um dia, que a única possibilidade de ser feliz está em harmonizar a sua vontade com a vontade de Deus? em sintonizar o seu pequeno Eu humano com o grande Tu divino?...

Esta definitiva harmonização ou sintonização se efetuará, um dia, pelo fato de ser o homem – como todo ser consciente – “imagem e semelhança de Deus”, pelo fato de ser “a alma humana cristã por natureza”, pelo fato de ser o homem um “filho de Deus”, um participante da natureza divina, e de estar “o reino de Deus dentro do homem”...

Ora, como podia deixar de voltar a Deus o que veio de Deus? ou melhor, o que é Deus mesmo, no íntimo quê de seu ser?... Poderia Deus perder algo de?...

Toda essa confusão nasce, ultimamente, do fato de supormos falsamente que o inferno seja um certo *lugar*, e que esse lugar seja *creado por Deus* para punição dos pecadores – assim como os governos humanos criam certos lugares (cárceres), para castigar os malfeitores. Este antropomorfismo é que impede a verdadeira compreensão, porque a analogia tacitamente admitida entre a ordem humana e a ordem divina não existe, é simples ficção da nossa ingênua ignorância. Nas instituições humanas, a pena é separável da culpa, uma vez que não se trata senão de uma penalidade externa, imposta pela lei, que é algo artificial, adicional, adventício – quando nada disto ocorre no mundo da ordem moral, espiritual, divina. A eterna Justiça é natural – a lei humana é artificial, podendo existir com, sem ou mesmo contra a justiça. Na ordem divina da justiça – talvez melhor: retitude ou retidão – a pena não é algo adicionado à culpa, mas culpa e pena são essencialmente uma e a mesma coisa. Culpa e pena são realmente idênticas, embora a pena possa manifestar-se mais tarde,

devido ao estado de consciência imperfeita do culpado. Onde está a culpa, lá está a pena; onde há pecado, há inferno; e, enquanto o pecado não for revogado, o inferno continua a existir.

O reino de Deus e o reino de Satanás estão dentro do homem – e quem estabelece e atualiza este ou aquele reino é o homem, graças ao uso ou abuso da sua consciência moralmente livre.

É evidente que o céu e o inferno não são lugares geográficos ou astronômicos, mas sim estados da alma, atitudes da consciência dos seres livres. Deus não faz o meu céu nem o meu inferno – eu é que os faço.

Certo dia, alguém me perguntou se Satanás estava fora do inferno quando, no deserto da Judéia, tentou a Jesus. Respondi-lhe que ele estava de férias e aproveitara o tempo para se encontrar com Jesus. Mas o meu interlocutor, percebendo o gracejo, insistiu numa resposta séria, ao que lhe expliquei que Satanás nunca estivera no inferno, mas que o inferno estava dentro dele, como está em todos os satanases, humanos e angélicos, pois o inferno é um estado da alma ou do espírito contrário a Deus.

Quem criou esse estado é o único capaz de o abolir.

5 – Nesta altura, aparecem-me alguns pensadores com uma objeção aparentemente ponderosa, e que não quero passar em silêncio. Se o pecador, após-morte, dizem eles, pode passar do mal para o bem, do inferno para o céu

– por que não poderia haver também o processo inverso, *transição do bem para o mal, do céu para o inferno?*...

Esta objeção nasce, como tantas outras, duma obscuridade de idéias, supondo que possa haver simplesmente uma inversão de processo, uma transição do positivo para o negativo, já que houve movimento do negativo para o positivo, do mal para o bem. Se é possível, dizem, a jornada ascensional do ser livre, do pecado para a santidade, do desamor para o amor – pela mesma razão deve ser possível a jornada descensional, da santidade para o pecado, do amor para o desamor. E assim, não só não

teríamos um inferno eterno, mas nem tampouco um céu eterno – ou, pelo menos, não necessariamente eterno.

Respondemos que é intrinsecamente impossível essa inversão do processo.

Por quê?

Um pouco de lógica nos esclarecerá sobre a razão dessa impossibilidade.

Posso hoje saber algo que ignorava ontem, mas não posso ignorar amanhã o que hoje sei. (Note-se que estamos tratando dum *saber espiritual*, isto é, duma experiência íntima, e não dum *saber intelectual*, que, por vezes, é obliterado por um subsequente *não saber*, ou *esquecer*. Mas ninguém pode voltar da experiência espiritual para a não-experiência).

No passado, podia eu viver no desamor de Deus, porque não o conhecia; mas, uma vez que, no presente, o amo porque o conheço, não posso, no futuro, desamá-Lo novamente pelo fato de o desconhecer. Pode o filho pródigo não-amar seu pai e ter o desejo de ir para terras estranhas; mas, uma vez “entrado em si”, uma vez que, de “morto” que estava se tornou “vivo”, de “perdido”

passou a ser “achado”, nunca mais pode voltar a não-amar ao pai que uma vez amou de fato, porque, uma vez entrado em si, não pode tornar a sair de si; uma vez vivo e achado, não pode voltar a ser morto e perdido.

Pode o profano (o de fora) passar a ser um iniciado (o de dentro) – mas não pode este voltar a ser aquele. Há uma transição do ignorar ao saber, do

negativo ao positivo, das trevas à luz, da morte à vida – mas não pode haver o contrário, suposto que o primeiro processo seja realmente completo. Pode, certamente, o crente tornar-se um descrente – mas não pode o ciente tornar-se um insciente. O crente é apenas um viajor a meio caminho – mas o ciente é um ser que atingiu o termo da jornada. Há regresso do meio do caminho – mas não há regresso do fim da jornada.

Por isto, pode haver uma saída do inferno e uma entrada no céu – mas não pode haver uma saída do céu e entrada no inferno.

Pode o infeliz ter o desejo de ser feliz – mas não pode o feliz ter o desejo de ser infeliz. A infelicidade não é a essência íntima de nenhum ser – mas a felicidade é o brado metafísico de todos os seres do universo.

6 – Abandonemos agora o ponto de vista humano, ético e psíquico, da questão, e ergamos vôo à excelsitude de Deus. Ainda que tudo quanto levamos dito fosse duvidoso, ilusório e falso, a seguinte verdade seria, por si só, plenamente suficiente para estabelecer certeza definitiva e inabalável sobre o ponto em apreço.

Pode Deus punir um pecador, isto é infligir-lhe um sofrimento (temporal ou eterno) por um mal cometido, sem nenhuma intenção de levar o pecador a melhores sentimentos? sem nenhum propósito de o educar, reabilitar, melhorar, converter? Ou, por outra, pode o castigo ser um fim em si mesmo, sem ser um meio para outro fim?

Se um pai humano procedesse desta forma, todos nós, intimamente revoltados, lhe chamaríamos um “monstro”, um “perverso”, porque o nosso mais profundo e inextirpável senso moral nos diz que o fato de fazer sofrer alguém por um mal feito, sem nenhuma intenção ou possibilidade de o melhorar, é, intrinsecamente mau e perverso, resultando dum sentimento imoral de vingança ou sadismo. E, no entanto, é, precisamente esta a idéia que insignes teólogos têm de Deus – esse mesmo Deus que eles proclamam como sendo a personificação da justiça, bondade e amor...

Fique, pois, claramente estabelecido o seguinte: Quem pune alguém só para o fazer sofrer, comete um ato imoral. Toda e qualquer punição, para não ser imoral, deve ter o caráter de castigo (*) educativo, pedagógico, disciplinar.

(*) *Castigare* (castigar) vem de duas palavras latinas, *castum* (casto, puro) e *agere* (fazer, agir), de maneira que *castigare* (*castum agere*) quer dizer *purificar*, e a palavra castigar só devia ser usada neste sentido disciplinar, o que, infelizmente, nem sempre acontece. Toda e qualquer punição que não tenha este caráter de verdadeira castigação ou purificação é imoral e incompatível com a ordem cósmica ou vontade de Deus. Deus não pune ninguém por vingança, mas castiga seus filhos para os melhorar.

Segundo muitos teólogos, Deus, para se vingar duma ofensa (muitas vezes momentânea) recebida dum ser consciente, inflige ao mesmo um sofrimento

eterno, tirando-lhe, além disto, a possibilidade de arrependimento, mas continuando, mesmo assim, a manter a pobre creatura sujeita ao sofrimento.

Compreende-se que os maiores “ateus” e “agnósticos” tenham saído das escolas da teologia cristã. Compreende-se também por que Voltaire, educado num ambiente eclesiástico, se tornou o “patriarca da descrença”, dizendo que só poderia crer num Deus que pudesse sinceramente amar, mas que o Deus do cristianismo (quer dizer, do pseudo-cristianismo por ele conhecido) não era amável; um Deus assim não se podia amar, nem propriamente odiar ou temer

– mas simplesmente ignorar como não existente...

Felizmente, nem todos os infernistas possuem a lógica de Voltaire, e por isto nem todos acabam no ateísmo absoluto desse cínico escarnecedor de todas as coisas divinas.

O ateísmo é filho legítimo do pseudo-cristianismo que inventou um deus-monstro.

7 – Temos de lembrar, por fim, neste conexo, outro ponto importante.

Se houvesse Satanás e inferno eternos, *Deus não seria onipotente*. Por que não? Porque grande parte do seu mundo estaria perpetuamente fora do seu domínio e jurisdição, porquanto no mundo de Satanás não vigoram as leis de Deus. Suponhamos que Satanás leve para o seu reino 50% da humanidade –

depois de ter levado 50% ou mais do mundo dos anjos, como nos dizem eruditos teólogos – neste caso, evidentemente, Deus teria perdido, e para sempre, 50% do seu próprio mundo. E, no caso que o diabo levasse 90% ou 99% da humanidade – que seria da soberania e majestade de Deus? não deveríamos, nesse caso, proclamar Satanás como Deus, uma vez que o mais forte e vitorioso é mais Deus que o fraco e derrotado?...

É, pois, impossível, dentro do âmbito da lógica, admitir dois reinos eternos, o reino de Deus e o reino de Satanás, uma vez que, neste caso, nenhum dos reinos seria infinito, e nenhum de seus soberanos seria onipotente, tanto assim que Deus limitaria o domínio de Satanás, e Satanás limitaria o poder de Deus.

É necessário que, em última análise, haja um só reino e um só soberano, sob pena de não reconhecermos nenhum Deus verdadeiro. Logicamente, todo o defensor de um Satanás eterno é ateu, por mais que ele se revolte contra esta afirmação. O que o desculpa é unicamente a sua falta de lógica retilínea e absoluta, esse ilogismo nevoento que lhe serve de cortina de fumaça para não reconhecer o seu ateísmo latente.

Todo o monoteísta perfeitamente lógico é monista, no verdadeiro sentido do termo – como todo o dualista é um politeísta disfarçado.

Compreende-se, assim, por que Orígenes, Clemente de Alexandria, e outros exímios pensadores cristãos da escola metafísico-mística de Alexandria,

admitissem a não-eternidade do mal ou do inferno, a fim de salvar a eternidade do bem, ou do céu.

8 – Muitos sabem da verdade das considerações acima expostas – mas não se atrevem a proclamá-las. O conhecido argumento dos advogados de um castigo eterno é de caráter, antes *pedagógico* do que *metafísico*. Acham que, se não houvesse castigo sem fim, *não haveria estímulo e motivo suficiente para uma vida ética e pura no mundo presente*; pois, se sei que, ainda depois da morte, e por toda a eternidade, terei oportunidade para me converter do mal para o bem, e que, por maior pecador que seja agora, posso vir a ser um santo, ainda que este processo leve séculos e milênios – se disto sei, por que então não aproveitaria a vida presente para sorver até à lixa a taça dos prazeres pecaminosos e espojar-me em todos os lodaçais dos vícios?

Partem esses objicientes de uma falsa premissa, e por isto não pode a conclusão do seu silogismo deixar de ser falsa também. A falsa premissa é a suposição de que o motivo único, ou pelo menos principal, para o homem

evitar o mal e praticar o bem sejam o medo do castigo e a esperança do prêmio.

Infelizmente, a humanidade cristã do Ocidente – a exemplo do antigo povo judaico (*) – foi e está sendo educada neste sentido.

(*) A principal diferença entre a mentalidade judaica de antanho e a da cristandade de hoje, neste particular, está em que o judaísmo apelava de preferência para castigos e prêmios na vida *presente*, ao passo que a teologia cristã se faz forte na perspectiva de um inferno ou céu no *futuro*.

De fato, se é este o motivo primário, têm razão os defensores de castigos eternos em rejeitar os argumentos, porque qualquer castigo temporário lhes enfraqueceria a força do argumento ético. O profano necessita do argumento terrorista, como o irracional, inacessível a razões de natureza racional; e como, infelizmente, há enormes massas de profanos, mesmo no mundo chamado cristão, compreende-se por que as sociedades eclesíásticas consideram

“heterodoxos” ou “heréticos” todos os “Orígenes”, antigos e modernos.

Pedagogicamente, pode ser que elas tenham razão; metafisicamente, não têm razão.

Disto sabia o maior dos iniciados, quando dizia a seus discípulos: “Não deis as coisas santas aos cães, nem lanceis as vossas pérolas aos porcos, para que não lhe metam as patas, e, voltando-se contra vós, vos dilacerem”. Cães e porcos, em linguagem oriental, significam os profanos, os homens espiritualmente analfabetos e inexperientes; coisas santas e pérolas são as grandes verdades do reino de Deus.

Com efeito, que aconteceria se lançássemos um punhado de pérolas preciosas a um porco selvagem? Cuidando receber uma batata ou uma espiga de milho, e verificando ser apenas um punhado de pérolas duras e incomestíveis, sentir-se-ia o suíno grandemente desapontado; meteria as patas imundas no ignoto

tesouro e, julgando-se vítima de cruel ludíbrio da parte do homem, se voltaria, furioso, contra ele, procurando vingar-se, dilacerando o autor de semelhante burla.

Geralmente, para a massa dos profanos, é preferível dar-lhes a verdade em pequeninas doses homeopáticas, cuidadosamente medidas e calculadas; a verdade integral, vigoroso alimento para os espíritos avançados, seria veneno para essas almas atrasadas. Disto sabia Paulo de Tarso quando escrevia aos cristãos de Corinto que a alguns deles, “infantes em Cristo”, só lhes dava a beber simples leite, ao passo que a outros, “adultos em Cristo”, lhes oferecia

“comida sólida”.

A comida sólida da verdade integral é, pois, alimento para os homens espiritualmente adultos – mas pode vir a ser veneno para as almas espiritualmente infantes.

O homem “adulto em Cristo” não evita o mal para fugir ao castigo, aqui ou após-morte, nem tampouco para alcançar o céu (isto é, uma espécie de céu externo). O verdadeiro iniciado nos mistérios do reino de Deus evita o mal por ser mal, e pratica o bem por ser bem; porquanto ele sabe, na sua profunda clarividência intuitiva, que o mal é contrário à eterna e sacrossanta ordem do universo, ou seja, a vontade e natureza de Deus, ao passo que o bem é a eterna harmonia com a natureza de Deus, ou melhor, é Deus mesmo. E, como o iniciado está intimamente identificado com Deus, sabe ele que é da íntima natureza do homem ser bom e fugir do mal. Ser-bom, não é, para ele, algum imperativo categórico imposto de fora, mas é a voz da sua própria natureza, da sua alma, “imagem e semelhança de Deus”. Embora ele saiba que, pelo fato de ser bom, evita o inferno e entra no céu, o verdadeiro cristão não é bom com o fim de alcançar algum céu fora dessa bondade, ou evitar algum inferno adicionado ao mal. Sabe que tanto o reino do céu como o reino do inferno estão dentro do homem, são estados da alma identificada ou separada de Deus.

O verdadeiro cristão endossa plenamente a maravilhosa prece de um dos grandes místicos medievais, que diz:

“Não me move, Senhor, para querer-te,

A glória que me tendes prometido;

Nem me move o inferno tão temido,

Para deixar por isso de ofender-te...

Minha alma, em te amar tanto se esmera

Que, ainda a faltar o céu, eu te amara,

E, não havendo inferno, eu te temera;

Nada, por te amar, de ti espera,

E, se ainda o que espero não esperara,

O mesmo que te quero eu te quisera...”

O DEUS DO MUNDO NO MUNDO DE DEUS

O maior teste do verdadeiro místico, a mais decisiva prova-de-fogo reveladora de um homem realmente iniciado no reino de Deus, consiste na facilidade com que ele *vê Deus em tudo e tudo em Deus*.

Muitos são os homens que vêm o mundo sem Deus – como fazem os profanos.

Menos numerosos são os que vêm a Deus sem o mundo – como os ascetas.

Raríssimos são os homens, no presente plano evolutivo, que vêm a Deus no mundo, e o mundo em Deus – como o verdadeiro místico.

Há quem considere o místico, o iniciado, o vidente de Deus, como sendo um alucinado, um homem auto-sugestionado, um caçador de quimeras e sonhador de sonhos. É que o profano não sabe, nem pode saber, no seu

estado de obtusa profanidade, que Deus está de fato no mundo, e em cada coisa do mundo; não sabe que isto, não é apenas um belo idealismo poético ou estético, um devaneio sentimental para fim-de-semana, mas, sim, uma solidíssima realidade, mais certa que o fato físico $H_2O = \text{água}$, mais certa que a equação matemática $2 \times 2 = 4$. De fato, a imanência de Deus em todas as coisas não é apenas fisicamente real ou matematicamente exata, mas é metafisicamente certa, tão certa como é certo que a causa está no efeito, e o efeito está na causa. Causa e efeito são, na realidade, uma só coisa, considerada de dois lados diversos: do lado *ativo* aquilo é chamado “causa”, do lado *passivo* é apelidado “efeito”.

Objeta-se que o efeito não está necessariamente dentro da causa, ou vice-versa; tanto assim que o efeito – por exemplo, o filho – pode continuar a existir quando a causa – neste caso, os pais – já deixou de ser.

Respondemos que esta objeção é totalmente improcedente, e isto pela simples razão de não serem os pais a verdadeira causa do filho – assim como a semente não é a causa da árvore, nem o ovo é a causa da ave. As chamadas

“causas individuais” da natureza são meras “condições”, isto é, agentes *externos*, e não fatores *internos*, relativamente ao efeito; não produzem o efeito de dentro de si, mas servem apenas como veículos ou canais por onde fluem e derivam os efeitos, filhos de outra causa. A árvore não vem *da* semente, mas apenas *através* dela – assim como a ave não vem *do* ovo e o filho não vem *dos* pais.

De fato, não existem *causas* no mundo fenomenal – só existe uma *Causa*. Já o dizia, séculos atrás, David Hume, no seu livro *Essay on Human Understanding*.

Infelizmente, não ousou o filósofo britânico dar o segundo passo – nem o podia dar, do seu ponto de vista meramente empírico – depois de negar a existência de verdadeiras causas individuais (no que tinha razão), não ousou afirmar a Causa Universal (no que foi vítima do seu estreito empirismo).

A lógica retilínea, irrestrita e integral obriga-nos a admitir a existência de uma Causa Única, Universal, Cósmica, Eterna, Simultânea, Incrriada, Auto-

existente, Causa essa que, no tempo e no espaço, se revela em inúmeros fenômenos individuais, que chamamos efeitos.

Ora, nenhum desses efeitos está fora da Causa produtora, uma vez que cada um desses efeitos não é senão essa mesma causa enquanto considerada parcialmente.

Assim, o mundo não está nem pode estar fora de Deus, como Deus não pode estar fora do mundo, porque Deus é a Causa Universal, da qual este ou aquele mundo são manifestações parciais.

O efeito não é comparável a uma bala de espingarda expelida pela arma (separação, transcendência), mas é antes como a brancura relativamente ao objeto branco em que inere (união, imanência). Posso tomar nas mãos a bala sem tocar na espingarda, mas não posso apanhar a brancura e abstraí-la do objeto, por exemplo do papel, de que é atributo. O mundo está em Deus, não assim como a bala está na espingarda, mas antes como a brancura está no objeto branco, ou melhor ainda, como o pensamento está no pensador. Quer dizer que o mundo não é um efeito *transcendente*, mas sim um efeito *imane*nte de sua Causa.

Se o mundo – não necessariamente este *nosso* mundo – fosse algo separado ou separável de Deus, após a criação, seria ele uma nova realidade existente fora de Deus, o que é intrinsecamente absurdo e impossível, uma vez que não pode haver mais de uma Realidade Absoluta, nem pode haver algo fora ou ao lado de Deus, como se algum “finito” pudesse existir além ou fora do “Infinito”, no qual está necessariamente contido. Qualquer algo “fora”, “além”, ou “ao lado” do TODO é simples ficção da nossa mente, ficção à qual nada corresponde no plano da realidade objetiva.

A mais inexorável lógica obriga-nos a admitir que a Causa única e a íntima Essência do mundo, e de cada ser existente no mundo, é Deus. O que a ciência costuma chamar as “leis” da natureza, esse fator invisível que tudo crea, rege e orienta, é, na realidade, uma única lei com manifestações várias

—

física, química, psíquica, biológica, elétrica, eletrônica, atômica, *etc.* – e essa única lei da natureza é idêntica a Deus. Deus não fez leis e as pôs

dentro das coisas, como a nossa ignorância científica proclama; Deus é a íntima lei de

todos os fenômenos do universo. Deus não é idêntico a nenhum desses fenômenos – o que seria absurdo panteísmo – mas Deus é idêntico à única Lei, Causa ou Essência de todas as coisas – o que se poderia denominar panenteísmo (pan-en-theô – tudo-em-Deus). Todos os grandes gênios espirituais, sobretudo Jesus o Cristo, foram e são panenteístas, como panenteísta é toda a verdadeira filosofia e religião. E é precisamente nesta suprema vidência ou visão da Realidade Cósmica, que consiste a verdadeira grandeza desse gigante da humanidade – como na falta dessa intuição consiste a pequenez da massa profana do gênero humano. O olhar poderoso do místico não pára na superfície opaca dos fenômenos, como os olhos fracos do profano; penetra essa superfície, rompe por todos os invólucros periféricos, atravessa todas as camadas externas das coisas e atinge o âmago, a essência, o íntimo e último quê dos seres, que é absoluto, infinito, universal, eterno.

O iniciado é o único realista integral, ao passo que o profano é irrealista, semi-realista ou pseudo-realista – embora estes últimos, paradoxalmente, se tenham, geralmente, em conta de realistas...

O iniciado é um *essencialista* – enquanto o profano é um *aparencialista*.

Aquele abisma-se na infinita profundidade do eterno Noúmeno – ao passo que este pára na superfície dos fenômenos.

O iniciado formou-se na Universidade da Totalidade – enquanto o profano marca passo no jardim d'infância ou soletra o abc na escola primária da parcialidade.

O iniciado é imperturbavelmente feliz na posse segura e serena da verdade total – ao passo que o profano é tão infeliz que corre de prazer a prazer, no vão tentame de encher o abismo da sua infelicidade.

O místico vive na luminosa atmosfera de três grandes amores, que, no fundo, são um só: 1) o amor a Deus, 2) o amor aos homens, 3) e o amor à natureza.

Ou melhor: ele ama a Deus em sua eterna essência *oni-consciente*; ama a Deus na sua imagem *consciente* (homem), e ama a Deus na sua obra *inconsciente* (natureza).

Quando o profano, em algum fim-de-semana, demanda a natureza e experimenta suaves devaneios sentimentais, à vista duma linda paisagem, dum lago plácido, a escutar o canto dos passarinhos, a seguir o adejo das borboletas por sobre as flores – julga-se ele, por vezes, tomado de um enlevo místico. Pura ilusão! Pode-se *flertar* com sinhá Natura, sem lhe ter o menor amor. De fato, nenhum profano pode amar a Natureza, porque amor supõe compreensão e fusão de almas, ao passo que ele não compreende a Natureza e não está realmente identificado com ela. Também, como podia o profano

compreender e amar a Natureza, quando lhe ignora a íntima essência, que é Deus? Um analfabeto do Deus do mundo é necessariamente um analfabeto do mundo de Deus. Só pode, em verdade, amar o mundo de Deus quem ama o Deus do mundo e é iniciado na compreensão intuitiva dos seus eternos e inefáveis mistérios...

Para quem não se identificou plenamente com Deus, a natureza representa um constante perigo, uma tentação de adultério e apostasia de Deus. O poeta profano, o “panteísta” não espiritual, o namorador analfabeto, não ama a Natureza *em Deus*, mas ama-a *sem Deus* ou *em vez de Deus*; é um idólatra, um infiel, um renegado, um apóstata de Deus. Quem não se acha firmemente arraigado em Deus faz melhor em não se entregar a inebriantes devaneios naturistas, porque para ele a Natureza é uma sereia *sedutora*, que o afasta, e não uma amiga *condutora*, que o aproxime de Deus.

Para o iniciado, porém, e só para ele, é a Natureza, desde os átomos até aos astros, uma auxiliar e amiga de absoluta confiança, uma fidelíssima aliada e companheira de viagem que vê no homem seu irmão mais velho, consciente, capaz de levar pela mão a inconsciente irmãzinha Natura, para que ambos, de mãos dadas, cheguem a Deus – o Alfa e o Ômega, o eterno *Amen*, do qual tudo vem, no qual tudo existe e para o qual tudo vai.

POR QUE SOU INFELIZ

Qual é a verdadeira causa de toda a minha infelicidade?

Alguma das coisas que me cercam?

Algum dos acontecimentos que me couberam?

Alguma das pessoas com que tenho de tratar?

É o que eu pensava, quando ainda profano, cego e insincero comigo mesmo.

Hoje sei que tudo isto não passa de evasivas e camuflagem, mais ou menos inconscientes. Se não fosse isto ou aquilo, se fulano ou sicrana não tivessem dito ou feito tal ou tal coisa – seria eu mais feliz? ou menos infeliz? É o que eu pensava na minha ignorância, ou na minha insinceridade...

Nunca existiu um só homem, desde o início do mundo, cuja felicidade ou infelicidade dependesse realmente desta ou daquela circunstância, embora não queiramos negar que certos fatos externos possam influir, como condições, em nosso estado interior; mas nunca nenhum deles pode ser a causa primária da nossa felicidade, ou do contrário. Se assim fosse – ai de mim! estaria o meu céu ou meu inferno à mercê das boas ou más vontades de terceiros, e toda a divina ordem do cosmos acabaria na diabólica desordem do caos...

Qual é, então, a verdadeira causa e razão decisiva da minha infelicidade (limitemo-nos a este ponto)?

Sou eu mesmo. É a minha falsa atitude, assumida em face da eterna Realidade, chamada Deus.

E em que consiste essa falsa atitude?

Numa atitude *subjetiva*, que não corresponde à realidade *objetiva*.

A saber?

Consiste única e exclusivamente no meu *egocentrismo*. Faço do meu querido Eu o centro da minha vida, e, possivelmente, do universo; espero, implícita ou explicitamente, que todo o mundo gire e gravite em torno de mim; e, se assim não acontece, ou não acontece na medida que eu esperava e a que julgava ter direito, queixo-me, falo em ingratidão, menosprezo, pouco caso, e ando com a alma em chaga viva.

E por que tudo isto?

Porque estabeleci, de início, a falsa premissa de ser eu o grande centro – as conclusões que deste erro básico decorrem não podem deixar de ser errôneas.

E assim é que fabrico a minha “infelicidade”. Toda infelicidade nasce dum erro, como toda felicidade é filha da verdade. Ou, no dizer do grande Mestre:

“Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. Onde há verdade há liberdade, e onde há liberdade há felicidade.

Quer dizer que o amor-próprio é um erro?

Amor-próprio não é erro nem pecado, tanto assim que Deus é o infinito amor-próprio, amando a si mesmo com infinita veemência, e Jesus toma por norma e padrão de amor ao próximo o amor que cada um tem a si mesmo. Todo e qualquer ser é impelido pelo amor-próprio, que é a lei da natureza e a vontade de Deus. O erro do egoísta não está em que ele se ama a si mesmo, mas está no fato de amar só a si e desamar os outros; o erro está no *exclusivismo* do amor-próprio, não no amor-próprio em si mesmo. O egocentrista exclui do seu amor todos os outros egos humanos, ou muitos deles, em vez de os incluir todos, a exemplo do que Deus faz.

Quem consegue converter o *ex* em *in*, o exclusivismo do seu amor num *inclusivismo* afetivo, foge do inferno e entra no céu.

Mas, por que é que tão poucos homens praticam esse amor pan-inclusivo?

essa bem-querença panorâmica, onilateral, cósmica, universal, genuinamente divina?

É que o homem profano vive na tradicional ilusão – relíquia do nosso atavismo animal – de que, incluindo outros seres no âmbito do seu amor e dos seus interesses, sofra prejuízo ele mesmo; porquanto, amor quer dizer uma permanente *atitude doadora*; o clima habitual do homem que ama é o de dar, dar, dar, dar o que *tem*, e, mais ainda, dar o que ele *é* – dar do *seu* e dar o próprio *Eu*. Ora, esta atitude doadora parece empobrecer o doador. Não é, porventura, o que vemos todos os dias? não é isto que nos ensina a nossa própria experiência? Dar empobrece – receber enriquece. Perco o que dou –

ganho o que recebo. E, como ninguém quer uma vida pobre, vazia, negativa, descolorida, precária, é natural que todos procurem, por todos os meios e de todos os modos, receber, e, se necessário, tirar aos outros, explorar, arrebatar, o que não possam ter de outra forma. É esta, como sabemos, a filosofia do homem comum.

Onde está o erro?

Está em que o profano aplica, sem mais nem menos, as leis do mundo *material* ao mundo *espiritual*. No mundo da matéria, é verdade, perde-se o que se dá aos outros – mas no mundo do espírito vigora exatamente a matemática

contrária: quanto mais se dá tanto mais se possui – e quanto menos se dá tanto menos se possui. Até mesmo no mundo intelectual vigora a lei do

“enriquecimento por doação”: Se dou os meus pensamentos a meus leitores ou ouvintes, não perco esses pensamentos, não sofro desfalque no meu saber; pelo contrário, possuo mais firmemente esses mesmos pensamentos que dei.

Da mesma forma, no mundo do amor: pelo fato de dar o meu amor aos outros, não o perco; mas, quanto mais liberalmente prodigalizo o meu amor, mais abundante e intensamente o possuo.

Deus, o amor infinito, sempre dá e nunca recebe; e, quanto mais divino é um homem, tanto mais possui ele desse divino carisma de dar, e tanto menos desejo tem de receber. Verdade é que o homem que dá a seus semelhantes também recebe, e recebe na razão direta do seu dar – recebe, não dos homens, mas de Deus. Espalha benefícios a mãos-cheias no plano *horizontal*, entre seus semelhantes – e recebe em linha *vertical*, de Deus. Entretanto, aqui há um perigo traiçoeiro! Dar aos homens, com a secreta intenção de receber deles outro tanto, ou até mais – o capital com juros e juros capitalizados – isto é refinado egoísmo. Mas, dar sem nenhuma intenção ou esperança de receber algo em troca, da parte dos beneficiados, isto é que é amor genuíno.

O fato de eu saber, com absoluta certeza, que, quanto mais dou aos homens, mais receberei de Deus, não implica egoísmo. Sei que existe, e sempre existirá, essa eterna lei cósmica, quer eu quera, quer não quera; sei que ela atua na minha vida, e atuará sempre com infalível precisão, porque isto faz parte da íntima constituição deste mundo de Deus, que é um cosmos (ordem) e não um caos (desordem). Se eu, pelo fato de ser bom, desinteressadamente bom para com todos, empobrecesse a minha vida, o mundo de Deus deixaria de ser uma ordem cósmica e passaria a ser uma monstruosa desordem e horripilante injustiça. Se assim fosse, o melhor seria ser mau e egoísta em toda a linha.

Eu, porém, sei, e com absoluta certeza, que, se “procurar primeiro o reino de Deus e sua retidão, todas as outras coisas me serão dadas de acréscimo” –

mas esse saber acerca de uma lei universal e indestrutível não me faz egoísta.

Egoísmo seria esperar retribuição na *horizontal*, contar com os benefícios dos meus beneficiados, ou com a gratidão dos meus agraciados. A certeza que tenho de infalível retribuição na *vertical* – o chamado céu – não me faz egoísta.

Verdade é que os beneficiados têm o dever de serem gratos, mas o benfeitor não tem o direito de contar com essa gratidão.

No dia e na hora em que eu abolir, definitiva e irrevogavelmente, todo e qualquer egocentrismo, nesse dia e nessa hora começará para mim o reino dos céus e uma vida de imperturbável paz e felicidade...

Entretanto, não pensemos que essa permanente atitude doadora nos enriqueça apenas a vida *espiritual* – mesmo que assim fosse, seria razão

sobeja para mantermos invariavelmente essa atitude positiva, de alma e mãos abertas em todas as direções. Mas é experiência geral e multimilenar de todos os homens verdadeiramente altruístas e amantes que a filosofia do desinteressado “dar do seu e dar o próprio Eu” enriquece também a vida *material* em todos os seus departamentos compatíveis com a atmosfera do reino de Deus. As palavras lapidares do divino Mestre “procurai antes o reino de Deus e sua retidão, e *todas as outras coisas vos serão dadas de acréscimo*”, contêm a quintessência das experiências da humanidade-elite de todos os tempos. Se Jesus dissesse que, pelo fato de procurarmos as coisas espirituais (“o reino de Deus”), perdêssemos todas as coisas materiais (“as outras coisas”), teríamos alguma razão, ou, pelo menos, um pretexto, para não buscarmos o reino de Deus, com medo de perdermos os reinos do mundo. Mas a sua filosofia não é tão imperfeita e unilateral; Jesus afirma categoricamente que a posse das coisas espirituais é compatível com a posse das coisas materiais; diz até que, se procurarmos seriamente aquelas, virão estas espontaneamente, não sendo necessário que lhe corramos ao encalço, à guisa do que fazem os profanos. É que vigora secreto nexo de causalidade entre o espiritual e o material, uma vez que ambos são criaturas do mesmo Creador; a causa espiritual produz também o efeito material, como o maior produz o menor – embora o material não produza o espiritual, pois o menor não pode causar o maior. A posse dos bens materiais não me garante a posse dos valores espirituais, mas a posse destes envolve necessariamente a posse daqueles. Nunca existiu um só homem realmente espiritual que, por causa da sua espiritualidade, sofresse falta das materialidades necessárias à vida.

Dizemos, “necessárias”, e não supérfluas, porque o desejo de possuir luxo supérfluo e excessiva abundância de bens materiais não é compatível com o clima do reino de Deus, que é “temperado”.

Andam por aí certos cultos que prometem a seus adeptos indefectível saúde e prosperidade sempre crescente pelo fato de serem realmente espirituais – mentalidade essa incompatível com as perseguições e sofrimentos que Jesus prognosticou a seus seguidores, e que a história de quase vinte séculos confirma.

O que o profano entende por “prosperidade” é algo completamente diverso daquilo que o iniciado entende com esta palavra. Para aquele, a prosperidade denota algo *quantitativo, horizontal* – ao passo que para este significa algo *qualitativo, vertical*. Prosperidade, para o homem espiritual, não é algo que se *tenha*, mas algo que se *é*. Pode ele não *ter* prosperidade, mas sempre *é* próspero. O modo como o verdadeiro cristão possui e goza o pouco que possui é incomparavelmente superior e mais delicioso do que o modo como o homem mundano possui e goza as suas superfluidades. Gozar, significa para o iniciado antes uma *qualidade intensiva* do que uma *quantidade extensiva*. Verdade é que o cristão integral, segundo as palavras do Mestre, não desdenha “as outras

coisas” que a vida *horizontal* lhe oferece espontaneamente, mas não as quisera possuir e gozar sem a *vertical* do “reino de Deus”, porque todas as coisas materiais são para o iniciado como um cadáver, um corpo sem alma, quando não vitalizadas e suavizadas pelo espírito de Deus. Para o profano, as coisas materiais são como que opacas; nada percebe para além dessa superfície impenetrável do dinheiro, da fama, dos prazeres; são invólucros sem conteúdo, cadáveres inertes lindamente pintados – ao passo que o iniciado vê todas as coisas do mundo como que cristalinamente transparentes; percebe a misteriosa luz que de todas as coisas transparece, e é essa luz divina que a todas as criaturas confere a sua estranha beleza e seu real valor. Ele vê Deus em tudo e tudo em Deus.

Nunca existiu um só homem espiritual que se arrependesse de ter sido espiritual, ou que tivesse morrido com a impressão de não ter gozado as coisas boas e belas da vida – ao passo que milhares de homens deploraram o seu materialismo e morreram com o sentimento acerbo de terem vivido em vão...

FELICIDADE? NÃO: FELICIDADE

IMPERTURBÁVEL!

Tem se dito que o fim supremo do homem é a sua felicidade. É inadequada essa expressão. Porquanto, também o profano, o homem não-espiritual, é “feliz”, isto é, enquanto ele é capaz de ser feliz. Muitos dos profanos que tenho interrogado a respeito asseveraram-me que eram “felizes”.

Entretanto, nem qualquer espécie de felicidade é o verdadeiro fim do homem.

Porque há uma *felicidade relativa*, minúscula, precária – e há uma FELICIDADE ABSOLUTA, maiúscula, sólida. Qualquer felicidade que não seja absoluta contém sempre um germe do contrário, quer dizer, um germe de infelicidade. Pode alguém ser *atualmente* feliz e ao mesmo tempo *potencialmente* infeliz, porque a sua chamada “felicidade” assenta alicerces numa ignorância, total ou parcial, da Realidade Absoluta. Esse homem não atingiu ainda a última fronteira, não derrotou ainda o último inimigo, e por isto sempre são possíveis surpresas ingratas e imprevistas que lhe destruam a

“felicidade” precária e instável que possui ou julgava possuir. A ignorância da Suprema e Última Realidade é sempre uma porta aberta para a infelicidade, pois, no dia e na hora em que o ignorante perder a sua ignorância – lá se foi a sua linda bolha de sabão a que ele chamava sua “felicidade”. É perigoso edificar a felicidade sobre a tenuíssima e fragílissima camada duma bolha de sabão, por mais lindas que sejam as suas cores.

Posses materiais, fama, saúde – três lindas bolhas de sabão sobre as quais milhões de homens erguem o edifício da sua “felicidade”. Coisa precária! coisa incerta! Amanhã vem um terremoto – e lá se vai tudo em ruínas!

A maior felicidade desse gênero é, certamente, a saúde, porque sem ela todas as demais felicidades terrestres pouco valem. Mas quem me garante que amanhã um bando de bactérias não virá destruir o edifício da minha saúde e felicidade?... Quer dizer que essa tal felicidade depende das boas ou

más graças de uns micróbios!... Sou feliz por obra e mercê de um bando de *streptococcus* ou de uns invisíveis *vírus*... Se essas criaturinhas houverem por bem não me fazer infeliz, sou feliz; se resolverem o contrário, sou infeliz...

É necessário que a nossa felicidade esteja baseada em algo que, em caso algum, possa ser destruído por fatores alheios à vontade do homem.

Mas que é esse “algo”?

É a *sapiência*, o conhecimento intuitivo de Deus, que, naturalmente, implica o amor de Deus e de tudo que é de Deus.

Há um caminho *ascensional* do não-saber ao saber – mas não há caminho *descensional* do saber ao não-saber.

Da minha *ignorância negativa* de ontem passei para a *sapiência positiva* de hoje – mas desta não posso voltar para aquela. Posso chegar a saber o que ignorava – mas não posso tornar a ignorar o que sei. De infeliz posso vir a ser feliz – mas da felicidade perfeita não há regresso para a infelicidade. A felicidade, porém, nunca consiste em ignorância, ilusão, irrealismo. A verdadeira felicidade supõe verdade, sapiência, realidade. A verdade absoluta é infinitamente mais bela que todas as pseudo-belezas das ilusões ou semi-verdades. Enquanto alguém não tiver os pés solidamente firmados no alicerce eterno da Realidade Absoluta, Deus, não tem garantia real de que amanhã ainda continue a ser feliz. Enquanto a minha felicidade dependa de algo que não dependa de mim, não sou solidamente feliz. Se os azares da fortuna, se a malevolência do meu vizinho, se um determinado micróbio no meu sangue, se um certo humor nos meus fluidos orgânicos ou certa vibração nos meus nervos forem os árbitros e fatores decisivos da minha felicidade ou infelicidade, evidentemente não sou feliz, porque não sou eu o autor e dono desses estados; estou entregue à mercê de fatores que não obedecem à minha vontade.

A felicidade deve necessariamente consistir em algo que esteja realmente em meu poder – e isto é o conhecimento e amor de Deus.

Uma vez atingida essa excelsa culminância, essa extrema fronteira, sinto-me imperturbavelmente feliz, na certeza absoluta de que ninguém, no céu, na terra ou no inferno, é capaz de destruir a minha felicidade.

Ninguém? Existe, sim, um único ser capaz de a destruir – e este ser sou eu mesmo. Só eu, e mais ninguém. Mas, se eu *não quero* ser infeliz, ninguém me pode fazer infeliz. E eu posso *não querer*.

O homem espiritual, o místico, o iniciado é o único homem imperturbavelmente feliz.

DELE, NELE, PARA ELE...

Eis aqui a síntese de toda a filosofia e religião!

De Deus tudo vem...

Em Deus tudo está...

Para Deus tudo volta...

A antiquíssima filosofia hindu usa a palavra simbólica AUM (pronunciada OUM) para significar esse eterno processo trinitário do cosmos. No livro do Apocalipse, último da nossa Bíblia, esse AUM aparece na forma de AMÉM

(também frequentemente usado por Jesus). Diz o Eterno: “Eu sou o AMÉM, o Veracíssimo”, ou seja, a Verdade Total.

A idéia trinitária, que encontramos em todas as grandes religiões do mundo, e não só no Cristianismo, contém estes elementos:

Tudo tem sua *origem* em Deus, o Pai Criador, a Causa Prima do Universo.

Tudo *existe* e subsiste permanentemente e se desenvolve em Deus, o Filho iluminador, a Luz do Mundo.

Tudo tende para Deus como seu último fim, consciente ou inconscientemente, porque o Espírito divino leva tudo à perfeição.

Poder, Sabedoria, Amor – Força, Luz, Calor – Pai, Filho, Espírito – o Início, a Evolução, a Consumação...

Pela criação começa o ente a ser *indivíduo*, onda manifestativa do infinito Oceano do SER, raio solar irradiando do imenso Foco da REALIDADE; na medida e proporção que um ente tem consciência da sua individualidade cresce a sua perfeição como fenômeno; a consciência dos seres infra-humanos é tão tênue que nós, do nosso ponto de vista, chamamos esses seres

“inconscientes”, embora não exista, de fato, nenhum ser realmente inconsciente, o que equivaleria ao puro nada, a inexistência absoluta.

Quando a consciência individual se condensa num foco, surge a *auto-consciência* (*Self-consciousness*, *Selbstbewusstsein*), representada neste planeta pelo homem. O ser auto-consciente tem uma tendência natural *centrífuga*, quer dizer que tende a separar-se do seu centro creador, Deus, e proclamar-se a si mesmo como um centro autônomo, independente, separado

do grande Centro Eterno; o pequeno centro se torna “satan”, palavra hebraica que quer dizer “contra”, “adversário”, “separatista” da Causa creadora, Deus, procurando ignorá-Ia ou negá-Ia, a fim de proclamar mais eficazmente a sua própria autonomia individual. Todo “satan” – seja humano ou super-humano –

vive num permanente clima de *auto-adoração* ou *egolatria*, esperando que todos os outros seres “se prostem em terra e o adorem”, como disse tão expressivamente aquele ser *egocêntrico*, no deserto da Judéia, ao mais perfeito ser *teocêntrico* que entre nós apareceu. Sendo que o Cristo é o divino Logos, Deus mesmo, é natural que todo “satan” seja um anti-cristo, um anti-deus.

Recusar-se a transcender o plano da egolatria ou auto-adoração, rumo à teolatria, equivale a estar no “poder do satan”, ou no “inferno” (quer dizer, no plano “inferior”).

Entretanto, o ser que atinge plena consciência da eterna Realidade, este, apesar de individualizado no mais alto grau, não se recusa a reconhecer a sua permanente ligação com o Centro Eterno, Deus, persistindo, portanto, na

“Verdade”, sendo ao mesmo tempo *centrífugo* (na sua qualidade de indivíduo ego-consciente) e *centrípeto* (no seu caráter de personalidade teo-consciente).

O homem teocêntrico, ou cristificado, é ao mesmo tempo, e por isto mesmo, o mais perfeito indivíduo, a personalidade humana por excelência. Há uma verdade profundíssima na constante afirmação do Evangelho de que o “Filho do Homem” era o “Filho Unigênito de Deus”. Sendo que até hoje apareceu um só “Filho do Homem” – quer dizer, um só homem integralmente humano, um homem ideal, um pleni-homem – é perfeitamente exato chamá-lo o “Filho Unigênito de Deus”, a única encarnação perfeita da Divindade aqui na terra.

Dessa unicidade *histórica* de Jesus tiraram certos teólogos não-iluminados a falsa conclusão da unicidade *metafísica* dele, negando a existência do *Christós* nos outros homens e negando, portanto, aos irmãos menores da família humana a possibilidade de se tornarem iguais ao irmão “primogênito”, tese essa diametralmente oposta ao espírito de Jesus, que garante a seus discípulos que farão “as mesmas obras que ele fez”, e que as farão até

“maiores”; tese também incompatível com a mentalidade de Paulo de Tarso e do discípulo “a quem Jesus amava”, esses expoentes máximos da vidência espiritual do primeiro século do Cristianismo, os quais, embora proclamem Jesus como sendo o “filho unigênito de Deus” no plano histórico, defendem ao mesmo tempo a possibilidade da plena cristificação de todos os outros filhos de Deus, os irmãos menores da grande família humana.

Todo homem perfeito é um *Christós*, um “Ungido” ou “Permeiado” do espírito de Deus, um ser no qual o próprio Deus se encarnou e estabeleceu o seu habitáculo permanente.

A verdadeira santidade é uma maravilhosa *polaridade*; é a síntese, o equilíbrio dinâmico entre a *consciência individual do Eu* e a *consciência universal de Deus*; uma perfeita harmonia cósmica entre a força *centrífuga* do homem-indivíduo e a força *centrípeto* do homem-universo (*).

(*) Convém notar que, neste emprego de “centrífugo” e “centrípeto”, entendemos por “centro” a *Deus*, e não o *Eu*, como, por vezes, acontece em outras ocasiões, quando nos servimos da mesma alegoria astronômica, tomando o “centro” como símbolo do pequeno *Eu* humano.

O mundo infra-humano, a Natureza, é um não-Eu.

O mundo dos homens é um *Eu* individual em busca do *Eu* universal.

O mundo de “satan” é um *Eu* individual que nega o *Eu* universal.

O mundo do *Christós* é o *Eu* individual perfeitamente identificado com o *Eu* universal – “eu e o Pai somos um”...

O eterno *Lógos* se fez carne (indivíduo humano) – para que a carne pudesse ascender ao plano do *Logos*...

REALIDADE – OU REALIDADES?

O alicerce da verdadeira felicidade é a verdade, ou seja, o contato com a REALIDADE. Realidade, no singular, porque não há realidades, no plural. O

profano, é verdade, fala em realidades, e para eles as realidades são tantas quantos os fenômenos ou eventos individuais que seus sentidos apanham, no vasto âmbito do mundo circunjacente. O profano é, necessariamente, *pluralista*, uma vez que os sentidos nos revelam pluralidade sem unidade. Mas o iniciado é, essencialmente, *unista*, isto é, ciente da grande

UNIDADE do cosmos. Não quer dizer que ele negue a pluralidade, como se os fenômenos fossem simples miragem, irrealidade, vacuidade ou ilusão dos nossos sentidos. Não, o iniciado, precisamente por ser um vidente, sabe que o mundo fenomenal não é meramente fictício, projeção subjetiva do nosso Eu; mas sabe também que esses fenômenos que afetam os nossos sentidos não têm auto-realidade, conteúdo intrínseco, existência autônoma; sabe que a chamada “realidade” das coisas sensórias é uma alo-realidade, algo meramente extrínseco, heterônimo.

O iniciado é uni-pluralista.

A REALIDADE única e total está aqui, onde estou; está integralmente onde o animal vive, onde a planta vegeta, onde o mineral existe – mas nem todos os seres percebem a Realidade em toda a sua amplitude e totalidade. Há uma infinita escala de percepções, consoante a capacidade do percipiente. O grau de perceptibilidade, ou consciência, determina a perfeição de um ser, na imensa hierarquia ascendente dos seres. Um ser oni-percipientes, ou oni-consciente, é, por isto mesmo; infinitamente perfeito – e este pode ser um só.

Um ser destituído de toda e qualquer percepção ou consciência seria, *ipso facto*, inexistente, um não-ser, um puro nada. Todos os seres, pelo próprio fato de existirem como entidades reais, possuem certo grau de percepção ou consciência, embora tão baixo e primitivo que nós, seres humanos altamente percipientes ou conscientes, consideramos esses seres como impercipientes ou inconscientes – da mesma forma que chamamos as ondas luminosas de baixa frequência “treva”, e as vibrações aéreas abaixo de 20 por segundo,

“silêncio”. A “treva” e o “silêncio” são luz e som relativamente baixos – da mesma forma que o chamado “inconsciente” é um consciente de grau inferior à nossa verificação. Verdade é – digamo-Lo entre parênteses – que a não-verificabilidade de uma realidade, da nossa parte, pode provir também da causa contrária, quer dizer, de um grau de realidade excessivamente elevado para as nossas faculdades perceptivas, como acontece, por exemplo, com as ondas luminosas de frequência superior ao poder visual dos nossos olhos, “a

luz ultra-violeta”, os raios alfa, beta, gama, a radiação cósmica, e inúmeras outras vibrações que não afetam os nossos órgãos percipientes, ou então os destroem instantaneamente com a sua extrema veemência; da mesma forma, também deixamos de verificar, normalmente, os “supersônicos”, quer dizer, as vibrações aéreas que ultrapassam 20.000 vibrações por segundo, e cuja intensa realidade sonora é para nossos ouvidos “irrealidade sonora”, ou silêncio. Coisa análoga acontece no plano da consciência; uma consciência excessivamente elevada e intensa escapa à nossa verificação consciente, afetando-nos como “inconsciência”. Deus, a consciência infinita, a oni-consciência, é pelas religiões altamente metafísicas considerado como

“inconsciente”, e a atmosfera da sua vida é “nirvana”, palavra que significa “extinção”, não extinção do ser, mas extinção do ser-consciente. “Nirvana” é, de fato, o estado de oni-consciência, ou participação humana desse estado da Divindade. Deus é tão intensamente consciente que a sua consciência nos parece a nós, seres fracamente conscientes, inconsciência – assim como uma luz muito intensa é para nós treva, e um som demasiado alto nos afeta como silêncio.

Nenhum ser individual pode ter de Deus uma percepção absolutamente perfeita, plena e integral – só o próprio Deus tem de si essa noção.

O percipiente não percebe a Realidade assim como *ela* é, mas assim como *ele* é, como já diziam os antigos filósofos: *Quidquid recipitur, per modum recipientis recipitur*, ou nesta outra versão: *cognitum est in cognoscente secundum modum cognoscentis*, o conhecido está no cognoscente segundo o modo do cognoscente.

O homem percebe o Deus de um modo humano, mas, na razão direta que o homem se diviniza, perceberá a Deus de um modo mais divino, isto é, mais verdadeiro. A princípio, há enorme distância entre o *objeto percebido* e o *ato perceptivo*, ao mesmo tempo que é pequena a distância entre o *sujeito percipiente* e o *ato perceptivo*, quer dizer que o homem primitivo percebe a Deus de um modo inteiramente humano. Graficamente, poderíamos representar esta verdade da forma seguinte:

1) Sujeito<-----> Ato<-----> Objeto

2) Sujeito<-----> Ato<-----> Objeto

Na medida que o sujeito (homem) retifica a sua noção do objeto (Deus), o seu ato cognoscitivo se *dessubjetiviza* gradualmente, objetivizando-se cada vez mais. Quer dizer que o homem espiritual conhece a Realidade Divina mais como *ela* é do que como *ele mesmo* é, isto é, tem de Deus uma concepção mais verdadeira do que outros conhecedores menos objetivos e mais subjetivos.

O homem profano possui um máximo de subjetividade e um mínimo de objetividade, no que tange ao mundo divino – ao passo que o iniciado, o místico, o vidente, o verdadeiro santo, possui altíssimo grau de objetividade e ínfimo grau de subjetividade. E, como o objeto conhecido é universal por natureza (Deus), o iniciado se universaliza na razão direta que se aproxima de Deus, pela intuição interna. E, uma vez que Deus é a essência de todas as coisas, o iniciado, estando identificado com Deus, está também identificado com todas as manifestações de Deus, as criaturas, os fenômenos da natureza.

Por mais estranho que, a princípio, pareça, é absolutamente certo que ninguém está mais próximo da natureza, ninguém vive em maior intimidade com as criaturas do que aquele que vive identificado com o Creador, porque, sendo ele “um com o Pai”, é também um com todos os seres que são um com Deus.

Se A está em B, e C está em A, evidentemente C também está em B. É

também o que a experiência de todos os tempos confirma brilhantemente: os grandes videntes e amantes do Deus do mundo foram sempre grandes compreendedores e amigos do mundo de Deus.

Devido a essa divina intimidade com a natureza, o iniciado é, naturalmente, um taumaturgo, quer dizer, um homem amigo e aliado da natureza e que usa as leis naturais com a mesma espontânea facilidade com que um amigo usa os bens de outro amigo, porque existe entre eles comunhão de bens.

O profano intelectualizado do presente século gaba-se de ter submetido a natureza à sua vontade, e julga-se senhor e soberano do mundo da física e da química – pura ilusão! A natureza serve ao homem unicamente porque o homem se submete servilmente às leis da natureza, que logrou descobrir, parcialmente; mas, no mesmo instante em que o homem contrariar uma só das leis naturais – digamos, da eletricidade – a natureza o mata impiedosamente. O

homem profano, intelectualizado, não é amigo e aliado, mas inimigo e explorador da natureza; a natureza não coopera com esse homem, alegre e espontaneamente, como nenhum escravo colabora prazerosamente com seu tirânico senhor; a natureza obedece ao homem moderno a contragosto, intimamente revoltada, em face dos monstruosos crimes que o homem

“civilizado” e “mecanizado” comete contra ela, dia a dia, a serviço de seu abominável egoísmo. E a natureza vingá-se do homem explorador, não apenas em forma de milhares de acidentes, mas também com uma legião de moléstias, físicas e mentais, que ela desencadeia, em escala crescente, contra o seu impiedoso usurpador.

O único homem realmente senhor das leis da natureza é o iniciado, o santo, o homem cristificado: porquanto, só pode ser senhor da natureza quem lhe é amigo e aliado – e só pode ser amigo e aliado da natureza o homem identificado com o Senhor da natureza, que é ao mesmo tempo seu maior amigo, Deus.

No mundo superior, *conhecer* é o mesmo que poder(*). A infinita sapiência de Deus é o onipotente criador do universo – e a divina sapiência do homem que conhece a Deus é a sua potência irresistível que “remove montanhas”, e para a qual não existe o “impossível”.

(*) Em muitas línguas, estas duas palavras têm o mesmo radical, como, por exemplo, em alemão: *kennen* (conhecer) e *koennen* (poder); também a palavra sânscrita *gnana* (ou *jnana*) e o grego *gnosis*, que significam *conhecer* e são vocábulos filologicamente idênticos ao germânico *koennen*, *Kunst* (poder, arte). O alemão *wissen* (saber) e o latim *posse* (poder) também são radicalmente idênticos. As línguas brotaram do subconsciente humano, e nessa zona cósmica sentiu o homem a grande verdade: *saber é*

poder. O verdadeiro *saber* é um *saborear*, isto é, uma experiência vital e profunda da intuição creadora do homem.

A faculdade perceptiva dos seres, nos diversos planos, pode ser comparada a uma espécie de rede, ou crivo, com malhas ou interstícios de tamanho vário: A rede número 1 corresponde ao poder *sensório*, que temos de comum com o mundo animal. Nessas malhas apanhamos certos fenômenos de natureza muito primitiva e grosseira, como são as coisas do mundo físico material, ao passo que outras realidades mais finas e sutis escapam pelos largos interstícios da rede.

A rede número 2 simboliza o nosso poder *intelectivo*, faculdades tipicamente humana, que captura coisas mais refinadas do que os órgãos sensórios, realidades do mundo imaterial, metafísico, lógico, racional, como são, por exemplo, as relações causais existentes entre os seres individuais da natureza, percepção essa sobre a qual está baseada toda a cultura científica e técnica do homem. A própria palavra “intelecto” ou, “inteligência” (do latim *inter-legere*,

“colher-por-entre”, ou talvez *intus-legere*, “colher-por-dentro”) define admiravelmente a função específica dessa faculdade: pelo intelecto o homem lê, ou colhe(*), apanha, realidades existentes “por entre” (inter) ou “dentro”

(intus) dos seres individuais, realidades que para as malhas grosseiras dos sentidos são irrealidades, coisas inexistentes, pelo fato de não afetarem esses órgãos primitivos...

(*) Convém notar que o sentido original da palavra latina *legere* não é, propriamente, “ler”, como é geralmente traduzida, mas “colher”, “apanhar”, “prender”. Também em alemão, a palavra correspondente *lesen* (ler) significa o ato físico de colher. De resto, também a nossa palavra “compreender” deriva de “prender”; “compreendemos” aquilo que “prendemos” ou apanhamos com a nossa rede intelectual; o que não se prende nessas malhas da inteligência

não se compreende. Quanto mais apertadas são essas malhas, mais podemos prender e reter nessa rede do intelecto.

O treino intelectual do homem consiste no sucessivo estreitamento desses interstícios, a princípio muito largos, e depois mais apertados.

Finalmente, a rede número 3, representando o poder *intuitivo*, é de malhas tão fechadas que retém o que existe de mais fino e sutil no universo, a Realidade espiritual.

Em face disto, compreende-se por que o ser meramente sensitivo, como o bruto, não pode de forma alguma compreender, prender ou aprender, as realidades imateriais e metafísicas do mundo intelectual. A percepção das relações causais, por exemplo, base de todas as ciências humanas, é desconhecida ao animal, e o que a ela corresponde é para ele um puro nada, uma vez que a rede grosseira dos sentidos não registra essas realidades ultra sensórias. O animal pode, com toda a honestidade, afirmar que o mundo metafísico da ciência humana *não existe* – quer dizer, para ele, animal, *subjetivamente*. Naturalmente, se o animal ultrapassasse essa afirmação de caráter relativo e concluísse que essas realidades metafísicas não existem absolutamente no mundo *objetivo*, cometeria o mesmo ilogismo que tantos materialistas humanos costumam cometer.

Pela mesma razão, *mutatis mutandis*, também não pode o homem meramente intelectualizado compreender as realidades do mundo espiritual, porque fogem às malhas não suficientemente sutis da sua rede intelectual. Por mais que o homem espiritual procure e tente explicar a seu irmão meramente intelectual o que é Deus, Cristo, vida eterna, etc., o dono da rede número dois não apanha o verdadeiro sentido destas palavras, que coa imperceptivelmente através das suas malhas intelectuais; para ele, “Deus” é uma “palavra sagrada”, ou mesmo uma “idéia poética”, mas de forma alguma uma “realidade objetiva”.

Um dia foi Santo Agostinho interrogado sobre o que era Deus; respondeu o grande gênio africano: “Se ninguém me pergunta, eu sei o que é Deus – mas, se alguém me pergunta, confesso que não sei”. Quer dizer, *intelectualmente*, ignoro, *espiritualmente* sei o que é Deus; mas, como essa sutilíssima realidade apanhada pela rede do espírito não é analisável e definível pela rede primitiva da inteligência, posso ter a experiência intuitiva de Deus, sem poder dar dele uma definição intelectual.

O que o intelectualista deve fazer para compreender o mundo espiritual não é intensificar a sua inteligência – que seria a continuação da mesma *linha horizontal* – mas, sim, tomar outra direção – a nova direção da *verticalidade*.

Evidentemente, não se chega a ter uma vertical pela adição ou multiplicação de horizontais e mais horizontais; é necessário abandonar esse plano e iniciar um rumo diferente do primeiro.

Essa mudança da horizontal para a vertical é o que se chama *conversão, redenção, salvação*, que não é a soma total das intelectualidades horizontais, mas é um novo início, uma direção inédita, uma “vida nova”, um “renascimento pelo espírito”, o descobrimento de um novo mundo até então coberto e ignorado. Não é uma “continuação” de algo já pré-existente, mas é um “novo início”, um fato virgem, absolutamente original – é um deslumbrante *fiat lux* no meio das trevas.

É esta a razão última por que esse “novo início” não pode ser manufaturado pelo “homem velho”, de certos materiais pré-existentes e por ele engendrados

– ou, no dizer de Paulo de Tarso, à salvação é um dom de Deus, vem do alto, como *obra da graça divina*, e não de baixo, *graças a obras humanas*. Pode e deve, certamente, o homem preparar o caminho para o advento desse “novo início”, desse “renascimento pelo espírito”, mas não o pode criar de dentro de si, ou fabricá-lo de algo já nele existente, uma vez que o *menos* não pode causar o *mais*, o *negativo* não pode produzir o *positivo*, o *pecador* não pode fazer de si um *justo*, porque tudo isto seria uma flagrante contradição às leis eternas da Lógica, da Razão, de Deus mesmo.

Em última análise, o que o iniciado sabe intuitivamente é absolutamente lógico e racional. Pode-se afirmar que o místico é o único homem integralmente lógico e 100% racional – embora os profanos o considerem exatamente o contrário.

Em Deus, o eterno Logos, se abraçam em fraternal amplexo a Lógica e a Mística, a Razão e a Revelação.

FORÇA DO ESPÍRITO VERSUS

ESPÍRITO DA FORÇA

Havia largos anos que Thomas Edison trabalhava para criar a lâmpada elétrica de filamentos, que hoje nos parece algo tão natural e simples. Depois de haver realizado, neste sentido, setecentos experimentos diversos sem nenhum resultado

satisfatório,

disseram-lhe

alguns

dos

seus

colaboradores

profissionais: “E tempo perdido, sr. Edison! Fizemos setecentos experimentos de todas as espécies, e não adiantamos um passo – não sabemos nada!”...

– O quê? – exclamou o grande inventor – Não adiantamos um passo? não sabemos nada? Conhecemos setecentas coisas que não dão certo – e isto vocês chamam “nada”? Estamos mais próximos da verdade por setecentos passos do que dois anos atrás – e isto vocês consideram tempo perdido?

Edison continuou a pesquisar com imperturbável perseverança e os fatos provam que o grande gênio tinha razão.

O mesmo acontece no terreno espiritual. O homem profano está sempre disposto a fixar os olhos nos seus fracassos, na falta de resultados imediatos; impressiona-se sempre com os *negativos* da vida, esquecendo-se dos *positivos*. Os seus pensamentos e as suas conversas giram em torno dos

males que sofreu ou receia sofrer, e fecha os olhos para os bens reais de que sua vida está repleta. Ignora que o “mal” não consiste em alguma realidade, mas que é simplesmente a ausência do real, que é o “bem”.

Que é treva senão ausência de luz?

Que é moléstia senão ausência de saúde?

Que é morte senão ausência de vida?

Que é pecado senão ausência de santidade?

O profano, vítima de ignorância, procura debelar os negativos da vida, os males, atacando-os diretamente, de frente – o que é tão absurdo como querer afugentar as trevas de uma sala espancando-as com paus ou ferros, tentando matá-las com espadas ou lanças. Sendo que a treva não é senão a ausência da luz, o único meio de acabar com a escuridão é substituí-la pelo oposto, suplantá-la pela presença da luz – e lá se foram as trevas! porquanto o negativo é incompatível com o positivo.

Da mesma forma, ninguém pode expulsar a moléstia de outro modo que não seja pela substituição da saúde, como ninguém pode abolir o pecado senão pela introdução da santidade.

Semelhante atrai semelhante – é esta a homeopatia do espírito, é esta a lei eterna e universal que rege o macrocosmo lá fora e o microcosmo cá dentro.

Quem vive habitualmente num clima mórbido de negatividade – temor, ódio, rancor, ressentimento, pessimismo, tristeza, desânimo, espírito de crítica e descaridade – prepara o terreno para novas negatividades e derrotas em série.

Toda atitude negativa é uma gestante que leva no seio um embrião feito à sua imagem e semelhança, e, cedo ou tarde, dará à luz uma nova prole de caráter negativo – perpetuando assim a interminável cadeia de males.

O único meio de melhorar o mundo e a vida humana é assumir e manter invariável atitude positiva – altruísmo, amor, benevolência, alegria,

confiança, espírito de caridade e conciliação, atmosfera de harmonia e bem-querença –

porque o positivo atual cria os positivos potenciais, e estes, quando devidamente maturados, geram novas positivities, criando epopéias de bem-estar e felicidade.

O Sermão da Montanha é a Carta Magna da positividade, ou seja, do realismo do mundo espiritual. É a mais gloriosa proclamação da força do espírito sobre o espírito da força. O profano, devido a sua atitude negativista, confia no espírito da força, da violência física – e descrê da força do espírito; o iniciado, porém, sabe que toda violência é atestado de fraqueza, e que a mansidão é força e poder. Os filhos das trevas, devido a seu analfabetismo, esperam resultados positivos de meios negativos – paus, pedras, ferros, espadas, lanças, espingardas, canhões, metralhadoras, navios de guerra, torpedos, bombas atômicas, *etc.* – ao passo que os filhos da luz, graças à sua excelsa sabedoria, abstêm-se de toda violência bruta, porque lhe conhecem a fraqueza, e lançam mão da invencível potência dos fatores espirituais, sintetizados no amor. Cristo, Francisco de Assis, Tolstói, Mahatma Gandhi, e tantos outros iniciados, eram mestres nessa Universidade Espiritual. Não resistir ao maligno, pagar o mal com o bem, estar disposto a antes sofrer mil injúrias do que cometer uma só, preferir morrer a matar – tudo isto, que ao profano parece tão ineficiente e imprático, embora perdoável a um “idealista”, é para o iniciado supremo realismo, filosofia sumamente prática, o caminho único para a felicidade individual e a harmonia social da humanidade.

Com efeito, não existe na literatura mundial documento de maior realismo do que o Sermão da Montanha. O gênio que tais palavras proferiu, como ecos da sua própria experiência, é comparável a um médico insigne que não se contenta com a supressão dos sintomas externos duma moléstia, como fazem os charlatães, mas vai diretamente à raiz do mal, diagnosticando-o com infalível certeza e aplicando-lhe remédio radical.

O homem profano, porém, vítima do seu irrealismo crônico, chama “idealismo”

(com o que ele entende um irrealismo utópico) aquilo que é infinitamente mais realista e real que todos os seus pretensos “realismos”.

Existe um só processo infalível para acabar de vez com todos os nossos inimigos – é amá-los como amigos. Adicionar um negativo a outro negativo não é aboli-lo, mas duplicá-lo: ou, em termos comuns, fazer mal a quem me fez mal é criar dois males em vez de um e aumentar a soma dos males existentes no mundo; é fazer o mundo de hoje pior do que era o mundo de ontem. Deixar de pagar mal por mal, não aumenta os males existentes, mas também não os diminui, porque continua a existir o mal do meu malfeitor. Mas, pagar bem por mal é cancelar com um *positivo* um *negativo*; quem assim procede faz o mundo de hoje consideravelmente melhor do que o mundo de ontem.

Reduzida a termos mais simples, poderíamos representar a matemática do Sermão da Montanha do seguinte modo:

a) $(-1) + (-1) = -2$ (pagar mal por mal, equivale a dois males) b) $(-1) + (0) = -1$ (deixar de pagar mal por mal, equivale a um mal) c) $(-1) + (+1) = 0$ (pagar bem por mal, equivale a zero mal) No item “c” está a quintessência do cristianismo e a salvação da humanidade.

O homem profano procura dar cabo de seus inimigos matando-os, porque, lá no seu primitivo analfabetismo, ignora por completo a grande lei cósmica que ódio gera ódio, violência produz violência, negativo cria negativo, perpetuando e aumentando assim a interminável cadeia dos males, algemando cada vez mais o malfeitor que procura libertar-se do mal multiplicando os males. É como a monstruosa hidra da antiga mitologia: toda vez que Hércules lhe decepava uma das numerosas cabeças, nasciam duas novas em lugar da antiga. O

malfeitor, na sua deplorável cegueira, não compreende que o mal que ele inflige aos outros é um mal muito maior para ele mesmo, porquanto, para os que *sofrem*, o mal é apenas um mal externo, mas para quem *produz*, o mal é um mal interno. O *objeto* do malefício é atingido apenas extrinsecamente, ao passo que o *sujeito* do mal, o malfeitor, é ferido intrinsecamente. Sofrer uma injúria não me faz pior, mas fazer injúria me faz pior, diminui o meu valor interno, degrada a íntima essência da minha personalidade humana.

Se os homens compreendessem esta simples verdade e vivessem de acordo com essa compreensão, seria mudada a face da terra.

O melhor meio para perpetuar indefinidamente os nossos inimigos é sermos-lhes inimigos – o meio mais seguro e único de acabar com eles é sermos-lhes amigos.

Quem deita óleo no fogo para o apagar aumenta-lhe a força; quem se abstém de lhe deitar óleo não o apaga, mas permite que continue; mas quem lhe deita água extingue-o instantaneamente.

De uma só coisa necessita a humanidade: de homens perfeitamente realistas, tão realistas como o autor do Sermão da Montanha.

SÓ PODE CONDUZIR QUEM É CONDUZIDO

Verdadeiro guia e condutor da humanidade só é aquele que é guiado e conduzido por Deus, o homem que dele recebeu uma missão para a humanidade.

Isto é, só o homem que recebeu um poder real “de cima”, e não aquele que se arroga um poder fictício e se arvora em soberano e ditador de seus semelhantes. Os verdadeiros condutores do gênero humano são homens empolgados por uma invisível e irresistível Potência, homens que emergem de horizontes longínquos, de uma ilimitada vastidão e insondável profundidade; homens nos quais opera a magia das forças cósmicas, ou seja, do espírito de Deus.

É possível que esses homens ignorem a força que os conduz e impele, que não tenham noção clara do soberano que os usa como seus instrumentos e servos – também, quem podia definir analiticamente o Grande Anônimo de mil nomes?... O que é certo, todavia, é que esses homens-mistério se acham penetrados e totalmente permeados daquele elemento sobre-humano que os empolga e que se lhes torna cômico de formas várias – talvez na consciência nítida duma grande Responsabilidade, ou como a Verdade, o

Dever, o Sacrifício, a Imolação, o Devotamento a uma grande causa, ou como a arrebatadora potência de um Amor sem limites...

É em torno desses homens onerados de uma grande missão, esses homens cujo pequeno Eu humano foi totalmente absorvido pelo grande Tu divino – é em torno desses poucos que gravitam os muitos que necessitam de firmeza e de guia, porque esses homens sabem o caminho que muitos ignoram, e, indiferentes a vivas e mortas, a louvores e impropérios, seguem esse caminho com a imperturbável segurança e dinâmica tranquilidade das magnas torrentes, na sua vasta e taciturna jornada rumo ao oceano, recebendo de ambos os lados os pequenos e grandes afluentes que nelas se afundam...

Esses homens divinamente guiados jamais impõem a sua vontade individual a pessoa alguma, porque votam imenso respeito e sagrada reverência à liberdade de todo ser humano, cientes como estão da confiança que necessitam de seus guiados; mas, como são canais abertos por onde fluem as impetuosas torrentes da Divindade, é inevitável que, querendo ou não querendo, se tornem centros de gravitação no seio de vastos sistemas planetários que, espontaneamente, giram em torno desses sóis do universo humano.

São esses os verdadeiros guias e condutores da humanidade, porque humildes e dóceis servos nas mãos do Onipotente.

Só quem é por Deus conduzido pode ser um condutor de homens.

Quem é conduzido pelo Ego individual é um “guia cego”, e, por isto mesmo, um sedutor em vez de um condutor.

Um guia assim, divinamente guiado, era aquele homem de Nazaré, em torno do qual gravitam, através dos séculos e milênios, os melhores dentre os filhos dos homens...

QUANDO A ÉTICA DEIXAR DE

SER DOLOROSA...

Não minto...

Não engano...

Não mato...

Não roubo...

Não adultero...

Não exploro...

Não odeio...

Não sou egoísta...

Toda pessoa aprova estas afirmações éticas em forma negativa, embora não as pratique, talvez. E os que as praticam sabem quão difícil é ser bom, moralmente honesto, eticamente correto.

A vida ética é, de fato, uma interminável série de sacrifícios, razão por que há tantas leis, promessa de prêmios, cominação de penalidades, sanções de todo o gênero, a fim de obrigar ou compelir os homens a evitar o mal e fazer o bem.

O homem, no presente estágio evolutivo, tem de ser *compelido*, física ou moralmente, para ser “bom” – por quê? Porque ainda não é *impelido* a ser bom. Onde não há *impulso* deve haver *compulsão*. *Compelir* denota um agente externo, *impelir* revela um agente interno. A ética compulsória é imperfeita e precária, embora necessária em certo nível evolutivo da humanidade. Mas, quando a compulsão externa cede lugar ao impulso interno, quando a lei é integrada no amor, deixa a ética de ser cruciante e sacrificial, para se tornar fácil, deleitosa, entusiástica.

O profano total não pratica a ética, nem por impulso interno nem por compulsão externa, porque é um analfabeto absoluto nos domínios do universo espiritual.

O homem semi-profano e semi-espiritual – quer dizer, o homem de boa vontade, mas ainda sem experiência pessoal de Deus – pratica ou procura praticar os preceitos éticos com o constante esforço de um herói que, dia a dia, hora por hora, vive a lutar contra a gravitação do seu Eu inferior; esse homem é

moralmente bom, embora não seja espiritualmente perfeito. A imensa maioria dos homens bons do presente século pertence a este grupo. São eles os autores da filosofia popular de que “todo o mal é fácil e todo o bem é difícil”, filosofia, certamente exata, quando considerada à luz da nossa evolução atual.

Entretanto, é fora de dúvida que não é nem pode ser este o estado final e definitivo da humanidade. O destino do homem não é ser *sacrificialmente bom*, mas sim *jubilosamente bom*, e, portanto, *bom e feliz*, como são todos os seres que já atingiram o “céu”, por terem feito o centro do seu pequeno Eu humano coincidir perfeitamente com o centro do grande Tu divino; todos eles sabem de ciência própria que essa concentricidade do querer da criatura e do querer do Creador não só faz o homem absolutamente *bom*, senão também integralmente *feliz*. De fato, o *ser-bom* em toda a sua plenitude e maturidade é idêntico ao *ser-feliz* em toda a sua extensão e intensidade. Todo ser integralmente bom é necessariamente um ser totalmente feliz, uma vez que a nossa felicidade não é outra coisa senão a perfeita harmonia, com as leis eternas, do nosso ser humano, leis essas essencialmente idênticas às leis que regem o universo. Estar em harmonia

com Deus é estar em harmonia com o Eu e com o Cosmos – e é precisamente nesta perfeita sintonização ou harmonia que consiste a nossa felicidade. Sendo que Deus é a íntima essência do meu ser humano e do ser do cosmos, é evidente que a harmonia com Deus implica necessariamente a harmonia comigo mesmo e com o mundo de Deus.

Se assim não fosse, o mundo de Deus não seria um cosmos de ordem e harmonia, mas sim um caos de desordem e desarmonia.

Nesse plano final da evolução, o imperativo categórico do *dever* é absorvido pelo optativo volitivo do *querer*. A lei é integrada no amor. A ética é sublimada em mística. Esse homem ama a lei, gosta de fazer o que deve, saboreia como suprema liberdade aquilo que aos outros amarga como escravidão da lei. Esse homem cumpre a mesma lei que os outros cumprem (ou não cumprem), mas cumpre-a de outro modo, cumpre-a livre e espontaneamente, quando outros a cumprem por entre queixumes e gemidos.

A verdadeira e definitiva redenção do homem vem do amor à lei, amor esse que supõe, naturalmente, a perfeita compreensão da alma da lei.

O corpo da lei é amargo – a alma da lei é suave.

O profano odeia a lei.

O homem meramente ético tolera a lei.

O homem espiritual ama a lei.

Para o primeiro, a lei é a grande inimiga.

Para o segundo, é uma soberana exigente.

Para o terceiro, é amiga querida.

O que não se faz com espontâneo amor, prazer e entusiasmo, não tem sólida garantia de perfeição e perpetuidade. Se o homem comesse, bebesse e dormisse só por ser de sua estrita obrigação ética, já não existiria homem vivo sobre a face da terra; se o homem, e em geral os seres orgânicos,

praticassem atos sexuais com fins de procriação apenas compelidos pelo inexorável imperativo do dever, já não haveria vestígio de vida orgânica no planeta Terra.

Mas, como as necessidades básicas do indivíduo e da espécie estão invariavelmente ligadas ao prazer, ou seja, a uma espécie de “felicidade” ou experiência de “bem-estar”, existe sólida garantia de perpetuidade do indivíduo através da espécie, porquanto o fim último de todo o ser é a sua felicidade. A felicidade não é um meio para algum outro fim, mas é um fim em si mesma.

Ninguém quer ser feliz para alguma coisa ulterior, como quer ganhar dinheiro ou procura trabalho ou empreende viagens; a felicidade tem a sua razão-de-ser dentro de si mesma, é auto-imanente, é o termo da jornada e de todas as jornadas do homem; ao passo que todas as outras coisas são apenas caminhos e meios que levam a esse termo feliz.

Por isto, quando o homem descobre a dulcíssima medula do amor no duríssimo invólucro da lei, estão garantidas a sua bondade e a sua felicidade indefectíveis, porque a inefável delícia que ele descobre em ser bom é infalível garantia da sua persistência no bem.

A última razão de perpetuidade da religião sobre a face da terra está no fato de aparecerem, periodicamente, grandes gênios de espiritualidade que conhecem a Deus por experiência pessoal e encontram intensa delícia em o “amarem de todo o coração, de toda a alma, de toda a mente e com todas as suas forças” –

homens cuja paixão metafísica e, se assim se pode dizer, cuja volúpia mística consiste nesse irresistível devotamento, nesse misterioso abismar-se na Divindade – são eles que garantem a perpetuidade da religião. Para eles, cumprir a vontade de Deus não é medicina amarga, mas sim um delicioso manjar, uma saborosa iguaria, um lauto banquete, uma festa nupcial, uma extasiante sinfonia musical, no dizer de Jesus, que, de vasta e profunda experiência pessoal, sabia dessa inefável beatitude de ser integralmente bom.

Se não houvesse esses excelsos ébrios da Divindade e iniciados no reino de Deus, a religião já estaria extinta, porque os cumpridores da ética cruciante e sacrificial não ofereceriam suficiente garantia para sua perpetuação; sucumbiriam, cedo ou tarde, ao peso da cruz da sua moralidade obrigatória.

Felizmente, o vasto incêndio espiritual dos místicos irradia da sua inesgotável plenitude calor suficiente para manter o nível da temperatura religiosa nas zonas frígidas circunjacentes, e, não raro, lança do seu seio fagulhas ígneas que ateiam novos incêndios nas almas receptivas, que contenham em si o necessário combustível para receber e manter o fogo sagrado da humanidade

espiritual. Há quase vinte séculos que o maior desses homens-incêndio preserva o gênero humano da morte de congelamento espiritual, graças à intensidade do fogo divino de que ele estava repleto.

O homem plenamente espiritual é o rei dos realistas. Ele não mente, não engana, não mata, não rouba, não adultera, não explora, não odeia, não é egoísta, simplesmente porque já não pode fazer estas coisas, que lhe são profundamente anti-naturais, anti-biológicas, anti-vitais, horríveis, feias, ingratas, positivamente impossíveis. Por outro lado, esse homem integralmente bom experimenta todas as coisas boas como gratas, deleitosas, belas, estéticas, queridas; ser-bom é para ele ser-belo, ser-feliz.

Esse homem transcendeu todos os problemas negativos...

Descobriu o elixir da felicidade...

Entrou no reino de Deus...

SÓ PODE AFIRMAR O MUNDO

QUEM NEGOU O MUNDO

“*Das Christentum ist eine Weltbejahung, die durch Weltverneinung hindurchgegangen ist*” – esta frase lapidar de Albert Schweitzer é a síntese de toda a filosofia do Cristianismo. De fato “o Cristianismo é uma afirmação do mundo que passou pela negação do mundo”.

E o que vale do Cristianismo em geral vale de todo o cristão em particular, quer dizer, do cristão genuíno e integral.

Ninguém é realmente cristão sem ter cumprido dois requisitos essenciais: 1) ter negado radicalmente o mundo, e 2) afirmar positivamente o mundo.

Quem afirma o mundo sem o ter negado, é materialista, idólatra, anti-cristão.

Quem nega o mundo sem o afirmar é asceta, cumpridor da parte negativa, mas não da parte positiva do Cristianismo.

Só quem afirma depois de ter negado, é que é cristão verdadeiro. Claro está que a afirmativa não é uma revogação da negativa, mas é o complemento dela; a negação é condição essencial para a verdadeira afirmação; é a desobstrução do canal para que as águas possam fluir através dele.

Negar o mundo equivale a ser “pobre de espírito” e “puro de coração”, no dizer do divino Mestre. É o que Mahatma Gandhi chama “*self-purification*”, quer dizer, o desapego consciente, livre e definitivo de todas as coisas do mundo; e, como o mundo *externo* revela a sua obsessão principalmente pelo mundo *interno*, na forma do nosso Eu individual, do nosso idolatrado egoísmo, da nossa inveterada egolatria, consiste a negação do mundo essencialmente na negação do Eu, na voluntária e definitiva *desegoficação*, o que equivale à proclamação do altruísmo, do amor incondicional e universal.

O único impedimento do triunfo de Deus em minha vida é a prepotência do Eu.

Uma vez que me esvazio do Eu, posso ser enchido de Deus; mas, antes dessa ego-evacuação, não pode haver teo-plenitude.

Deus não enche o que está cheio – só enche o que está vazio. A teo-plenitude está na razão direta da minha ego-vacuidade, e na razão inversa da minha ego-plenitude, ou seja, do meu egoísmo.

A ego-evacuação, ou desegoficação, é tarefa do homem – a teo-plenitude é obra da graça divina.

Ninguém pode *receber* sem ser *receptivo* – mas a criação da receptividade consiste essencialmente na evacuação do Ego, na abolição do egoísmo em todas as suas formas: individual, nacional e eclesiástico.

Sendo que o Cristianismo é a proclamação e o estabelecimento do reino de Deus no homem e na humanidade, é evidente e matematicamente certo que supõe, como condição indispensável a derrota do reino do ego. Não podem coexistir o reino de Deus e o império do ego. Ou Deus derrota o ego – ou o ego derrota a Deus.

O Cristo do amor é incompatível com o Satanás do egoísmo.

Há quem se limite ao primeiro ponto do programa: a ego-evacuação, ou desegoficação. Há quem veja a plenitude do Cristianismo no fato de renunciar ao mundo e a tudo que o mundo possa oferecer: dinheiro, fama, prazer, família, sociedade, *etc.* O asceta é um desertor do mundo e do Ego – mas não é necessariamente um cristão integral; é possível que tenha dado o primeiro passo rumo ao Cristianismo, e não ter encontrado o Cristo; que tenha desobstruído os canais por onde possam fluir as águas da vida eterna, mas que não tenha descoberto uma fonte a ser canalizada para dentro desses canais abertos.

A negação do mundo e do Ego é condição indispensável para o advento do reino de Deus – mas não é ainda esse reino.

De resto, é necessário evitar uma perigosa ilusão. A verdadeira negação do mundo não consiste no abandono *externo* das coisas do mundo – consiste essencialmente no desapego e desprendimento *interno* de tudo que não é

Deus; é uma libertação espiritual, uma emancipação de qualquer desejo de possuir algo por causa de si mesmo, como um fim em si, e não como um meio para um fim superior. No caso que essa proclamação de independência interna não seja possível sem a renúncia aos bens externos, é claro que o escravo das suas posses deve ter também a sobre-humana coragem de abrir mão dessas posses externas a fim de poder entrar no gozo da liberdade interna – e neste ponto há muita auto-ilusão. É tremendamente difícil ao homem ser integralmente sincero consigo mesmo; muitos, muitíssimos, se persuadem, feitosa e suavemente, que são interiormente livres, embora sejam possuidores de bens externos – quando, na realidade, não são possuidores desses bens, mas possuídos dos mesmos, escravos daquilo que parecem possuir. A verdadeira “pobreza do espírito” e “pureza de coração” não consiste num fato *objetivo* mas numa atitude *subjetiva*. Para Deus é absolutamente indiferente *o que* eu possua ou não possua – mas não lhe é indiferente *o modo como* o possuo ou desejo possuir. Não é um milhão de cruzeiros que me faz escravo,

mas é o modo como eu possuo esse milhão, ou mesmo um único cruzeiro, é isto que me faz ou escravo ou livre.

O que é essencial e decisivo é que o homem nada possua ou deseje possuir *internamente*, quer dizer, que não possua ou deseje possuir coisa alguma como um fim em si mesmo, mas tão somente como um meio para outro fim, para o único fim supremo, Deus. Quem tudo possui em Deus e segundo Deus é “pobre de espírito” e “puro de coração”, sejam quais forem as suas posses externas.

Despossuir-se externamente das coisas não é, de per si, necessário – nem seria suficiente, para ser um cristão genuíno e integral. O que é essencialmente necessário, e também suficiente, é o desposseimento interno, o desapego da alma de todas as coisas possuídas ou possuíveis.

Pode o milionário ser livre daquilo que possui – e pode o mendigo ser escravo daquilo que não possui, mas deseja possuir desordenadamente.

Propriamente, não há mal em *possuir* – todo o mal está em ser *possuído*. De fato, não sou possuidor daquilo de que sou possuído; pois, o que me possui é meu proprietário e soberano senhor, e eu sou seu súdito, escravo e vítima.

Entre as palavras *possuído* e *possuidor* existe apenas a pequenina diferença de uma letra, de um “r”, mas este “r” é o “r” da “redenção”: sem ele sou um irredento, com ele sou um redento, um possuído ou um possuidor, um escravo ou um soberano.

O verdadeiro cristão é um afirmador do mundo que passou pela negação do mundo.

CARACTERES-ARGILA, CARACTERES-CRISTAL,

CARACTERES-AÇO

O leitor que nos seguiu até aqui, já deve ter percebido que existem três classes de homens, no que tange a sua evolução interna: os *profanos*, os *iniciandos* e os *iniciados*. Sendo que os do segundo grupo se acham entre os do primeiro e do último, resolvemos chamar-lhes “iniciandos”, quer dizer, seres em vias de iniciação, ou iniciáveis. Não quer isto dizer que, de fato, venham a ser iniciados, uma vez que, em qualquer ponto intermediário da longa jornada entre a completa profanidade e a definitiva iniciação, existe a possibilidade do regresso, da apostasia, da decaída.

De acordo com esses três estágios evolutivos, distinguem-se entre os homens três tipos de caráter, que resolvemos qualificar simbolicamente como homens 1) de *caráter-argila*, 2) de *caráter-cristal* 3) e de *caráter-aço*.

1 – Caracteres-argila

Que forma tem a argila? o barro mole? Nenhuma. É essencialmente amorfa, mas suscetível de qualquer forma que se lhe queira imprimir. Sendo que a argila não possui, em virtude da sua natureza, forma alguma própria, intrínseca, aceita toda e qualquer forma alheia, extrínseca – perdendo-a também com a mesma facilidade.

O homem profano é exatamente como a argila amorfa e formável. Não tem forma específica, não possui caráter certo, mas é amoldável a todas as

ambiências. O homem profano não possui centro próprio, e, por isto mesmo, não pode guardar fidelidade a si mesmo, porque não possui um “Eu central”

que lhe possa servir de eixo, foco ou, centro de gravitação. Falta-lhe aquilo que se chama “personalidade”. Ele não é propriamente uma pessoa, é apenas um indivíduo. É, a bem dizer, um “ninguém”, e é por isto mesmo que pode vir a ser tudo. O homem de caráter-argila vive em permanente adultério ou divórcio consigo mesmo – ou melhor, é vítima de uma constante e ilimitada “prostituição espiritual”. Qualquer aragem de opinião pública dá com ele em terra. Abandona hoje o que ontem abraçou, e vai apostatar amanhã daquilo que hoje adora.

Anda sempre disperso e derramado pelo mundo inteiro, mas nunca está “em casa” concentrado dentro do próprio Eu – também, como podia esse homem estar com seu Eu, se esse Eu não existe propriamente? O homem profano não é, de fato, uma pessoa, mas antes uma coisa, ou até muitas coisas

ligeiramente conexas. Pratica um esporte *sui generis*: aplaude de manhã as idéias de um orador ou escritor, para trocá-las ao meio-dia por uma ideologia oposta, a qual à noite vai ser sacrificada por uma mensagem diferente. Como as primitivas amebas, sabe ele assumir todas as formas imagináveis. Como o interessante camaleão, absorve rapidamente as cores do ambiente. O homem-argila é antes um *processo transitório* do que uma *substância permanente*.

Esse homem é a mais infeliz das criaturas, objetivamente considerado, e tanto mais infeliz quanto mais ele ignora essa sua enorme infelicidade, porque é incapaz de enxergar o abismo da sua miséria. Não é ainda um ser humano especificamente definido, é antes matéria-prima para algum homem possível, espécie de embrião ou feto em vias de evolução, recebendo todos os elementos plásticos do seio materno através do cordão umbilical. É *vivido* pelo organismo da mãe, não *vive* propriamente vida individual.

O mundo de hoje está repleto de homens “nascituros” desse gênero, homens sem personalidade própria, sem a menor independência de espírito, homens que pensam pela cabeça dos outros, pelas colunas dos jornais, pelas ondas

do rádio, pelos boatos das esquinas, pelo estado fortuito dos seus nervos, pelas secreções endócrinas de certas glândulas, pelo conteúdo momentâneo do estômago, pelas oscilações do termômetro e do barômetro, *etc.* E, mesmo que pensem por vezes, muito antes de começarem a pensar, já sabem perfeitamente o que deve ser pensado naquelas 24 horas...

Esses homens pertencem, propriamente, como dizíamos, à classe dos moluscos, ou moluscóides ou – outros invertebrados primitivos...

2 – *Caracteres-cristal*

Horrorizado do amorfismo dos homens-argila, procuram outros criar dentro de si um caráter rigorosamente definido, acabando por cristalizar o seu Eu numa forma estritamente determinada, com faces e arestas precisas e inconfundíveis. São, de fato, como cristais, cujas facetas e arestas não podem ser modificadas sem quebrar o cristal todo.

Esses homens têm “personalidade”, possuem um “Eu” certo, giram em torno dum eixo nitidamente conhecido, e não se desviam, em hipótese alguma, dessa trajetória de precisão matemática. Ao invés dos homens-argila, que só conhecem *fins*, esses homens-cristal têm *princípios*, normas certas e definidas, e são capazes de sacrificar todos os fins do plano horizontal da vida pela inexorável verticalidade dos seus princípios morais. A sua vida decorre como que sobre um fio de navalha, retilínea, austera, sem compromissos, nem vacilações para a direita ou para a esquerda. Nada sabem das manobras curvilíneas dos penumbristas e moluscos furtacores, dos mercadores de consciência e dos traficantes de caráter. A vida desses homens de retilínea austeridade pode parecer amarga e triste aos de fora, e, de fato, ela nada tem

de comum com o dia risonho e ensolarado de milhares de outros; assemelha-se antes a uma noite, uma noite estrelada cheia de trevas, é verdade, mas também repleta de magia e de encantos ignorados pelos cultores da vida fácil.

Para o verdadeiro homem-cristal, os longínquos mistérios dos astros da meia-noite têm maior fascínio do que, para o homem comum, as coisas propínquas do meio-dia.

Entre os santos, os profetas, os místicos, os grandes gênios da filosofia e da religião, tem havido muitos desses homens, e, se houve progresso real na humanidade, é devido, sobretudo, a esses homens-elite, porque só eles possuem a necessária voltagem para arrancar o homem-massa da sua inércia rotineira e do seu conformismo inoperante, lançando-o para dentro do campo magnético de uma vida dinâmica capaz de transformar a face da terra.

Esses homens, porém, são, por via de regra, vítimas da sua própria missão, devido, não só à incompreensão e descompreensão das massas, como também, e antes de tudo, ao próprio caráter da sua grande missão. São vítimas da sua própria espiritualidade, porque o seu Eu individual, o seu pequeno Ego humano, é a tal ponto absorvido pelo grande Tu divino, que deles se serve de instrumentos e canais, que já não podem gozar como o homem comum as coisas boas e belas da vida cotidiana. Vivem à margem da vida. Trilham veredas à parte, sendas solitárias, não frequentadas pelos ruidosos turistas da vida comum... Não conhecem as estradas gerais da turbamulta... São surdos ao ruído profano dos prazeres... Não se interessam pelo carnavalesco *jazz-band* de seus companheiros de outrora... A vida desses homens-cristal está repleta do silêncio da Divindade, da vasta solidão do Eterno, da luz estelar do Infinito, do sonoro Saara da oração, das longínquas vias-lácteas duma beatitude inefável de que os profanos nada suspeitam...

De maneira que a vida do homem-cristal, embora pareça tenebrosa e triste, é, na realidade, uma vida profundamente bela e feliz, ainda que a sua beleza e felicidade sejam de uma natureza completamente diferente daquilo que o analfabeto da espiritualidade entende com estas palavras. Nem há possibilidade de dar ao profano uma idéia dessa silenciosa beatitude do iniciando, ou semi-iniciado, como impossível seria explicar a um cego de nascença o que seja luz ou a um surdo o que seja música. O certo é que nenhum desses austeros peregrinos da renúncia estaria disposto a trocar a sua

“bela tristeza” pela “horrorosa alegria” dos gozadores superficiais...

3 – *Caracteres-aço*

Depois da descrição que fizemos do homem-cristal, nada parece sobrar para uma terceira classe de caracteres. E, no entanto, essa classe existe, embora sejam relativamente poucos os homens que a ela pertencem, no presente estágio da nossa evolução. No futuro, porém, é certo, maior número de homens fará parte desses caracteres,

O maior dentre os filhos dos homens, aquele que gostava de se apelidar a si mesmo o “filho do homem” – ou seja, a Flor da Humanidade – não era da primeira nem da segunda classe acima descritas. O caráter dele era como que de aço de lei, duríssimo e ao mesmo tempo flexível como uma mola. O

homem-argila, embora plasmável, não possui dureza e fidelidade a si mesmo.

O homem-cristal, duríssimo, é destituído de flexibilidade e adaptabilidade, vivendo em permanente guerra com a sociedade. O homem-aço possui do cristal a dureza e da argila a plasticidade. Guia-se pela retilínea inexorabilidade das normas eternas, mas sabe adicionar a essa dura intransigência a sutil adaptabilidade ao ambiente humano. Nunca e em hipótese alguma, esse homem sacrifica os seus princípios para alcançar algum fim; não pactua jamais com o contrário, não aceita compromissos covardes, ignora ambíguas venalidades e penumbrismos oportunistas, guia-se indeclinavelmente por um código de moral absoluto e imutável – em tudo isto é ele irmão do homem-cristal – mas, como dizíamos, o homem de caráter-aço possui a soberana faculdade de se adaptar externamente a todas as conveniências e ambiências sociais do momento. Ele, sem ser infiel a si mesmo, sabe ser tudo para todos, ignorante com os ignorantes, sábio com os sábios, criança com as crianças, sabe chorar com os tristes e rir com os alegres. Não é um estóico insensível às alegrias e aos sofrimentos da humanidade em derredor; não recusa sentar-se à mesa do banquete com “publicanos e pecadores”, nem desdenha aceitar as ardentes homenagens de uma “pecadora pública possessa de sete demônios”

que venha banhar-lhe os pés com as lágrimas dos seus olhos, enxugá-los com a seda macia da sua cabeleira, cobri-los de beijos e ungi-los com perfumosas essências – tudo isto pode o homem-aço permitir serenamente, sem prostituir o divino santuário de sua alma, sem se divorciar dos seus ideais eternos, sem, cometer adultério contra si mesmo; porque o caráter

desse homem é como um raio solar que penetra nas mais imundas sentinas sem levar daí o mais ligeiro laivo de impureza ou contaminação; por menos que os fariseus da frígida legalidade valham compreender tão estranho procedimento.

Ser tudo para todos, sem apostatar de Deus e do seu próprio Eu espiritual, é tão imensamente difícil e supõe tão completa maturidade do espírito, que a maior parte dos homens sinceros faz bem em salvar os seus princípios eternos mesmo sob pena de entrar em conflito com todos e viver à margem da sociedade. É tarefa sobre-humana ser um santo e querer, ao mesmo tempo, ser um elegante cavalheiro de salão a divertir uma turbamulta de profanos e dizer brilhantes vacuidades por espaço de horas a fio, como a sociedade mundana espera de seus filhos e escravos...

Entretanto, é necessário que o iniciado não procure acintosamente fazer da sua espiritualidade um *tabu*, uma torre de marfim em que se isole hermeticamente contra o mundo profano; é necessário que o homem espiritual, único elemento de que o mundo pode esperar redenção, não fuja do mundo e

se acastele por detrás das muralhas maciças de uma clausura impenetrável.

Pode a espiritualidade degenerar no pior e mais requintado dos egoísmos humanos, como acontece todas as vezes que o homem faz de si uma exceção da regra, um não-me-toque, uma intangível sacralidade, cercandose, talvez inconscientemente, de uma atmosfera polar de secreto menosprezo de tudo e de todos que não pertençam à sua elite. É indizivelmente difícil não contaminarmos de sutil orgulho a nossa espiritualidade. A mais difícil, como também a mais bela de todas as coisas belas é uma espiritualidade espontaneamente humilde e sinceramente natural.

O que a humanidade de hoje necessita mais do que tudo é de santos da rua, santos da praça pública, santos dos escritórios, das fábricas, da política –

homens que se guiem por um código absoluto de honestidade, homens que possuam a visão clara do Eterno, a experiência do Infinito, a permanente comunhão com Deus, e ao mesmo tempo vivam a vida normal do homem

comum, interessando-se vivamente por tudo que pertença à vida humana normalmente vivida.

São esses homens os verdadeiros arautos do reino de Deus, os únicos de que a humanidade de amanhã pode esperar dias melhores e mais felizes.

São eles, esses místicos dinâmicos, os iniciados perfeitos e integrais.

POST SCRIPTUM

Muitos dos leitores deste livro que tiveram a coragem de avançar até aqui, estarão escandalizados com as “heresias” que o autor apresentou.

Para esses vou acrescentar umas palavrinhas de explicação e, quiçá, de reconciliação.

Meus caros amigos “ortodoxos”. Eu não tenho intenção alguma, como, aliás, já frisei no prefácio, de lhes arrancar do coração uma “fé” sem a qual a sua vida seria horrivelmente frígida e insuportável. Pelo contrário, recomendo-lhes sinceramente que conservem e cultivem a sua “fé”, enquanto dela necessitarem para sua tranquilidade e consolação interior. Esse apego ferrenho ao que apelidam a sua “fé” é sinal certo de que dela necessitam ainda; que sem ela seriam infelizes, como que suspensas no vácuo, sem base sólida sob os pés. Ninguém deve abandonar uma idéia ou uma doutrina antes que o possa fazer com espontânea naturalidade e sem nenhuma dilaceração interior.

Enquanto uma fruta está muito presa à haste, é sinal, geralmente, de que ainda não está madura, Só se deve abandonar uma idéia ou uma doutrina quando se pode fazê-lo sem nenhuma violência psíquica, sem nenhuma hemorragia moral, com espontânea facilidade e verdadeira alegria de espírito, porque isto é prova de que chegou o tempo da maturidade e que a alma está pronta para um novo passo, rumo ao reino de Deus.

Quando o bicho da seda chegou ao termo da sua vida de lagarta, enclausura-se num casulo de fios de seda, que tira da própria boca, não para ficar sempre nesse invólucro, mas para proteger o seu misterioso sono de crisálida contra possíveis inimigos externos, e, destarte, preparar tranquilamente o seguinte estágio da sua evolução. Seria insipiência não querer enclasurar-se no casulo protetor – e insipiência não menor seria não querer, a seu tempo, romper o sedoso invólucro a fim de atingir a sua metamorfose final de borboleta alada.

Enquanto o leitor sentir a necessidade interna de repousar dentro do seu lindo casulo, tecido da substância da sua filosofia e teologia, não saia desse abrigo acolhedor. Não se esqueça, todavia, de que qualquer casulo de humana teologia e exegese, por mais lindo e sólido, não passa de um “meio”, e não é um “fim” em si mesmo, e tem de ser usado tanto quanto servir para a consecução do fim supremo e último do homem, que é o pleno conhecimento, amor e posse do reino de Deus. Seja, pois, o leitor sincero consigo mesmo, tanto no “conservar” como no “abandonar” qualquer sistema de pensamento,

de conformidade com o seu destino supremo. Não idolatre, não se enamore, não se agarre fanaticamente a nenhuma filosofia, teologia ou exegese. Deus é absoluto e definitivo, mas todos os nossos conhecimentos sobre Deus e seu reino são relativos e em constante evolução.

Não pense, pois, o caro leitor que eu lhe queira arrancar as muletas de que se serve para andar nos caminhos de Deus. Use as suas muletas enquanto lhe forem necessárias nessa longa jornada – mas não se esqueça de que elas são um meio, e não um fim em si mesmas. Bem sei que é melhor andar de muletas do que ficar estendido à beira da estrada. Nada tenho contra suas muletas; tolero-as enquanto necessárias – estou interessado unicamente em ajudá-la a adquirir saúde perfeita, em encher de vigor espiritual a sua alma. No dia e na hora em que meu ignoto amigo tiver adquirido essa saúde e esse vigor, não lhe darei ordem para jogar fora as suas muletas – porque o amigo já as terá abandonado espontaneamente e correrá jubilosamente nos caminhos do reino de Deus.

No caso que o irmão em Cristo não possa ainda compreender o sentido desta linguagem simbólica, nem tenha a coragem e a humildade de aceitar o que lhe digo, não se irrite nem se revolte contra o autor deste livro – mas retire-se frequentemente à intensa oração e abisme-se profundamente na comunhão com Deus...

E compreenderá...

ÍNDICE

SINTONIZANDO...

VERDADES FUNDAMENTAIS

MATURIDADE

DEUS EM NÓS

COMO ACHAR A DEUS?

PERCEBER O INVISÍVEL NO VISÍVEL

SÓ O CONDUZIDO PODE CONDUZIR

PATERNIDADE DE DEUS E FRATERNIDADE DOS HOMENS

CREDO-GAIOLA OU CREDO-BANDEIRA?

FÉ CARIMBADA

ANÁLISE – OU SÍNTESE?

QUEM É GRANDE?

POLARIDADE

DE FORA – DE DENTRO

SERENIDADE ESPIRITUAL

SABER É SABOREAR A DEUS

ILUMINAÇÃO INTERNA

INTELECTIVO – INTUITIVO

CUIDADO COM A ANÁLISE!

PAZ! PAZ! PAZ!

NÃO LHE DÊS CRÉDITO

HERÓIS ANÔNIMOS

ABUSAR, RECUSAR, USAR

CREDO QUIA ABSURDUM!

O NOVO INÍCIO

DE GRAÇA

SAÚDE CONTAGIOSA

UNIDADE – MULTIPLICIDADE

NÃO BUSQUES O MUNDO – E O MUNDO TE BUSCARÁ!

GUARDA O QUE TENS – E PASSA ALÉM!

NO PRINCÍPIO ERA O NADA – OU O TUDO?

PROFANO, ÉTICO, ESPIRITUAL

O DRAMA DE EROS

HÁ UM INFERNO? O INFERNO É ETERNO?

O DEUS DO MUNDO NO MUNDO DE DEUS

POR QUE SOU INFELIZ

FELICIDADE? NÃO: FELICIDADE IMPERTURBÁVEL!

DELE, NELE, PARA ELE...

REALIDADE – OU REALIDADES?

FORÇA DO ESPÍRITO VERSUS ESPÍRITO DA FORÇA

SÓ PODE CONDUZIR QUEM É CONDUZIDO

QUANDO A ÉTICA DEIXAR DE SER DOLOROSA...

SÓ PODE AFIRMAR O MUNDO QUEM NEGOU O MUNDO

CARACTERES-ARGILA, CARACTERES-CRISTAL, CARACTERES-
AÇO

POST SCRIPTUM



HUBERTO ROHDEN

VIDA E OBRA

Nasceu na antiga região de Tubarão, hoje São Ludgero, Santa Catarina, Brasil em 1893. Fez estudos no Rio Grande do Sul. Formou-se em Ciências, Filosofia e Teologia em universidades da Europa – Innsbruck (Áustria), Valkenburg (Holanda) e Nápoles (Itália).

De regresso ao Brasil, trabalhou como professor, conferencista e escritor.

Publicou mais de 65 obras sobre ciência, filosofia e religião, entre as quais várias foram traduzidas para outras línguas, inclusive para o esperanto; algumas existem em braile, para institutos de cegos.

Rohden não está filiado a nenhuma igreja, seita ou partido político. Fundou e dirigiu o movimento filosófico e espiritual Alvorada.

De 1945 a 1946 teve uma bolsa de estudos para pesquisas científicas, na Universidade de Princeton, New Jersey (Estados Unidos), onde conviveu com Albert Einstein e lançou os alicerces para o movimento de âmbito mundial da Filosofia Univérsica, tomando por base do pensamento e da vida humana a constituição do próprio Universo, evidenciando a afinidade entre Matemática, Metafísica e Mística.

Em 1946, Huberto Rohden foi convidado pela *American University*, de Washington, D.C., para reger as cátedras de Filosofia Universal e de Religiões Comparadas, cargo esse que exerceu durante cinco anos.

Durante a última Guerra Mundial foi convidado pelo *Bureau of Inter-American Affairs*, de Washington, para fazer parte do corpo de tradutores das notícias de

guerra, do inglês para o português. Ainda na *American University*, de Washington, fundou o *Brazilian Center*, centro cultural brasileiro, com o fim de manter intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos.

Na capital dos Estados Unidos, Rohden frequentou, durante três anos, o *Golden Lotus Temple*, onde foi iniciado em *Kriya Yôga* por Swami Premananda, diretor hindu desse *ashram*.

Ao fim de sua permanência nos Estados Unidos, Huberto Rohden foi convidado para fazer parte do corpo docente da nova *International Christian University* (ICU), de Metaka, Japão, a fim de reger as cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas; mas, por causa da guerra na Coréia, a universidade japonesa não foi inaugurada, e Rohden regressou ao Brasil. Em São Paulo foi nomeado professor de Filosofia na Universidade Mackenzie, cargo do qual não tomou posse.

Em 1952, fundou em São Paulo a Instituição Cultural e Beneficente Alvorada, onde mantinha cursos permanentes em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia, sobre Filosofia Univérsica e Filosofia do Evangelho, e dirigia Casas de Retiro Espiritual (*ashrams*) em diversos Estados do Brasil.

Em 1969, Huberto Rohden empreendeu viagens de estudo e experiência espiritual pela Palestina, Egito, Índia e Nepal, realizando diversas conferências com grupos de yoguis na Índia.

Em 1976, Rohden foi chamado a Portugal para fazer conferências sobre autoconhecimento e auto-realização. Em Lisboa fundou um setor do Centro de Auto-Realização Alvorada.

Nos últimos anos, Rohden residia na capital de São Paulo, onde permanecia alguns dias da semana escrevendo e reescrevendo seus livros, nos textos definitivos. Costumava passar três dias da semana no *ashram*, em contato com a natureza, plantando árvores, flores ou trabalhando no seu apiário-modelo.

Quando estava na capital, Rohden frequentava periodicamente a editora responsável pela publicação de seus livros, dando-lhe orientação cultural e inspiração.

À zero hora do dia 8 de outubro de 1981, após longa internação em uma clínica naturista de São Paulo, aos 87 anos, o professor Huberto Rohden

partiu deste mundo e do convívio de seus amigos e discípulos. Suas últimas palavras em estado consciente foram: “Eu vim para servir à Humanidade”.

Rohden deixa, para as gerações futuras, um legado cultural e um exemplo de fé e trabalho, somente comparados aos dos grandes homens do século XX.

RELAÇÃO DE OBRAS DO PROF.

HUBERTO ROHDEN

COLEÇÃO FILOSOFIA UNIVERSAL:

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DA ANTIGUIDADE

A FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA

O ESPÍRITO DA FILOSOFIA ORIENTAL

COLEÇÃO FILOSOFIA DO EVANGELHO:

FILOSOFIA CÓSMICA DO EVANGELHO

O SERMÃO DA MONTANHA

ASSIM DIZIA O MESTRE

O TRIUNFO DA VIDA SOBRE A MORTE

O NOSSO MESTRE

COLEÇÃO FILOSOFIA DA VIDA:

DE ALMA PARA ALMA

ÍDOLOS OU IDEAL?

ESCALANDO O HIMALAIA

O CAMINHO DA FELICIDADE

DEUS

EM ESPÍRITO E VERDADE

EM COMUNHÃO COM DEUS

COSMORAMA

PORQUE SOFREMO

LÚCIFER E LÓGOS

A GRANDE LIBERTAÇÃO

BHAGAVAD GITA (TRADUÇÃO)

SETAS PARA O INFINITO

ENTRE DOIS MUNDOS

MINHAS VIVÊNCIAS NA PALESTINA, EGITO E ÍNDIA

FILOSOFIA DA ARTE

A ARTE DE CURAR PELO ESPÍRITO. AUTOR: JOEL GOLDSMITH

(TRADUÇÃO)

ORIENTANDO

“QUE VOS PARECE DO CRISTO?”

EDUCAÇÃO DO HOMEM INTEGRAL

DIAS DE GRANDE PAZ (TRADUÇÃO)

O DRAMA MILENAR DO CRISTO E DO ANTICRISTO

LUZES E SOMBRAS DA ALVORADA

ROTEIRO CÓSMICO

A METAFÍSICA DO CRISTIANISMO

A VOZ DO SILÊNCIO

TAO TE CHING DE LAO-TSÉ (TRADUÇÃO)

SABEDORIA DAS PARÁBOLAS

O QUINTO EVANGELHO SEGUNDO TOMÉ (TRADUÇÃO)

A NOVA HUMANIDADE

A MENSAGEM VIVA DO CRISTO (OS QUATRO EVANGELHOS
TRADUÇÃO) RUMO À CONSCIÊNCIA CÓSMICA

O HOMEM

ESTRATÉGIAS DE LÚCIFER

O HOMEM E O UNIVERSO

IMPERATIVOS DA VIDA

PROFANOS E INICIADOS

NOVO TESTAMENTO

LAMPEJOS EVANGÉLICOS

O CRISTO CÓSMICO E OS ESSÊNIOS

A EXPERIÊNCIA CÓSMICA

COLEÇÃO MISTÉRIOS DA NATUREZA:

MARAVILHAS DO UNIVERSO

ALEGORIAS

ÍISIS

POR MUNDOS IGNOTOS

COLEÇÃO BIOGRAFIAS:

PAULO DE TARSO

AGOSTINHO

POR UM IDEAL – 2 VOLS. AUTOBIOGRAFIA

MAHATMA GANDHI

JESUS NAZARENO

EINSTEIN – O ENIGMA DO UNIVERSO

PASCAL

MYRIAM

COLEÇÃO OPÚSCULOS:

SAÚDE E FELICIDADE PELA COSMO-MEDITAÇÃO

CATECISMO DA FILOSOFIA

ASSIM DIZIA MAHATMA GANDHI (100 PENSAMENTOS)

ACONTECEU ENTRE 2000 E 3000

CIÊNCIA, MILAGRE E ORAÇÃO SÃO COMPATÍVEIS?

CENTROS DE AUTO-REALIZAÇÃO